

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23253

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEXTA-FEIRA 1 JUNHO 90 70\$00

De Bruxelas, com amor

100 milhões para auxílio à educação dos portugueses

Do nosso correspondente, José Rui Cunha

Portugal vai receber da CEE 100 milhões de contos destinados a financiar o Programa de Desenvolvimento Educativo 1990 - 1993 (PRODEP), orçado em 171 milhões de contos. Esta iniciativa destina-se a contribuir para a recuperação do nosso País em termos educativos, de forma a que, pelo menos na próxima geração, se consiga atingir o nível dos outros membros da Comunidade. O fi-

nanciamento foi concedido após a intervenção que o ministro da Educação, Roberto Carneiro, fez ontem na reunião do Conselho da Educação, em Bruxelas, e que foi muito aplaudida. O governante português defendeu que os programas escolares devem reflectir as transformações para a liberdade e para a democracia que estão a ocorrer em toda a Europa.

Pág. 15

Independências Lituânia recua Quebec avança

O Conselho de Ministros da Lituânia decidiu suspender as medidas adoptadas após a declaração de independência, tentando negociar com Moscovo, enquanto no Canadá, alegando o desrespeito às suas tradições francófonas, o Quebec ameaça com a secessão.

Pág. 11



Gorbachev em Washington, rodeado por dezenas de guarda-costas, quando decidiu passear a pé pelas ruas

Gorbachev com Bush

Alemanha vai ficar por resolver

As diferenças de posições, sobretudo em relação ao futuro da Alemanha unida, não impediram o Presidente Bush de reconhecer, após os encontros de ontem com o seu homólogo soviético, no âmbito da Cimeira de Washington, que «grandes progressos tinham sido feitos no melhoramento das relações bilaterais. Gorbachev, durante um encontro com jornalistas, afirmaria: «Penso que não é aqui que a questão alemã será resolvida». Mas quanto à questão dos armamentos, parece não haver problemas. Ao fim da tarde, ambos os Presidentes assinaram os acordos respectivos, estando previstos, para ainda este ano, mais dois encontros entre Bush e Gorbachev. A opinião dos observadores é a de que se assiste ao nascimento de uma Primavera da paz.

Pág. 11



Jovem espancado por falta de bilhete

Teve alta hospitalar esta manhã o jovem que, ontem à tarde, foi espancado na estação da Amadora. Na origem da brutal atitude dos funcionários ferroviários esteve tão só o facto de um revisor concluir que o bilhete que o passageiro tinha em seu poder era insuficiente. Levado para a estação, foi espancado por três ou quatro revisores. O facto gerou grande revolta entre os populares, que se concentraram junto da estação, sendo afastados pela polícia de intervenção que, ao princípio da noite, voltou a a intervir, pois os populares insistiam em vingar a agressão de que fora vítima o passageiro.

Pág. 13

Mário Raposo ao DL

«Não serei um Provedor acomodaticio»

Pág. 8



Discreta mas não secreta a maçonaria portuguesa

Págs. 2 a 4

Clima aquece Portugal

Págs. 16 a 18

Escândalo da Saúde: cenas dos actuais capítulos

Pág. 6

Congresso PS/Açores: serviço especial de Gustavo Moura

Pág. 6

A Mosca propaga os benefícios do tabaco

Suplemento

Lotaria Nacional

1.º 48 470

2.º 11 433

3.º 36 635



GRANDE
ANGULAR

O Grande Oriente Lusitano vai amanhã às urnas: Ramon de La Féria já garantiu o lugar de grão-mestre, depois de Santinho Cunha ter sido afastado, num «golpe de secretaria». Mas há muitos maçons fartos das regras de sigilo, ateísmo e ligação privilegiada ao PS

Maçonaria à beira de nova cisão

A rejeição da candidatura de Santinho Cunha e Nuno Godinho de Matos para a direcção do Grande Oriente Lusitano avolumou o descontentamento entre os maçons. Alguns querem «abrir ao mundo profano», acabando com uma regra de silêncio incómoda, pretendem integrar-se em «toda a Europa», incluindo o Leste, onde as lojas ressurgem com a mesma pujança que os partidos políticos. Defendem a existência de católicos, discordam do domínio que o PS tem exercido sobre a organização e, derrotados «na secretaria», não rejeitam a hipótese de deixar o Grande Oriente Lusitano «entregue à velha guarda, nascida com a República».

Eram duas as candidaturas às eleições que amanhã se realizam, para substituir Raúl Rego: por um lado Ramon de La Féria com Sousa Dias como grão-

mestre adjunto, por outro Santinho Cunha com Nuno Godinho de Matos. O Supremo Tribunal Maçónico rejeitou a segunda lista, «por aspectos formais que poderiam ter sido resolvidos em menos de um dia». Parte da terminologia da praxe estava omissa no pedido, não foram aceites alterações nem alargado o prazo de entrega. Tão pouco resultaram as alegações de defesa, feitas por um conhecido jurista. Em finais de Abril o Supremo Tribunal Maçónico indeferiu o pedido, consumando o «golpe de secretaria». António Arnault foi um dos juizes.

«Não sou do PS nem sou jacobino», diz Santinho Cunha, o único dos candidatos que não se recusou a falar, embora o fizesse a título pessoal. «A maçonaria não é partidária, deve ter membros de diferentes organizações, desde que não



Santinho Cunha incluiu-se na década de 80, Ramon de La Féria participa há décadas nas cerimónias republicanas que a ordem promove

professem ideias contrárias aos princípios da fraternidade e interesse pelo homem», refere.

Aceita que da maçonaria fazem parte monárquicos, republicanos, católicos,

agnósticos, ateus, ou membros de qualquer religião. E rejeita o secretismo vigente no Grande Oriente Lusitano: «Acho que a organização se deve abrir o mais possível ao mundo profano, de modo a que ele compreenda os seus princípios, que são elevados, e crie uma imagem favorável junto ao público», diz.

Ramon de La Féria usa o silêncio: interrogado pelo DL sobre a rejeição da candidatura adversa, e os princípios que a sua defesa, nada disse - nem a data das eleições quis confirmar. Oliveira Marques, principal historiador (vivo) da maçonaria portuguesa, e durante algum tempo portavoz junto dos media, agora só dialoga com a Imprensa através de João Alves Dias, director do museu maçónico. Mesmo assim estabelece limites drásticos: declarações sobre a situação actual da maçonaria não as faz, uma entrevista sobre o livro que acaba de publicar talvez - desde que nenhuma pergunta seja feita sobre o período posterior a 1793.

Raúl Rego, actual grão-mestre, só refere o que é do conhecimento público. «Não me recandidato porque é preciso renovação. Já cumpro o meu dever e, além disso, não sou propriamente uma criança», diz. Tem 77 anos, dirige o Grande Oriente há dois, com Aquilino Ribeiro Machado como grão-mestre adjunto. Interrogado sobre a impugnação da lista de Santinho Cunha e a possibilidade de criação de uma Grande Loja Regular (que referimos noutro local) responde quase zangado: «Isso não posso nem devo dizer. Somos uma organização discreta, embora não secreta, e só lamento que entre nós haja quem não cumpra tal preceito».

«Discreta mas não secreta» chamou Fernando Pessoa à maçonaria. A frase tornou-se um leit-motiv, repetido até à exaustão. Mas mesmo assim as informações chovem porque a regra do silêncio é incómoda.

Pecados antigos ...

O núcleo duro, republi-

cano e jacobino, que domina o Grande Oriente Lusitano, tem de facto raízes na I República. Em Abril de 1974 não havia mais de meia centena de maçons, incluindo entre outros, Vasco da Gama Fernandes, José Eduardo Simões Coimbra, Adão e Silva, Adelino da Palma Carlos, Jacinto Simões, Álvaro Ataíde, Nuno Rodrigues dos Santos e Dias Amado, na altura grão-mestre.

Nessa qualidade Dias Amado apresentou-se na Junta de Salvação Nacional, durante o I Governo Provisório, a pedir a devolução da sede na Rua do Grémio Lusitano, ocupada em Maio de 1935 e cedida à Legião Portuguesa depois de a Câmara Corporativa ter ilegalizado a maçonaria. Adelino da Palma Carlos então primeiro-ministro (e maçom, membro do chamado «Grau 33»), tudo fez para devolver a sede em tempo e o Grande Oriente reconstituiu-se depressa.

Amadeu Gaudêncio (Pai), industrial de construção civil, encarregou-se das obras de restauro. A biblioteca que havia sido «requisitada» pelo Ministério das Finanças foi devolvida, recuperaram-se obras perdidas e iniciou-se a instalação do museu maçónico.

Em Fevereiro de 1975 tentou-se elaborar uma lista de candidatos a deputados à Constituinte, com maçons e membros da Opus Dei. Nas reuniões, realizadas no Hotel da Torre, participaram Adelino Amaro da Costa (CDS e Opus-Dei), Jacinto Simões, Valdemar Paradelo de Abreu, António Valdemar, José Sanches Osório, entre outros. Propunham Adelino da Palma Carlos, um maçom, como cabeça de lista, nunca aceite por Basílio Horta e Diogo Freitas do Amaral. Entretanto deu-se o 11 de Março, as posições radicalizaram-se - e até hoje não há notícia de outra tentativa de junção Opus-maçonaria...

Na rua do Grémio Lusitano as novas iniciações seguiram o ritmo eufórico da altura e foram-se alargando a gente mais nova, sem memória da clandestinidade (porque a maçonaria também a teve) e de um extracto social médio ou médio-elevado, com predomínio de profissões liberais. Ramon de La Féria, dizem-nos, «teve problemas para continuar na organização» por ter sido, logo a seguir ao 11 de Março, «motor de saneamentos no Hospital Pulido Valente» e dadas as posições radicais



Raúl Rego: «Somos uma organização discreta, embora não secreta»

Regulares agregam 70 milhões de maçons

Acreditar no «teísmo» - a existência de um qualquer ente supremo criador do Universo - e preterir ligações partidárias em favor de aperfeiçoamento filosófico, é o que melhor distingue as lojas maçónicas de orientação regular das chamadas irregulares. São também mais elitistas e agrupam, em todo o Mundo, 70 milhões de maçons, contra 60 mil de orientação irregular, apenas existentes em França, Portugal e Bélgica.

Depois da cisão Palma Carlos, a maçonaria regular começou a (re)organizar-se, entre nós. Possui duas lojas em Cascais (a Europa e a Fernando Pessoa) além de outra, no Porto, estando a decorrer o «demorado processo» de reconhecimento, por parte de Inglaterra, para se criar uma Loja Regular Autónoma. De referir que em França existem os dois tipos de orientação (a Grande Loja Nacional Francesa, com 17 mil membros, é regular, o Grande Oriente, do qual dependem 30 mil maçons, é irregular), mas em Espanha dominam os regulares, acontece o mesmo em Inglaterra, nos Estados Unidos, Japão, Brasil - e no Leste.

Na Hungria, acaba de ser sagrada a Grande Loja Regular; na Checoslováquia e na Polónia, as fortes tradições maçónicas ressurgem divididas entre as duas correntes; na Alemanha Democrática os «irmãos» preferem o rito puro. Em Cuba, onde a maçonaria nunca foi proibida (Raúl Castro é grão-mestre) segue-se a orientação regular, dizem-nos.

«O Grande Oriente Lusitano mantém um grau de intolerância que o isola da maior parte da comunidade maçónica, gera conflitos e baralha conceitos», afirma um dos membros da loja Fernando Pessoa. Porque, para estes «irmãos», pura é a orientação «teísta» e apartidária, decorrente da Constituição de Anderson (século XVII). Levada para França por Stuart, influenciou a Revolução Francesa e foi por ela imbuída de princípios anti-clericais ainda mantidos.

A Igreja Católica também contribuiu para agudizar o conflito. A maçonaria foi oficialmente condenada em 1738, por Bula de Clemente XII, dado o secretismo da Ordem, a «rebelião», a mistura de católicos e protestantes existente nas lojas inglesas. Isso não impediu que muitos crentes e altos dignatários da Igreja tenham sido da maçonaria, como se refere noutro local.

As posições radicalizaram-se em 1917, com a publicação do Código de Direito Canónico, prevendo a excomunhão de maçons. Durante o pontificado de João XXIII pensou-se que o espírito ecuménico também se alargava à Ordem mas, em 1983, o «Observatore Romano» explicitava as posições da Santa Sé: quem pertencer à Maçonaria «está em pecado grave e não se pode aproximar da Sagrada Comunhão».

No nosso país a maçonaria seguiu o rito regular até ao século XIX. O Grande Oriente Lusitano Unido, como então se chamava, manteve-se oficialmente apartidário durante as lutas liberais, quando D. Pedro IV e o Duque de Saldanha foram grão-mestres. A primeira cisão ocorreu durante o grão-mestrado do conde de Paraty (que doou à instituição a sede onde ainda funciona) e, em 1914, nova divisão surgiu, também por razões políticas. Nessa altura os regulares reuniam no edifício onde agora existe o Solar do Vinho do Porto, paredes meias com o Grande Oriente, depois passaram para a Sociedade de Geografia.

Elitistas, «esquecidos do espírito de pedreiros-livres», como refere Borges Grainha, sempre preferiram o modelo da Grande Loja de Inglaterra, onde os maçons se passeiam na rua de emblema ao peito, sem sombra de segredo. Neste país o lugar de grão-mestre sempre esteve destinado ao rei, ou a membros da casa real. Neste momento o cargo é desempenhado pelo Duque de Kent.

M.G.L.

COMENTÁRIO

Ao debate
ninguém foge

É difícil falar acerca da maçonaria, porque a maçonaria não quer que se fale dela. Todavia, é impossível ignorar a sua existência, dada a preponderância que tem tido em períodos decisivos da nossa História e o papel de relevo que alguns dos seus membros desempenham a diversos níveis da vida actual. Ou resistir à curiosidade suscitada por uma organização que tem no secretismo um dos principais motores do fascínio permanente que exerce.

A presença dos maçons em movimentos sociais e políticos que modelaram o País é nobilitante; comungaram sempre dos ideais de progresso e, por isso, a sua história se confunde com a da luta contra as sucessivas reacções. Perseguidos pela Inquisição, pelos absolutistas, pelos monárquicos decadentes, pelos fascistas, foram acusados de pactos diabólicos, lançados à bocarra da execração pública como perversas criaturas que, em sítios ermos e pela calada da noite, se entregavam a sinistras cerimónias que ninguém sabia muito bem quais eram, mas se supunham propiciadoras do mal. Os pais tementes ao Papa preveniam os filhos que passassem ao largo de presumíveis «lojas», onde se acoitavam traidores à Pátria, porque defensores de ideias dissolventes — as de liberdade, igualdade e fraternidade; e as polícias lançavam expedições punitivas contra os «irmãos», pelo meio das quais destruíam bens e condenavam à morte cívica as «obediências».

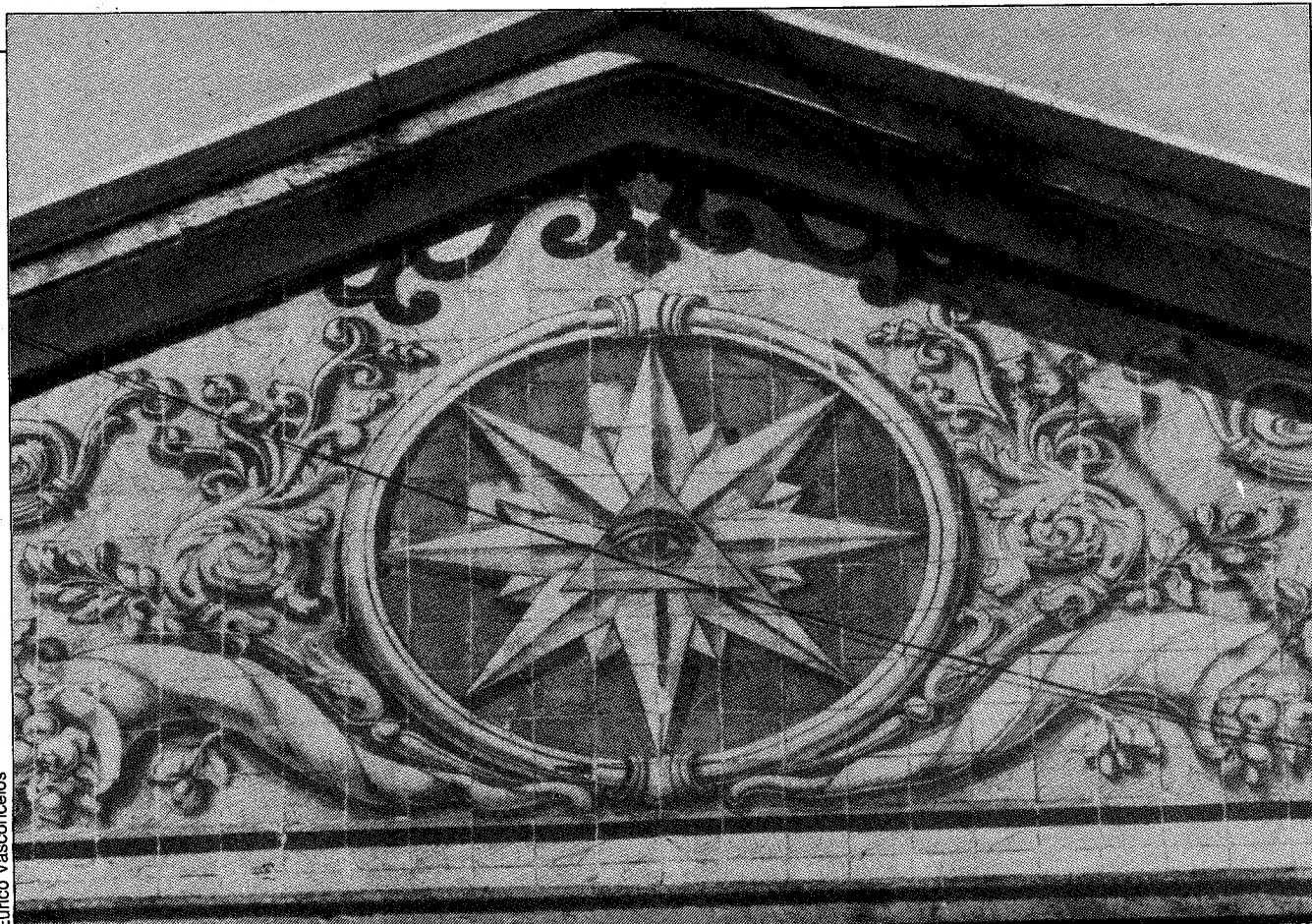
Forçada ao secretismo por motivos outros que não o da preservação de ritos iniciáticos — os da segurança em meio hostil —, a maçonaria sobreviveu no seu casulo às várias perseguições e recuperou com o 25 de Abril os seus direitos. Sem, todavia, se abrir ao mundo «profano» e continuando a permitir o lavrar de histórias cuja verdade não é, em regra, possível de apurar, ora com prejuízo, ora com proveito da organização, a maçonaria, vicejando em ordem livre, tem padecido das crises que lhe marcam a vida nos períodos de paz. Foi assim no liberalismo e na I República — quando ao látego, fautor de unidade, sucedeu o reconhecimento do direito de cidadania. De forte passava a vulnerável, dilacerada por lutas partidárias, não imune à prevariação dos princípios de que se reclamava. É o que agora ocorre, em regime democrático. E em tempos que não vão de feição para organizações fechadas. O fascínio implícito no secretismo não compensa a má imagem pública, que é a do filantropismo sectário.

É esta, parece, a raiz da crise que a maçonaria portuguesa conhece desde 1974. Com a revolução, a maçonaria prosperou — introduzindo simultânea e fatalmente no seu seio factores de mudança e combates «profanos», a compasso da intensa luta política geral, que explodia na pluralidade. A semelhança do antifascismo, partidariizou-se. O que a maçonaria hoje discute não é diferente do que anima a reflexão, difícil, noutras organizações «sagradas»: são os limites da tolerância — ou da pureza —, que opõem ortodoxos e «irregulares». Reflexão que suscita a perplexidade dos não-iniciados, devido ao carácter singular da ortodoxia maçónica: ela ousa rejeitar a discrição, elemento típico — porque transmutou o secretismo em elitismo, não coadunável com os princípios.



João Paulo de Oliveira

Maria Gulomar Lima



Símbolos maçónicos decoram a fachada de uma casa na Rua da Trindade, tal como se encontram, em azulejos, na cervejaria com o mesmo nome

«bem pouco próximas do PS» que então defendia.

... projectam
longas sombras

No início da década de 80, a maçonaria abriu as portas a uma geração desejosa de mudança, que para lá entrou acreditando que era «um lugar de tolerância», como nos referiu um dos iniciados nesta época. Mas cedo as eleições para grão-mestre começaram a espelhar a dificuldade de o «núcleo-duro» se adaptar à mudança. A Dias Amado sucedeu Adão e Silva; em 1983 Simões Coimbra foi eleito, derrotando Antero da Palma Carlos numas conturbadas eleições que originaram a primeira cisão maçónica no pós-25 de

Abril e posterior constituição de lojas regulares. Nos anos seguintes não houve eleições, Simões Coimbra e Oliveira Marques mantiveram a liderança até que, há dois anos, Raúl Rego foi eleito, já como o «candidato da conciliação».

A escolha de Ramon de La Féria vai ser feita amanhã, por voto secreto. Só podem participar os «mestres» das lojas existentes em Lisboa, Porto, Coimbra, Leiria (onde existe um núcleo forte) e será tão interessante avaliar os «nãos» como as abstenções — se uns e outras passarem a barreira do silêncio.

A maçonaria está consolidada na vida política: dependentes do rito francês ou do rito escocês, antigo e

aceite, há maçons em todas as instituições portuguesas. Na Judiciária, no Parlamento, nas chefias militares.

E, dizem-nos, «irmãos» foram quase todos os Proveedores de Justiça e a maioria dos presidentes da Assembleia da República. Até Mário Soares se iniciou, ainda durante o exílio — sem ultrapassar o grau de companheiro — e João Soares não esconde que com a maçonaria tem relações de pertença.

«Defendo um espírito ecuménico, com relações fraternas e institucionais com todas as obediências, respeitando e aceitando as suas tradições. Temos de melhorar as nossas relações

com o Leste e aproveitar esta altura histórica em que o Muro de Berlim acaba de cair para reatar relações com a Chécoslováquia, a Roménia, Jugoslávia, RDA e também com os Estados Unidos e o Brasil», diz ainda Santinho Cunha.

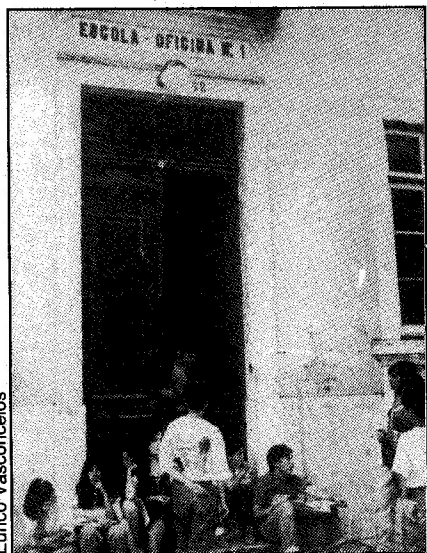
Tem um discurso muito semelhante ao dos «irmãos» da Grande Loja Regular, resultante da cisão Palma Carlos. E tudo indica que, ultrapassado o período das eleições, os maçons dependentes do Grande Oriente vão escolher — e se alguns tencionam continuar «tradicionalistas», boa parte pode abandonar de vez a Rua do Grémio Lusitano.

Escolas de portas fechadas

Igualdade no ensino (laico) sempre foi princípio básico da maçonaria. Essa a razão porque foi criada, em 1905, a Escola-Oficina nº1, à Graça, pelas lojas Sementeira e João Estevão. Pioneira na concepção, «procurava aliar o ensino manual» aos princípios maçónicos e à educação formal dos alunos, com ensino de português, francês, sociologia, ciências naturais, modelação de barro e construção de mobiliário.

Ainda existe como um vulgar estabelecimento de ensino básico. Embora seja uma organização paralela, com estatutos próprios, depende da maçonaria — foram seus dirigentes Raúl Rego, João Soares, Maldonado Gonelha, Simões Coimbra e, actualmente, Cipriano Oliveira — mas embora nenhum deles o esconda, as portas da escola fecham-se a qualquer tentativa de reportagem ou a informações sobre o funcionamento interno.

«Não queremos ligar a escola à maçonaria. Temos um acordo com a Misericórdia, o padre Melícias é provedor e, sem autorização, nada posso mostrar», disse-nos a encarregada deste estabelecimento de ensino. Fizemos o pedido de autorização para a reportagem que percorreu a hierarquia maçónica. Raúl Rego foi informado, Simões Coimbra também, o coronel Oliveira prometeu reunir os corpos gerentes e a responsável pela escola



Os adolescentes que frequentam a Escola Oficina nº 1 ignoram as ligações à maçonaria

esperou autorização durante uma semana — tal como o DL. O mesmo aconteceu em relação ao Internato de S. João, uma instituição que funciona numa transversal à Rua de S. José, para recolher raparigas abandonadas. Neste caso o pedido foi feito directamente a Oliveira Gonçalves, director do estabelecimento, mas 15 dias não foram suficientes para as portas se abrirem.

Além de continuarem a desempenhar as funções de ensino e reintegração social que fazem parte dos ideais maçónicos (a Ordem criou oito estabelecimentos de ensino, entre o final da Monarquia e I República, incluindo o primeiro estabelecimento de instrução primária em Lourenço Marques que, em 1926, tinha «257 alunos brancos e 117 não-brancos») a Escola-Oficina nº 1 e o Internato de S. João são importantes para o património da Ordem. Durante um século receberam doações de «irmãos» e possuem bom espólio em prédios, estabelecimentos de comércio na Baixa, andares de escritórios, outros bens.

O ensino na Escola Oficina nº 1 foi modelar na altura: «A criança era deixada completamente à vontade. Não existia o terror do mestre, o decorar do livro, ou a estúpida emulação», refere Manuel Roque Azevedo. No princípio do século lá ensinaram Adolfo Lima, Luís da Mata, Lima Bastos, Vicente de Sousa. Privilegiava-se tanto o estudo como o contacto com a natureza. Com o advento do Estado Novo este estabelecimento de ensino decaiu, passou por dificuldades financeiras, foi-se distanciando cada vez mais dos objectivos para que tinha sido criada.

Nos anos 40 era uma escola primária normal, diz um dos alunos que lá aprendeu a ler. E agora, como será?

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Maíla Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponoz, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Glória Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Perla de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo e José Bandeira

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luísa Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelo

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474970/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pípos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 85\$00; nos Açores, 90\$00.

As «manas» portuguesas empenharam-se na campanha de Maria de Lurdes Pintasilgo e na de Soares sem qualquer clivagem política

Três lojas para trinta irmãs

As «irmãs» portuguesas reorganizaram-se há sete anos, com apoio da Grande Loja Feminina de França a quem devem obediência. Maria Belo, actual deputada do PS ao Parlamento Europeu, foi a grande dinamizadora e, durante muito tempo, a «venerável» da loja Unidade e Matria, a primeira criada no nosso País. Continua a ser considerada uma «figura de referência» e, apesar de nem sempre estar no País, dadas as funções que desempenha em Estrasburgo, mantém o cargo de «guardiã do templo».

«Neste momento há cerca de 30 manas em Portugal», disse ao DL uma das organizadoras da maçonaria feminina. Agrupadas em três lojas (Unidade e Matria, Lusitana e Invicta), rejeitam ligações partidárias directas. São também mais liberais do que os homens no que se refere aos preceitos de sigilo.

«Muitas de nós são, de facto, militantes ou dirigentes do PS, mas apenas porque os ideais da maçonaria são melhor defendidos pela esquerda», dizem. Aliás, as «irmãs» mobilizaram-se em pleno para a campanha de Maria de Lurdes Pintasilgo - por sinal uma católica -, ao mesmo tempo que um núcleo mais restrito apoiava a candidatura de Soares, sem daí



Maria Belo é «guardiã do templo» na loja Matria

resultar qualquer clivagem.

Os ideais maçónicos de in-terajuda, fraternidade e a obrigação de trabalhar para o bem comum, estarão mais vivos entre as maçonas? «A seguir à fundação éramos de facto um grupo dinâmico e unido; ultimamente, parte desse espírito diluiu-se, mas ainda se mantêm laços muito fortes», disse-nos outra das dirigentes.

O triângulo pequeno

As irmãs portuguesas começaram por ser poucas. O núcleo fundador incluía Maria Belo, Leonor Coutinho, Joaquina Almeida, Helena Sanches Osório, Silvina Vila-Verde Cabral, Manuela

Cruzeiro, Teresa Campos, Fernanda Andrade e Leonor Cruzeiro, com um predomínio nítido de profissões liberais, média etária entre os 30-40 anos, formação universitária e ligação estreita ao PS. Foi este grupo que, em 1982, iniciou contactos com a Grande Loja Feminina de França (que tem cerca de cinco mil maçonas e duas lojas em Paris, incluindo a conhecida Cité du Convent). Maria Belo, Teresa Campos e Manuela Cruzeiro foram iniciadas em França e, em Maio de 1983, a «venerável» da Grande Loja Feminina de França deslocou-se ao nosso País, para as cerimónias de fundação da primeira loja - a

Conflitos com a Igreja e Estado Novo

As lojas maçónicas foram criadas em Portugal no século XVIII e quase desde logo os «irmãos» sofreram perseguições, da Inquisição. Nunca aceites pela Igreja, mal-vistos pelos comunistas (e vice-versa) só tiveram um período áureo na política portuguesa durante o regime liberal e no início da República.

De resto, o Estado Novo moveu-lhes uma campanha feroz e acabou por ilegalizar a Ordem. A partir dos livros de Borges Grainha e Oliveira Marques é possível traçar as seguintes etapas:

Séculos XVIII e XIX - Trazida por cidadãos britânicos a maçonaria tinha duas lojas em Portugal, uma de católicos, outra de protestantes. Em 1738 a composição de uma delas foi denunciada à Inquisição: era formada por frades, oficiais do exército, comerciantes, um professor de dança e também Carlos Mardele.

Em 1804 constituiu-se a Grande Loja e foi eleito o primeiro grão mestre: Sebastião José de São Paio de Melo e Castro Lusigan, neto do Marquês de Pombal. Durante a Revolução Francesa os maçons portugueses foram acusados de traição à pátria e, entre 1810 e 1820 reinou o terror, com centenas de

perseguições, exílios e prisões.

Lutas liberais - Adversários do absolutismo, os maçons encabeçaram a «Abrilada» e o «Vintismo». Voltaram a ser perseguidos depois do sucesso das tropas fiéis a D. Miguel e assumiram o poder com o triunfo do liberalismo. D. Pedro IV foi grão-mestre da maçonaria brasileira; o duque de Saldanha desempenhou idêntico cargo na portuguesa.

Entre 1826 e 1867 a «família maçónica» passou por cisões sucessivas, lideradas por Costa Cabral, Passos Manuel, Elias Garcia e outras personalidades que hoje dão nome a ruas de Lisboa. Com a Regeneração diluem-se os conflitos e o Grande Oriente Português reúne três das quatro obediências então existentes.

República - A aproximação entre a maçonaria e os republicanos foi crescendo no início deste século. A ordem patrocinou a constituição da Carbonária, decisiva na Revolução de 5 de Outubro de 1910. No primeiro Governo Provisório da I República metade dos ministros eram maçons, numa proporção que se manteve quase até 1926. Três Presidentes da República - Bernardino Machado,

Sidónio Pais e António José de Almeida - pertenceram à ordem.

A maçonaria seguia de perto a orientação do Partido Democrático e, em 1914, deu-se a mais importante cisão, por questões de rito e formalidade. O Supremo Conselho do Grau 33 considerou irregular o Grande Oriente Lusitano e separou-se dele. A reunificação (Grande Oriente Lusitano Unido) ocorreu em vésperas da ditadura.

Estado Novo - Em finais de 1926 havia em Portugal 3 500 maçons, o Grande Oriente tinha economia desafiada.

O movimento de 28 de Maio de 1926 não se repercutiu directamente na ordem: António Oscar Fragoso Carmona era maçom, mas os «irmãos» foram-se afastando e as actividades diminuíram. Em Dezembro de 1926 faleceu o grão-mestre Magalhães Lima; António José de Almeida foi eleito pela Grande Dieta mas, já muito velho e senil, pouco podia fazer para defender a ordem.

Na noite de 16 de Abril a sede na Rua do Grémio Lusitano foi assaltada, pela Guarda Nacional Republicana, polícia, civis (entre os quais Marcelo Caetano). Todos os maçons foram presos, com excepção dos oficiais do

Unidade e Matria - e sagração do templo, um andar na rua dos Remédios à Lapa, cedido pelo Grande Oriente Lusitano.

Regida pelo rito francês, a primeira loja portuguesa começou por trabalhar em triângulo. Os rituais foram traduzidos e aos poucos alargou-se o círculo, verificando-se depois uma fase de grande entusiasmo: «O segredo e a novidade animavam-nos, bem como a certeza de haver um grupo de manas interessado no bem de todas», diz-nos uma das fundadoras. Nos recrutamentos, por exemplo, seguia-se ponto a ponto o rito, num cerimonial esotérico, segundo o qual a «profana» entra na sala de olhos vendados, é interrogada, vive a tensão da escolha feita com bolas pretas e brancas necessária à admissão, executa «todas as viagens simuladoras dos perigos que uma irmã tem de passar para manter os segredos de amizade e fraternidade». Tudo isto sem esquecer o cerimonial do testamento maçónico, que cada uma faz, com posterior queima do manuscrito e recolha das cinzas num cofre.

Também há mulheres nas lojas da Obediência dos Direitos Humanos, uma terceira corrente da maçonaria, não dependente da Grande Loja Portuguesa nem do Grande Oriente Lusitano. Esta orien-

tação maçónica possui lojas mistas, e é menos conhecida que as restantes.

A sede da Matria mudou, entretanto, para os Paços da Rainha (Campo de Santana) e, a meados da década de 80, a maçonaria feminina portuguesa conseguia adquirir os dois andares onde até agora funciona, nas vizinhanças do Alto de Santa Catarina. Por essa altura estavam aprovados os estatutos e, eleição após eleição, Maria Belo mantinha o cargo de «venerável», equivalente ao lugar de grão-mestre. A criação da segunda loja feminina, a Lusitana, parece ter resultado de «um processo de crescimento mal resolvido» - e do consumo de uma rivalidade sempre latente entre a dirigente histórica e Manuela Cruzeiro, outra das fundadoras.

Também de rito francês a Lusitana partilha a sede com a Matria, sem atribos do conhecimento público. Há quatro anos anos formou-se, no Porto, a loja Invicta, de rito escocês - «mais simbólico, caloroso e ligado à tradição judaico-cristã» -, também ela dependente da Grande Loja Feminina de França. Neste momento, as duas lojas femininas de Lisboa são dirigidas por Silvina Cabral e Maria Ponce, enquanto Helena Viana é a «venerável» da Invicta.

exército. Era o início da grande perseguição.

Norton de Matos - A 31 de Dezembro de 1939 a maçonaria escolheu para grão-mestre o general Norton de Matos e os irmãos empenharam-se decididamente na sua eleição, tendo ficado célebres as fotos que a Imprensa fiel ao regime publicou, de grupos com aventais do rito. A medida que o Estado Novo se consolidava, a ordem enfraquecia e cedo se tornou inimigo público número um. A 19 de Janeiro de 1935, na Assembleia Nacional, José Cabral apresenta um projecto proibindo todos os cidadãos portugueses de fazerem parte de associações secretas. Norton de Matos protestou, Fernando Pessoa também - em cartas públicas - mas em vão. O parecer dado pela Câmara Corporativa foi favorável à proibição e a lei foi aprovada quando José Alberto dos Reis, um maçom, presidia à Assembleia e Carmona, também «irmão», era Presidente da República. Dentro da maçonaria «também houve traidores», como ainda hoje diz, irado, Raul Rego.

Rejeitados pela Igreja - Data do século XVIII a primeira Bula papal condenatória da maçonaria. O Código de

Direito Canónico de 1917 excomunga os maçons (cânomo 2335). Durante o pontificado de João XXIII registou-se maior abertura e tolerância. Em 1983 a questão parecia estar remetida para a consciência de cada um, mas logo a seguir a posição da Igreja foi explicitada em o «Observatore Romano»: o juízo negativo em relação à maçonaria não havia sido alterado. No entanto, à ordem pertenceram figuras ilustres da Igreja portuguesa, incluindo um cardeal patriarca de Lisboa (no século XVIII), o bispo de Betsaida e, dizem, D. José da Costa Nunes, Patriarca das Índias e Caramelengo da Santa Sé.

Condenados pelos comunistas - A maçonaria foi proibida na União Soviética em 1918 e depois na Roménia, Hungria, China e Checoslováquia. Em 1960 era considerada uma organização destinada a «reforçar a exploração dos homens», no «Izvestia». Por imposição do Komintern comunistas portugueses tiveram de abandonar a ordem (entre outros Manuel Alpedrinha e Vitor Hugo Velez). A rejeição é aliás mútua: os maçons sempre viram com maus olhos a iniciação de comunistas. Não consta que algum membro do PCP seja maçom.

TEMPRA. VIAGEM DE VANGUARDA.



Pense num automóvel de três volumes. Elegante, com o Cx mais baixo da sua categoria. Cómodo, com o habitáculo excepcionalmente amplo. Espaçoso, com a maior bagageira na sua classe. Protegido, com a carroçaria inteiramente zincada nas partes expostas aos agentes atmosféricos. Seguro, com o motor transversal, a tracção ante-

rior, as suspensões de rodas independentes, o duplo circuito de travagem cruzado.

Imagine-o ágil e fácil de conduzir, com performances notáveis.

Se pensou numa viagem de vanguarda, a viagem começa com o Fiat Tempra.

Tempra 1.4 SX-78 CV-172 km/h • Tempra 1.6-86 CV-177 km/h • Tempra 1.6 SX - 86 CV - 177 km/h • Tempra 1.9 turbodiesel SX - 92 CV - 178 km/h. **FIAT**

Faça a sua viagem de vanguarda já este fim-de-semana, das 9 às 21 horas, no seu concessionário Fiat.

Encargos anuais: Consumo - 74.340\$00 a 154.635\$00 • Seg. Ob. Resp. Civil - 21.983\$00 a 24.745\$00 • Imp. S/ Veic. - 2.840\$00 a 4.630\$00 • Imp. Compensação - 42.000\$00 • Base 15.000km • Abril 1990.

POLÍTICA

B R E V E S

Rendas urbanas serão descontadas no IRS

Os futuros arrendamentos urbanos à luz da proposta de lei de autorização legislativa que o Conselho de Ministros ontem apreciou, como o «DL» noticiou em primeira mão, serão objecto de dedução no IRS. Nesse sentido, o Governo enviou para o Parlamento um diploma que prevê essa possibilidade, no arrendamento de habitação própria. Essa dedução far-se-á nos mesmos moldes da aquisição de casa própria e só nos futuros contratos de arrendamento. O Governo aprovou ainda uma proposta de criação do Conselho Económico e Social, previsto na última revisão constitucional, que substituirá os Conselhos do Plano, Rendimentos e Preços e de Concertação Social. Na mesma reunião foram, também, aprovadas as condições de privatização da Unicer a 100 por cento (já este mês) e um decreto que revê o regime de comparticipação do Estado nos preços dos medicamentos.

ID propõe provedor do deficiente

Um projecto de lei de criação de uma provedoria dos deficientes foi ontem apresentado na Assembleia da República pela Intervenção Democrática. O documento, da autoria de Raul de Castro e Corregedor da Fonseca, visa suprir «o distanciamento entre a lei e a prática quotidiana» neste domínio, atribuindo a um provedor a acção de sensibilização para os problemas dos deficientes. Segundo o projecto, a designação do titular do cargo carece da aprovação de dois terços dos deputados, sob proposta de um mínimo de dez. Com um mandato de quatro anos, renovável, o provedor deverá ser uma personalidade independente e exercer as funções em ocupação exclusiva. Será coadjuvado por dois adjuntos, funcionando em estrita ligação com a Assembleia da República.

Ajudas ao Leste e riscos para Portugal

A maioria dos portugueses considera que a CEE deve aumentar o seu orçamento para ajudar os países do Leste europeu, revelou um estudo efectuado pelo gabinete de sondagens da Comissão Europeia. De acordo com os números, 55 por cento dos portugueses são favoráveis ao auxílio aos países da Europa central e do Leste, enquanto 13 por cento estão contra. Os restantes 32 por cento dos inquiridos não se pronunciaram. Todavia, segundo outro estudo, elaborado pela Secretaria de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional, agora divulgado, «os acontecimentos a Leste colocam a Portugal alguns riscos de natureza económica», já que aumentará a «pressão competitiva no mercado comunitário para produtos tradicionais da exportação portuguesa».

Álvaro Cunhal no Castelo de S. Jorge

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, abre esta noite a campanha de esclarecimento do mês de Junho daquele partido com um comício-convívio no Castelo de S. Jorge. A campanha compreende debates, distribuição de um jornal, colagens de cartazes e propaganda sonora.

Pintasilgo apoia recandidatura de Soares

Lourdes Pintasilgo defendeu a recandidatura de Mário Soares à Presidência da República. No seu entender, «o presidente Mário Soares pode cumprir outro mandato tendo em conta o capital de apoio e simpatia que possui junto do povo português».

Narciso Miranda ataca Governo e PSD

O presidente da Câmara de Matosinhos agradeceu esta manhã «o favor que o PSD me faz de meter uma cunha ao Governo para efectuar uma inspecção a esta Câmara». Narciso Miranda insurgiu-se contra os vereadores do PSD e do PCP por acusarem a edilidade de Matosinhos de alegadas «irregularidades financeiras». O presidente estranhou que tenham preferido «juntar-se à perspectiva centralizadora do Governo e avançar em acções divisionistas, tentando enfraquecer o Poder Local». Disse ainda não temer qualquer inspecção à Câmara, pois considera essa diligência «pedagógica».

Socialistas açorianos em congresso

Unidade e olhos postos em 92

Especial para o «DL»

A partir de hoje e até domingo reúne na cidade da Horta o Congresso do Partido Socialista dos Açores. Um Congresso que, uma semana após o nacional, que teve lugar no Porto, reúne sob o signo da unidade e de olhos postos em 1992, ano das eleições legislativas regionais, que o PS procura venha a ser o da sua chegada ao Poder.

Apenas uma moção, subscrita em primeiro lugar por Martins Goulart, será apresentada e na qual se institucionaliza o «Gabinete de Estudos», nome oficioso para o governo sombra, criado em 1988 e que nunca chegou a ter acção que se visse publicamente. A moção transforma o actual secretário-coordenador em secretário-geral, lugar já destinado a Carlos César. É um programa de Governo pensado para 1992, tendo como ponto de partida a actual situação social e económica da região; a definição de uma política de alianças e o incremento de um tipo de relações construtivas e dinâmicas com os órgãos de soberania são outros pontos focados na moção subscrita por Martins Goulart. Depois da euforia provocada pela vitória nas autárquicas de 1989, o Partido Socialista nos Açores remeteu-se como que a um silêncio comprometido ou, talvez, um pouco «assustado» pela situação em que os seus autores foram encontrar as finanças e a organização interna dos corpos administrativos que passaram a gerir. Foram meses de acomodação que não deixaram tempo para



Martins Goulart é o autor da única moção ao Congresso

o trabalho partidário, justificam os responsáveis socialistas açorianos. Mas, outro facto tem, igualmente, uma grande influência: a escassez de quadros que, com a mobilização dos autarcas, disponibilizou muito pouca gente para a actividade partidária.

As constantes ausências do líder socialista, dos Açores, Martins Goulart, contribuiu, de igual forma, para este apagamento. Uma ou outra intervenção televisiva ou na Imprensa, mais tratando de questões pontuais do que apresentando projectos e al-

ternativas, contribuíram para a situação actual.

Os erros do PSD e do Governo Regional, as dificuldades financeiras e sociais, o cansaço e uma certa descrença têm feito mais pelo Partido Socialista que uma sua acção directa e dinâmica. Radica cada vez mais a ideia que o voto socialista foi mais de protesto contra o PSD do que uma real vontade de mudança.

Neste Congresso o Partido Socialista dos Açores, se quiser continuar a «aproveitar» as hipóteses que lhe oferece o PSD, tem de criar uma nova

dinâmica, preocupar-se com a sua reestruturação partidária e avançar para um diálogo mais frequente, mais dinâmico com o eleitorado.

Sob o signo da unidade e de olhos postos em 1992, os socialistas açorianos vão enfrentar um desafio decisivo com a desvantagem de muitos dos factores de vitória estarem nas mãos do seu principal opositor. Será que do Congresso sairá essa uma nova dinâmica, capaz de modificar a situação? Esta é a pergunta que só o futuro nos trará.

Gustavo Moura

Fraude publicitária da Saúde

Leonor Beleza diz ignorar envolvimento do irmão

Leonor Beleza afirma na edição de hoje de «O Independente» ignorar «qualquer possibilidade de envolvimento» do seu irmão José Manuel na fraude relativa a campanhas publicitárias do Ministério da Saúde. É a primeira vez que a ex-ministra toma posição pública sobre a matéria, desde a detecção de novas irregularidades. Em declarações ao semanário, o antigo secretário de Estado Costa Freire assegura que «o contrato de publicidade foi adjudicado à PA por despacho escrito» da ministra e explica que esta empresa, por não estar vocacionada para esta área, subcontratou o serviço à Planimagem, à qual se encontrava ligado o irmão da governante.

O escândalo do Ministério da Saúde constitui o tema forte das edições de hoje não apenas de «O Independente», mas também de «O Jornal». Ambos revelam que José Manuel Beleza espacou à vigilância da Polícia Judi-

ciária, que o «acompanhava» 24 horas por dia. A própria ex-ministra diz a «O Independente» ter ficado surpreendida, ao verificar que «ele se ausentou da sua residência há cerca de duas semanas». As notícias dos dois jornais convergem noutro ponto: um jantar de Marques Vidal, director da PJ, com ministros e dirigentes do PSD, entre os quais Fernando Nogueira, no dia em que foi emitido o mandato de captura a José Manuel.

«O Independente» identifica o envolvimento de Costa Freire como «intermediário» no negócio. Em causa a cobrança ao Estado de 150 mil contos para uma campanha que terá ficado pelos 100 mil, motivo da acusação de burla agravada que impende sobre José Manuel Beleza.

Ainda segundo aquele semanário, Leonor Beleza reuniu na quarta-feira com Cavaco Silva e terá colocado o seu cargo de vice-presidente à disposição. O líder do PSD recusou, porém,

Escândalos: esclarecimento segue dentro de momentos

O magistrado encarregue do inquérito da Procuradoria Geral da República ao caso dos 50 mil contos alegadamente pagos ao governador de Macau pela empresa alemã Weidieplan, levantado pelo jornal «O Independente», deve deslocar-se em meados do próximo mês àquele território, a fim de ali proceder a diligências relacionadas com a investigação.

O mesmo magistrado esteve anteriormente na Alemanha e, segundo fonte da PGR, «desde o momento em que foi iniciado o inquérito, tem vindo a desenvolver diligências ininterruptas, que prosseguem neste momento em território nacional, não se sabendo ainda quando estarão concluídas as investigações.»

A mesma fonte da Procuradoria Geral esclareceu-nos que, no tocante a um outro caso vindo a lume nos últimos dias, o da eventual fuga do país de um irmão do ministro das Finanças da ex-ministra da Saúde, alegadamente envolvido numa burla relativa a campanhas publicitárias no âmbito deste último Ministério, «não se colocou, até ao momento, a questão da difusão internacional de mandatos de captura.»

Redacção «DL»

POLÍTICA

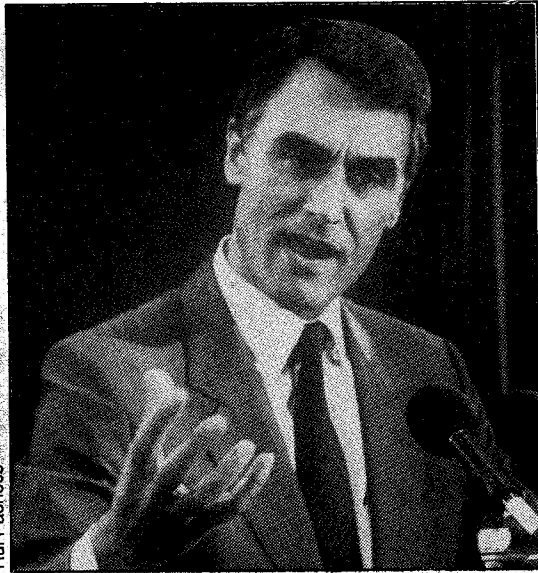
Cavaco Silva no IDN

Portugal é interlocutor entre Europa e África

Portugal quer mesmo ser interlocutor privilegiado entre a Europa e a África, partindo da sua influência sobre cinco países do continente africano. O primeiro-ministro português sublinhou a presença de Portugal em África, no discurso que ontem proferiu no Instituto de Defesa Nacional (IDN). Repetiu os passos nucleares do discurso uma semana antes proferido no Instituto de Altos Estudos Militares e avançou que a segunda fase das negociações entre a UNITA e o MPLA decorrerão em breve, algures em Portugal. Sublinhou ainda que a cooperação com a África se processa «na base do capital humano».

As alterações na Europa Central, a UEO, a NATO como um dos «esteios insubstituíveis da comunidade atlântica», as manifestações nacionalistas no império soviético, o sucesso da construção europeia e as perspectivas de afirmação de Portugal como interlocutor entre a Europa e a África, foram alguns dos pontos afluídos por Cavaco Silva no encerramento de mais um curso de auditores de Defesa Nacional.

Portugal está a contribuir activamente para os processos de paz em curso. «Esta perspectiva, de Portugal se assumir como uma via privilegiada do diálogo entre os dois continentes, já é hoje visível pela credibilidade de que disfruta a acção externa, que ganha maior relevo no momento em que na África, e sobretudo na África Austral, se assiste a uma maior abertura no sentido da liberalização da economia, da democratização dos regimes e de um maior respeito dos direitos humanos».



Cavaco Silva: «a defesa nacional não depende apenas dos militares»

lugar no Malawi. Procurando responder a algumas das questões que lhe foram colocadas depois da sua exposição, entre outros pelo ex-secretário de Estado da Saúde, Faria de Almeida, e Maria da Conceição Ramires, alunos do curso de auditores de defesa nacional, o primeiro-ministro admitiu a «necessidade óbvia de reequipar as nossas Forças Armadas».

Analisando a actual situação no Centro e Leste europeu, Cavaco Silva adiantou que «a Alemanha vai pagar às forças soviéticas que estão estacionadas no seu próprio território» e que até há bem pouco tempo «ninguém imaginou que o Pacto de Varsóvia se tivesse de manter para que tivéssemos com quem negociar».

Júlio Rodrigues

Para Cavaco Silva, Portugal é neste momento, «o único País que está bem relacionado com todas as partes em confronto» na antiga África portuguesa, desde a UNITA ao MPLA, em Angola, à Renamo e à Frelimo, em Moçambique.

Cavaco Silva chamou a si grande parte do mérito desse diálogo, quer entre o MPLA e a UNITA, por um lado, quer entre a Frelimo e a Renamo, por outro. Aliás, a sua intervenção neste aspecto data de finais de Setembro de 1989, em Maputo, quando aconselhou Chissano a dialogar directamente com a força concorrente, dispendendo os intermediários. Recorde-se que foi nessa ocasião que Chissano deixou de tratar a Renamo por «bandidos armados» para referir «essa organização»... O primeiro-ministro admitiu ainda que a próxima ronda de negociações entre a Frelimo e as Renamo tenha

Regresso às origens no aniversário do PSD

Cavaco Silva discursa esta noite em Vila Nova de Gaia, no jantar comemorativo do décimo sexto aniversário do PSD, em que está prevista a participação de um milhar de pessoas.

Este jantar, para que foi convidada a larga maioria dos fundadores e dos deputados do PSD à constituinte, integra-se no programa mais vasto de acontecimentos organizado pela Comissão Política Distrital do Porto e que inclui, nomeadamente, uma festa popular no Passeio Alegre, à Foz do Douro, com mais um discurso de Cavaco Silva.

Segundo informação de Luís Filipe Meneses, presidente da Distrital do Porto, só Pinto Balsemão, entre os fundadores convidados, não jantará esta noite com o primeiro-ministro em Vila Nova de Gaia. Balsemão encontra-se no estrangeiro, mas prometeu enviar mensagem. Anuíram a este regresso às origens do Partido Popular Democrático os fundadores Sá Borges, Mário Pinto, Ferreira Júnior, Barbosa de Melo, Pinto Machado e José Augusto Seabra.

Magalhães Mota não foi convidado e, em contrapartida, Emídio Guerreiro, um dos dirigentes posteriores à fundação, prometeu a Cavaco Silva estar presente.

Jardim apela ao salto da regionalização

Já ontem à noite, várias «cabeças coroadas» do PSD, entre elas os presidentes dos Governos Regionais da Madeira e dos Açores, o presidente do Grupo Parlamentar, Montalvão Machado, e Eurico de Melo, deram uma amostra da abrangência das festividades comemorações partidárias social-democratas, num colóquio bastante concorrido em que foram «estrelas» Jardim e Mota Amaral.

O presidente da Madeira apelou ao PSD para dar «o salto seguinte», o da regionalização, de modo a fazer o desenvolvimento, também aqui, no Continente.

João Jardim contrariou assim a tendência dominante no Governo para atravessar, na prática, a regionalização, garantindo que, «depois de quinze anos de experiência de autonomia regional, o PSD já está em tempo de se convencer que tem que ser ele próprio a liderar o processo da regionalização de que o resto o País precisa».

Daniel Reis

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA SUA EMPRESA



PROGRAMAS 1 E 4

O I.E.F.P. apoia acções de formação de boa qualidade

PROGRAMA 1 - Formação profissional de Activos

Sub-Programa 1.1 - Activos Não-Qualificados

Sub-Programa 1.2 - Activos Qualificados

Sub-Programa 1.3 - Quadros e Empresários

PROGRAMA 4 - Formação Avançada em Tecnologias de Informação

CANDIDATURAS PERMANENTEMENTE
ABERTAS

Contacte o

CENTRO DE EMPREGO

da área de localização da sua empresa



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

MINISTÉRIO DO EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL

Mário Raposo em entrevista ao «DL»

O Provedor é o povo a falar em voz alta e para ser ouvido

«A um cidadão que não tem emprego, não tem segurança social, nem uma boa prestação de justiça e saúde, evidentemente que não servem para nada as liberdades públicas», afirmou o sucessor de Almeida Ribeiro, na primeira manifestação pública das linhas fundamentais do seu programa de acção como Provedor de Justiça.

A entrevista foi concedida na Assembleia da República após ter presidido à última sessão da Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias que discutiu e votou, na especialidade, as incompatibilidades dos titulares de altos cargos políticos e a lei da televisão.

Diário de Lisboa - Que sector da população mais carece da protecção do Provedor de Justiça: as minorias, os jovens, os velhos, os marginalizados pelo desenvolvimento económico?

Mário Raposo - É sobretudo o cidadão anónimo, o homem-massa, porque é aquele que não tem voz. Como eu dizia em 1977, o Provedor de Justiça tem de ser o povo a falar em voz alta e de forma a ser ouvido. É esse que, se não tiver alguém que fale por ele, não pode fazer-se ouvido. Nos termos constitucionais é um lugar que tem a ver com a sustentação e defesa dos direitos individuais, mas não apenas no sentido das liberdades públicas, também nos direitos económicos, culturais e sociais. Eu ponho especial ênfase nesta parte.

DL - Mas é isso que o Governo, seja ele qual for, mais dificilmente tolera no Provedor de Justiça...

MR - Para mim essa é que é a parte fundamental e que até agora talvez tenha sido um espaço não inteiramente explorado na actividade do Provedor. A infra-estrutura económica, social e cultural, para mim, é fundamental.

DL - Isso significa que está preparado para entrar em confrontos com o Governo?

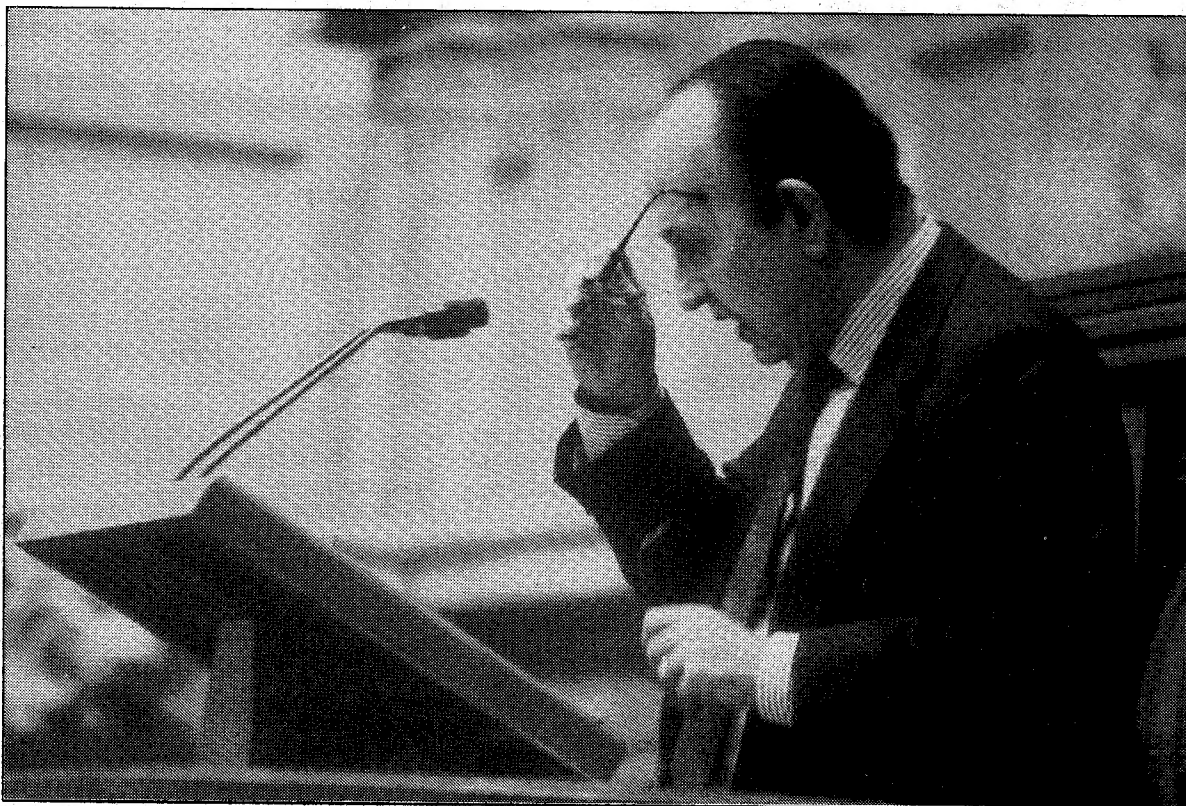
MR - Não, não. Eu sempre assim pensei, até aqui na Assembleia, e nunca entrei em conflito com o Governo. Para uma pessoa afirmar as suas razões e fazer valer as suas verdades não é preciso entrar em conflito. Só há conflito quando não é ouvido ou escutado. Para o resto, há o diálogo.

DL - O seu comportamento na Comissão Parlamentar serviu-lhe de treino para a Provedoria da Justiça?

MR - Esta experiência de três anos como presidente da Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias foi singularmente estimulante porque houve sempre respeito mútuo pelas ideias de cada um. Os problemas foram aqui ponderados numa perspectiva descomprometida, independentemente de cada um dos deputados defender os seus interesses partidários, e houve, sobretudo, uma grande liberdade de trabalho.

DL - É o fim da sua carreira política?

MR - Como toda a gente sabe, eu faço um grande sacrifício de carácter pessoal ao aceitar este cargo. Primeiro, porque gostava de ser deputado e gostava de estar nesta Comissão por onde passa a mais importante actividade legislativa da Assembleia. Depois porque toda a vida



Mário Raposo: «Eu sou, incorrigivelmente, um contrapoder e ninguém pense que serei um Provedor acomodaticio»

O homem

Advogado de profissão, natural de São Bartolomeu, Coimbra, Mário Ferreira Bastos Raposo é, aos 61 anos, o novo Provedor de Justiça. Foi eleito pela Assembleia da República, onde toma posse no próximo dia 5, terça-feira.

Foi deputado em quatro legislaturas (1979, 1980, 1985 e 1987) e ministro da Justiça dos 3º, 6º, 9º e 10º Governos Constitucionais chefiados, respectivamente, por Nobre da Costa, Sá Carneiro, Mário Soares e Cavaco Silva.

«Sai quatro vezes de ministro da Justiça, em circunstâncias totalmente diferentes, mas sempre para voltar ao meu escritório sem receber qualquer benesse, sem Conselhos Fiscais, absolutamente nada que não seja a minha profissão de advogado», comentou o novo Provedor de Justiça, para vincar que isso lhe tem dado «uma independência fundamental para o exercício do novo cargo».

Nos últimos três anos, Mário Raposo tem presidido à mais importante das Comissões Parlamentares, a de Direitos, Liberdades, e Garantias, por onde passa cerca de 70 por cento da actividade legislativa da Assembleia. À margem da sua carreira política, é professor catedrático convidado de Direito Civil na Universidade Internacional e membro de várias sociedades científicas, depois de ter sido Bastonário da Ordem dos Advogados, no triénio 75/77, o primeiro eleito por sufrágio directo, depois do 25 de Abril.

Foi também vice-presidente da União Internacional de Advogados entre 1977 e 79.

fui advogado, nunca fui outra coisa e agora tenho de interromper totalmente a minha profissão. Mas eu não pretendo prolongar a minha carreira política e já tencionava cessar as funções de deputado no fim da Legislatura para regressar a tempo inteiro à minha profissão de advogado. Mas mais uma vez este meu desejo terá de ser adiado. Não encaro a Provedoria como um trampolim na minha carreira política ou para qualquer outra actividade. Digamos que é um ciclo na minha vida embora não rejeite a possibili-

dade de um dia voltar ao Parlamento como deputado.

DL - Pensa que as honrarias do cargo compensam esse sacrifício pessoal?

MR - Só aceito este sacrifício pessoal porque espero a compensação de poder fazer alguma coisa de concreto e útil a favor do povo português.

Não aceitei ser Provedor por mero capricho ou volubilidade. E se é certo que não será um qualquer sobressalto que me fará renunciar ao cargo, também não hesitarei se

O cargo

Fruto da eleição por dois terços dos deputados, o Provedor de Justiça é constitucionalmente considerado (art. 23º) «um órgão independente», a quem todos os órgãos e agentes da Administração Pública devem cooperação.

A sua função essencial é receber queixas dos cidadãos, «por acções ou omissões dos poderes públicos», competindo-lhe apreciá-las «sem poder decisório» e dirigir «aos órgãos competentes as recomendações necessárias para prevenir e reparar injustiças».

Segundo disse ao DL o próprio Mário Raposo, «esta função é marcada pela pessoa que inicia o cargo». Em França, é relativamente apagada porque «o primeiro Mediateur, como se diz lá, foi Antoine Pinay que não ligou, não lhe deu suficiente ênfase, por ser demasiado político para funcionar como contra-poder». Em Portugal, na opinião de Mário Raposo, foi valorizada a imagem e a influência do Provedor, em função do primeiro titular do cargo, o coronel Costa Brás:

«Ele foi um excelente Provedor porque é um homem com ideias muito precisas e claras, muito firmes e concludentes».

Quanto aos sucessores de Costa Brás, o novo Provedor considera que «Magalhães Godinho foi excelente e deixou relatórios notáveis», Pamplona Corte-Real «exerceu o cargo capazmente» e a acção do último, o dr. Almeida Ribeiro, teve maior repercussão pelo seu contacto com a Comunicação Social».

D.R.

O Provedor deve ser um homem firme, que está no mesmo sítio, enquanto os poderes podem ir correndo cinematicamente. Ele tomará em cada circunstância as posições que a sua consciência aconselhar e que as pessoas que o escolheram acreditam que poderia assumir.

DL - Não funcionará, ao menos, como contrapoder?

MR - Eu sou, incorrigivelmente, um contrapoder e ninguém pense que serei um Provedor acomodaticio. Aliás, as condições em que fui eleito só reforçam a minha disposição. Eu fui eleito não por ser deputado do PSD, mas apesar de ser deputado do PSD. Apenas tive dez votos contra, num universo de mais de duzentos deputados e isto depois de assentarem no meu nome inteiramente à minha revelia e com total desconhecimento meu. Se foi encontrado um nome eventualmente consensual e depois recebeu na prova dos votos o consenso alargado das outras bancadas, há que tirar daí as consequências.

DL - O que é que os outros partidos parlamentares esperam de si, em troca desses votos?

MR - Certamente que os senhores deputados não são ingénuos e se escolherem o meu nome é porque acreditam em mim para um efectivo exercício do cargo. Mas atenção: não houve nenhum negócio político por trás, o PSD não deu nada em troca, nem o PS pediu nada em troca. Eu suponho, até, que ambos sugeriram o meu nome simultaneamente. Isso é responsabilizante mas também responsabiliza os poderes constituídos e as suas múltiplas ramificações em relação à minha futura actividade e à minha legitimidade.

DL - Considera que o seu antecessor, o dr. Almeida Ribeiro, fez um bom papel ou entende que é de rectificar a linha de actuação?

MR - Cada pessoa tem o seu estilo. Mas há aqui algumas coincidências históricas. Ele foi o último bastonário da Ordem dos Advogados, antes do 25 de Abril, pertencendo eu ao seu Conselho Geral, na companhia de Salgado Zenha, Sá Carneiro, Armando Bancelar, Vasco da Gama Fernandes, etc. Curiosamente, fui o primeiro a ser eleito por sufrágio directo e universal de todos os advogados.

Sou necessariamente diferente do dr. Almeida Ribeiro e fui, ainda antes do 25 de Abril e dentro da chamada Oposição Democrática, um dos primeiros a suscitar a ideia do Provedor. Depois fui o primeiro a falar concretamente do Provedor de Justiça, no programa de acção do Ministério da Justiça do dr. Salgado Zenha. Conheço, por isso, muitíssimo bem, a génese e a filosofia do cargo, embora não tenha tido qualquer contacto com os serviços do Provedor de Justiça, para além de ter ido à sua inauguração.

Eu sou muito amigo do dr. Almeida Ribeiro, uma pessoa que me merece toda a consideração e respeito pelo modo como exerceu o cargo. Mas também não posso subestimar a actuação dos outros provedores.

Daniel Reis

FORUM

RELÓGIOS FALANTES

DESABAFO FISCAL

Falo-vos hoje sob o directo impacte dos efeitos tributários... Tradicionalmente queixamo-nos dos impostos, todavia vislumbramos amiúde dois pesos e duas medidas na abordagem de tal matéria - em abstracto quase ninguém duvida da necessidade de um sistema fiscal eficiente, justo e capaz de acudir às necessidades públicas; mas no concreto, são conhecidas as heróicas descrições das mil maneiras de iludir o fisco. Ao contrário do rigor anglo-saxónico neste domínio, há uma grande permissividade do mundo latino. Tempo houve em que os governos preferiam adoptar sistemas que assentavam na aceitação de uma margem significativa de desrespeito pelas obrigações fiscais - fraude e evasão. No entanto, como costume dizer aos meus alunos, há que contrariar claramente essa tendência de desrespeito dos deveres cívicos (pela qual pagam os justos pelos pecadores), nítida na geral cumplicidade existente em sociedades como a nossa no tocante aos impostos.

Não basta, porém, invocar o exemplo dos países mais cumpridores e dos seus cidadãos mais ou menos exemplares. É indispensável que o Estado assuma as suas responsabilidades e que esteja à altura de corresponder com a melhor qualidade no tocante aos serviços públicos e com a maior eficácia quanto à satisfação de necessidades colectivas. Importa, assim, não esquecer que a chamada crise do Estado de Bem-estar (nos países em que ele existe, o que não é, ainda, o nosso caso) se traduz, antes do mais, numa crise de legitimidade: os poderes públicos exigem mais sacrifícios patrimoniais aos contribuintes sem que tenham capacidade de melhorar os serviços que prestam e aumentar a cobertura de necessidades e riscos sociais. Em vez de termos melhores infra-estruturas, melhores hospitais e escolas, melhores correios (há cem anos uma carta era entregue em Lisboa com maior celeridade do que hoje) ou caminhos-de-ferro..., verifica-se que a burocracia centralizada engrossa e que os cidadãos estão cada vez mais longe da gestão e do acompanhamento dos equipamentos colectivos. A responsabilidade não é incentivada e a avaliação dos resultados da acção dos entes públicos não é feita...

Não está, pois, em causa a necessidade óbvia de o Estado, descentralizado e desconcentrado, agir como regulador económico e social - mas sim o modo como os burocratas tendem a alimentar-se à custa do cidadão comum e dos seus sacrifícios. Olhe-se a esse propósito a reflexão que está a ser feita na Suécia sobre o sistema fiscal. Sem dogmatismo, os economistas do Partido Social Democrata, sabendo que o velho imposto pessoal e progressivo sobre o rendimento foi a grande bandeira do projecto em que se integram, chegaram à conclusão que o sistema tradicional de progressividade penaliza essencialmente os trabalhadores por conta de outrem.

Estes são os maiores sacrificados de um regime que assim só parcialmente é de justiça distributiva. Sem precipitações, estuda-se neste momento, com naturais sobresaltos e hesitações um novo modelo... Porquê? Uma vez que a progressividade do imposto pessoal do rendimento não pode ser um fim em si - devendo haver antes, a preocupação de adequar o sistema ao respeito da justiça e da eficácia do interesse geral.

Infelizmente, e num sentido diverso, apercebemo-nos hoje, entre nós, que há um dogmatismo publicista e a ilusão de que os problemas pátrios se podem resolver recorrendo ao severo aperto do contribuinte comum, Adília, Abel, Bento ou Zacarias, que, por exemplo, tenha a pouca sorte de adicionar os seus rendimentos ao do cônjuge e a mais uma actividade adicional para equilibrar o orçamento familiar. Resultado: é duramente penalizado - nas malhas de uma tabela apertadíssima, na qual se considera que a zona dos privilegiados se inicia no patamar do rendimento anual (pasmem-se!) de três mil contos... Um amigo meu centro-europeu não queria acreditar no que eu lhe dizia... Para ele, assim concebida, essa taxa marginal de 40% é uma barbaridade. Nós todos que o digamos...

Mas tudo isto são minudências... Afinal, para mal dos nossos pecados, os cálculos benignos das sessões economicistas de propaganda ficaram bem longe da realidade prática - até porque os rendimentos que anteriormente estavam is-

entos do imposto complementar não foram objecto dos ajustamentos necessários, sendo certo que as fraquezas congénitas desse imposto de sobreposição nunca permitiram a sua aplicação, como a previram os seus criadores...

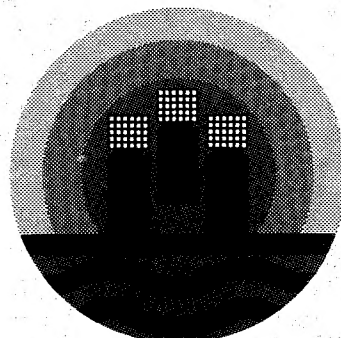
O que se passa? O imposto sobre o rendimento pessoal está a revelar-se muito mais penalizador para o contribuinte do que o fizeram crer, no início, alguns. Curiosamente, porém, os primeiros alertas vieram do seio da comissão de reforma. Agora estão a confirmar-se. Com efeito, o cidadão comum começa a sentir na carne essas dúvidas e reparos -

e os efeitos de alguma precipitação quanto à entrada em vigor do sistema. Aliás, em matéria de perplexidades fica certamente a da evidente violação do princípio de protecção da família (artigos 67.º e 68.º da Constituição) - ao limitar-se a valor irrisório as despesas com a educação dos descendentes (dos meus três filhos, só me foi possível considerar 1 e 1/3)...

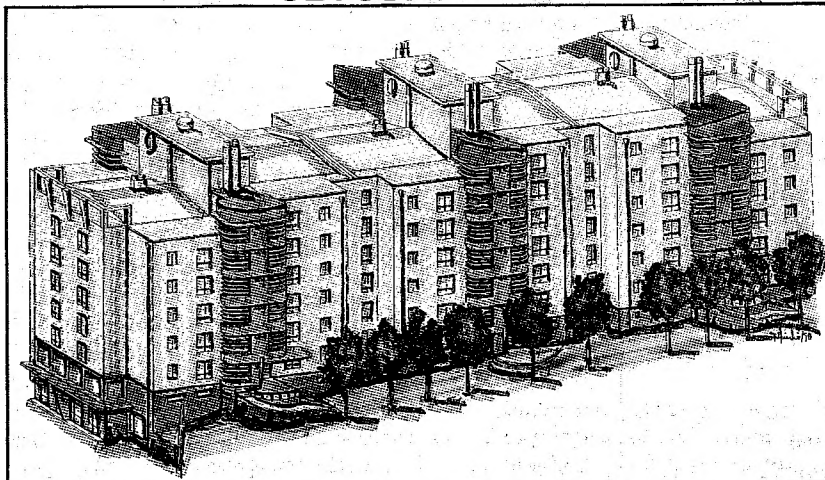
Vejamos até que ponto prevalecerá o dogmatismo e a irredutibilidade... É tempo de ver a realidade e de tirar conclusões. Há que mudar...

COMPRE APARTAMENTOS NA COSTA AZUL

TORRES DO SADO

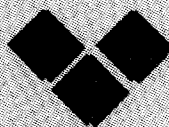


SETÚBAL



A dois passos de Lisboa, SETÚBAL - A CAPITAL DA COSTA AZUL - começa já a viver o FUTURO! Já lhe chamam SILICON BAY...

E com razão... OS GRANDES PROJECTOS COMEÇARAM JÁ A ARRANCAR. SETÚBAL é um caso muito sério para INVESTIDORES AVISADOS! AS TORRES DO SADO - JUNTO AOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL - SÃO UM INVESTIMENTO CERTO, COM VALORIZAÇÃO GARANTIDA. Apartamentos de 2, 3 e 4 assoalhadas.



TETRA
CONSTRUÇÃO, S.A.

MESMO NO - CORAÇÃO - DA CIDADE!

ANDAR MODELO EM SETÚBAL:
Av. Bento Jesus Caração - defronte do posto mobil - Telefone 065/721144 - Telex 63810 ARTET P
Sede: Av. Defensores de Chaves, 27 - 1.º Esq. - 1000 LISBOA
Telefone 54 10 10 - Telex 13012 ESTIL P - Fax 352 63 71



Gullherme
Oliveira Martins

FORUM

LETRA DE FORMA

o jornal

De um artigo de José Miguel Júdice

Ninguém com um mínimo de bom senso nega que a função militar é distinta da generalidade das funções administrativas do Estado. Assim como é evidente que as Forças Armadas são expressão da vontade de soberania e independência de um povo. Mas nada disso pode servir de alibi ou camuflagem para a ocultação da verdadeira questão que tem de ser colocada e resolvida: não faz qualquer sentido, em 1990 e em Portugal, a dimensão humana e material das Forças Armadas portuguesas. Poderá até defender-se - o que não é o meu caso - que não faz sentido que Portugal, na CEE, tenha forças armadas. Mas o que se não pode aceitar é manter uma estrutura militar humana e material como se houvesse um território pluricontinental com mais de um milhão de quilómetros quadrados a defender, ou como se fosse necessário evitar os golpes de Estado em Lisboa ou acalmar a pulsão pretoriana dos militares.

1. Junho.90

PÚBLICO

De um artigo de Luís Mota

O separar das águas entre a esfera jurídica e a esfera política não se resume a concretizar a filosofia da separação de poderes - é uma exigência suscitada pela prática democrática. O Estado de Direito, sob pena de permanecer apenas formal, não se pode limitar à proclamação da independência dos tribunais e da imparcialidade dos juízes - é preciso que o sistema judiciário, além de justo, seja operativo. Isto é tanto mais imperioso quanto os «dossiers» em causa estejam na tal zona cinzenta, marcados por forte incidência política.

Quanto aos dois casos em apreço, a situação a que se chegou obrigará porventura a soluções diferentes. O processo FUP/FP-25 está pendente de decisão política e a amnistia impõe-se. O processo de Camarate não deve ser objecto de pronunciamento de órgãos de soberania que não sejam os tribunais e a intervenção política há-de empenhar-se, apenas, em garantir-lhes todos os meios para um veredicto urgente e conclusivo.

1. Junho.90

Tempo

De um artigo de Manuel José Homem de Mello:

(...) Havendo os deputados aprovado um voto de protesto contra a Rádio Televisão Portuguesa - voto esse ainda para mais de cariz político - o menos que se esperava dos gestores da RTP era que apresentassem, e sem tardança, o pedido de demissão dos cargos que exercem por nomeação governamental.

Nada disso aconteceu. Muito pelo contrário, a RTP «deu-se ao luxo» de emitir - e de fazer ler nos «seus» ecrãs - um comunicado polémico tendente a «explicar» a atitude que motivara o protesto do Parlamento, negando à assembleia o direito de resposta. Os gestores da RTP revelaram-se «agarrados» aos cargos como as lapas às rochas. (...)

31. Maio.90

CAPITAL

De um artigo de Rui Oliveira Costa:

(...) A coesão económica e social no seio da Comunidade tem de ser garantida e cabe-nos a nós, portugueses, obrigar os responsáveis comunitários a tomar as decisões que assegurem a concretização plena desse princípio em todo o nosso território e em benefício de todos os portugueses.

Tal implica que se organize e dê eficácia ao «lobby» português junto das instâncias comunitárias, visando assegurar as reformas das políticas, o crescimento necessário dos recursos financeiros e a orientação privilegiada destes para as regiões mais atrasadas, sob pena de se alargar o fosso que as separa das mais avançadas. (...)

31. Maio.90

POLÍTICA DE A a Z

DO CONGRESSO SOCIALISTA À ALTERNATIVA DEMOCRÁTICA

Fora anunciado um Congresso pacífico, de brande e convencionais debates, de consagração do líder, de entusiástico apoio à corrida para vitórias eleitorais: a das presidenciais com velocidade pautada pelas frias ponderações de Mário Soares, a das legislativas em aceleração livre.

Sabia-se que o Congresso concederia audiência e aplauso ao «patriotismo partidário» da minoria, não se previa, contudo, que esta reforçaria com Mário Cal Brandão e Raúl Rêgo a sua vertente jacobino-republicana, nem que se tornaria, por esse país fora, pólo de atracção dos apoiantes desmobilizados de Jaime Gama.

Mas a dialéctica das contestações e das contradições entre «maioria» e «minoria», se levam a crer que existem critérios diferentes a nível da direcção e da orientação do Partido Socialista, não se concretizaram essas diferenças numa disputa imediata, numa competição de pessoas. Jaime Gama não se apresentou como candidato à liderança; e João Soares não lançou na corrida para secretário-geral o seu candidato, José Lamego. É cedo, também, para a nova liderança da Juventude Socialista abrir jogo.

Com os problemas relativos aos estatutos aditados e com o gravíssimo problema financeiro em via de solução, ou, pelo menos, atenuado, unido à volta de Jorge Sampaio, dotado de um documento político importante as - «Bases e Princípios para o Programa de Governo do PS» -, o Partido Socialista ia sair do Congresso armado e mentalizado para conquistar a maioria parlamentar e ser Governo. Passou-se o Congresso na mais doce harmonia, salvo esfumados criticismos e algumas flores de retórica que são o sal das magnas reuniões partidárias, eis que chegou a questão da composição da lista para a Comissão Nacional. Ardeu Tróia. O verniz estalou, as doces trocas de opinião deram lugar a azedas disputas, o esmalte da unidade saltou, a concórdia revelou-se lacerada de rivalidades. Os lugares na Comissão Nacional - as inclusões de nomes e a respectiva ordem de colocação -, foram disputados palmo a palmo, brado a brado. A onda de protesto não poupou Jorge Sampaio, e este teve que descer à liça, que explicar situações, corrigir critérios, limar atritos, apaziguar agravos.

Não se pense que estas questões de pessoas são pequeninos problemas na vida de um partido nesta fase em que se prepara para conquistar o poder. As querelas em torno da constituição da Comissão Nacional do Partido Socialista deverão ser consideradas na sua essência e dimensão. São querelas de pessoas, de ambição e de carreirismo, mas têm uma importância política que não deve ser minimizada.

Exprimem a instabilidade da composição das instâncias directivas do PS. Reflectem um facto histórico: no PS as direcções têm-se sobreposto, e sido substituídas numa sucessão accidental, numa sucessão que verdadeiramente não corresponde à história do Partido. O núcleo fundador não tem presença na direcção do PS. As figuras históricas do oposicionismo republicano que aos fundadores se vieram juntar, foram eliminadas pela lei dos anos ou pelas exigências da modernização. Os «notáveis regionais» soaristas mantêm-se decorativamente, aqui e além, emergem nalgumas periferias autárquicas. Os católicos de formação vieram substituir os de formação jacobina. Os socialistas de novas vagas vieram sobrepor-se aos socialistas apostados em manter uma tradição de socialismo das classes trabalhadoras. Apesar das posições sindicais que controla, o PS reivindica cada vez com mais veemência o seu interclassismo. O seu socialismo dispensou critérios de classe, banuiu o marxismo (antes das derrocadas do Leste), enleou, nas malhas da revisão constitucional, conquistas e avanços de Abril.

As contradições entre a ideologia proclamada na fase inicial, quando o PS era uma força de oposição antifascista, e a prática do PS, partido de governação no período pós-revolucionário, reflectem-se na atitude, na participação, nas ambições dos militantes e candidatos socialistas. Muitos foram atraídos quando o PS era poder no Estado; estão agora interessados em que o PS volte a ser poder de Estado. E na Assembleia da República, os que são deputados, ou, por esse país fora, os autarcas, vivem zelosos as vantagens de uma carreira.

Explodiram sentimentos, e ressentimentos, de ambição e de carreira a propósito da composição e do ordenamento dos nomes na Comissão Nacional. Jorge Sampaio, com fleumática serenidade, defende que é uma tempestade num copo de água condenada a passar e a esquecer. Não nos iludamos porém. A tempestade será mais forte quando se tratar de constituir um Governo PS. E é com essa perspectiva política, ou essa rissonha convicção, ou esse sonho, que o Congresso encerrou e o PS vai trabalhar.

Não profetizamos desgraças, mas as desinteligências quanto à constituição da Comissão Nacional vão-se reproduzir, a um nível mais delicado, mais grave, no caso da constituição do Governo Democrático de Alternativa de Esquerda. E muitos dos que vão defender a estratégia «PS só, só PS», mais do que uma linha ideológica poderão defender interesses de promoção pessoal sem ter em conta a abertura a uma

válida solução política.

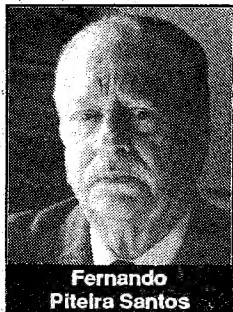
As intenções de alternativa exigem coerência e audácia. Exigem que a mensagem do documento «Bases e Princípios para o Programa de Governo do PS» penetre nas bases do partido e mereça uma plena adesão. É necessário que o PS se mobilize por princípios e para atingir os objectivos de uma «alternativa de esquerda». É necessário que alcançar o poder não se reduza à substituição das pessoas que são titulares dos cargos do Estado. A tarefa de Jorge Sampaio não é fácil. Antes de reorganizar o Governo nacional, há que organizar as estruturas do PS. O Partido Socialista tem-se revelado capaz de impulsos, ímpetus, arranques entusiásticos, mas não tem conseguido uma velocidade de cruzeiro, uma militância regular, uma constante actividade das bases.

Não será, bem o sabemos, só o PS a sofrer quebras de militância. Nem só o PS poderá queixar-se do apagamento das estruturas de base. O problema dos partidos, do seu papel real na vida democrática, merece mais profunda meditação. O PS vive, também, a necessidade de escolher entre dois tipos de organização partidária: «partido de militantes?»; ou «partido de eleitores»? No primeiro caso haverá que criar uma adequada vida partidária; no segundo caso dar-se-á mais folgada margem ao predomínio dos «notáveis», dos «influentes», dos «caciques». O caminho do poder, para contentar os ambiciosos do poder, passa pelas concessões políticas, pelos arranjos regionais e locais, pelas desistências ideológicas. Um partido avança para o poder desfigurando-se.

São estes meses que nos separam das eleições presidenciais e legislativas, para o Partido Socialista e para Jorge Sampaio, um momento político difícil. «As grandes mudanças que sacodem o Mundo e em particular a Europa correspondem ao triunfo da liberdade sobre o totalitarismo e à influência crescente, determinada pela revolução na informação e nas suas tecnologias, do modelo europeu ocidental, para cujo avanço a social-democracia europeia e o socialismo democrático foram agentes decisivos.»

- citamos do documento do PS apresentado ao Congresso. Dessa responsabilidade ideológica resulta para o Partido Socialista - se os pressupostos estão certos - a necessidade de um

forte empenhamento na «alternativa democrática» e uma reacção firme às pressões do PSD. «É preciso denunciar que o iluminismo tecnocrático vai nu...» - diz o PS. Vai nu, e no seu desnudo caminhar, vai abrindo oportunidades para os restauracionistas e os regressos autoritários.



Fernando Pitelra Santos

INTERNACIONAL

Divergências sobre a questão alemã não azedam Cimeira Bush-Gorbachev

Bom começo em Washington para uma Primavera da Paz

De Washington, especial para o «DL»

O estado de espírito era animado em Washington, quando o Presidente dos Estados Unidos George Bush apertou as mãos do Presidente soviético Mikhail Gorbachev, na cerimónia oficial de boas-vindas, no relvado sul da Casa Branca, para dar início à Cimeira norte-americano-soviética há tanto esperada por todos.

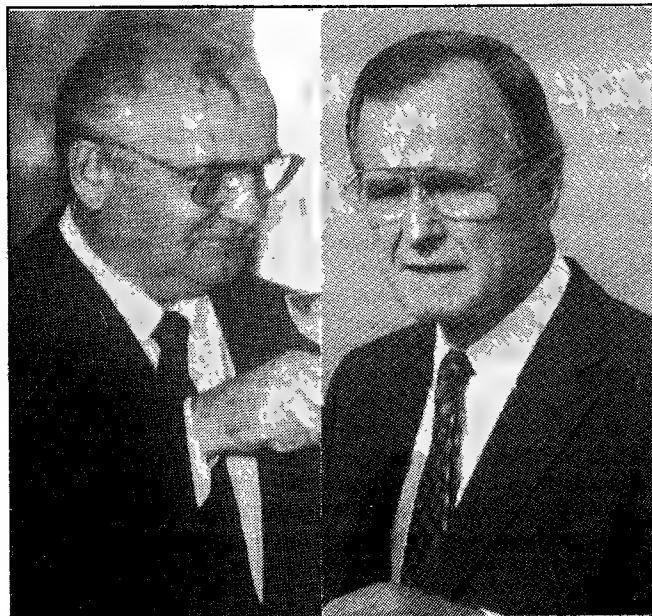
Esejulgamos pela jovialidade da recepção, então podemos presumir que esta Cimeira porá os últimos retoques ao final da era da «guerra fria» e introduzirá um novo, mais desejado e irreversível período de paz na História da civilização.

Na sua alocução, o Presidente Bush reconheceu que grandes progressos tinham sido feitos no melhoramento das relações bilaterais. Apesar disso, por duas vezes se referiu às diferenças existentes.

O Presidente Gorbachev, pelo seu lado, acentuou tudo o que era positivo e traçou as expectativas soviéticas para o futuro. Sublinhou que uma maior estabilidade, clareza e previsibilidade nas relações soviético-americanas era devidamente apreciada através do Mundo.

Depois desta efusiva cerimónia de recepção e quando os dois Presidentes começaram o primeiro encontro no gabinete oval, apenas com os intérpretes presentes, as centenas de homens da Comunicação Social juntaram-se em bandos no centro de Imprensa da Cimeira, que foi montado no complexo desportivo da Universidade de George Washington.

Enquanto esperavam pelos «briefings» dos porta-vozes soviético e norte-americano sobre os resultados do encontro da Casa Branca,



Gorbachev e Bush: o futuro do mundo passa por estes dois homens

conversaram com os seus colegas soviéticos e pediram-lhes entrevistas informativas.

Em particular estavam interessados em saber em que medida a situação económica hoje existente na União Soviética, que caracterizam como crítica, pode afectar a posição negocial do Presidente Gorbachev.

Uma barragem de perguntas

Desta barragem de perguntas todas iguais sobre as questões económicas fica-se com a ideia de que para os jornalistas norte-americanos boas notícias não são notícia, enquanto que as más sim.

Claro que a situação económica da União Soviética não é fácil, mas isso não é razão para a agravar. Não acredito, como muitos aqui em Washington sugerem, que a parte soviética peça ajuda maciça norte-americana. A rectificação dos males económicos é tarefa do Governo e do povo soviéticos.

Mas o reforço de laços económicos e comerciais

soviético-norte-americanos, mutuamente vantajosos, seria desejável. No entanto, apenas se não tiver outra razão que o seu impacto na comunidade mundial de negócios. Afinal de contas, o comércio com os Estados Unidos é pequeno, se comparado com os negócios soviéticos com outros países.

Também, quase todos os jornalistas soviéticos foram interrogados sobre a questão de saber em que medida a eleição de Boris Ieltsin para a presidência da Federação Russa pode afectar a situação política soviética. E ficaram muitos surpreendidos, quando também sobre esta questão, muitos jornalistas soviéticos não dramatizaram o acontecimento.

Abordagem franca dos problemas

No que me diz respeito, respondi que uma coisa era ser um crítico sem rodeios, estando de fora, e outra ser uma pessoa que construtivamente trabalha a partir de dentro. E o facto de Boris Ieltsin ter ganho a Presidência

por uma estreita margem obrigá-lo-ia a repensar as suas ideias mais radicais.

A primeira sessão de conversações Bush-Gorbachev terminou mais tarde do que o esperado e pela satisfação relatada por aqueles que os viram despedir-se, pode supor-se que tudo correu bem.

Isto foi confirmado pelo porta-voz Marlin Fitzwater, que começou sozinho o previsto «briefing» conjunto, enquanto Arkadi Maslennikov, o porta-voz do Presidente soviético, se encontrava em deslocação a partir da Embaixada soviética, onde esteve no almoço dado pelo casal Gorbachev a um seleccionado grupo de intelectuais norte-americanos. Mas quando Maslennikov finalmente chegou, confirmou a apreciação de Fitzwater sobre o primeiro encontro, dizendo que foi uma abordagem conceptual dos problemas que ainda enfrentam os dois países. Mas enquanto o porta-voz norte-americano caracterizava o encontro como amigável, o seu homólogo soviético descrevia-o antes como tendo decorrido numa atmosfera de trabalho, aberta e construtiva.

Espera-se que os Presidentes assinem hoje os documentos sobre armas químicas, testes nucleares, trocas de estudantes, uso pacífico da energia nuclear e, possivelmente, um acordo de princípios sobre os armamentos nucleares estratégicos.

Se este ambiente favorável que agora prevalece na Cimeira e se todos estes acordos, assim como outros, forem concluídos e assinados, então a Cimeira entre Mikhail Gorbachev e George Bush terá trazido a Primavera às relações entre os dois países.

Os muros que durante anos separaram os povos continuarão a cair e as trincheiras da guerra fria a desaparecer.

Vladimir Simonov

Assinatura de acordos ao fim da tarde

Duas sessões de conversações põem hoje termo à parte negocial instituída na Cimeira Bush-Gorbachev em Washington, iniciada ontem.

Amanhã, os dois Presidentes estarão informalmente em Camp David, e no domingo darão uma conferência de Imprensa, terminando a cimeira com uma cerimónia de despedida. A primeira sessão de conversações de hoje começa às 11 horas locais (16 horas de Lisboa), terminando duas horas depois.

A segunda sessão, final, começará às 17 horas locais, durando uma hora. Seguir-se-á a cerimónia de assinatura de diversos acordos. Entre eles, o mais importante diz respeito aos princípios gerais sobre a redução dos armamentos estratégicos. Está também prevista a assinatura de um acordo sobre a redução em 80 por cento dos armamentos químicos das duas superpotências, no espaço de 10 anos, e de um protocolo sobre o controlo dos tratados de 1974 e 1976 sobre a limitação dos testes nucleares subterrâneos.

O dia oficial terminará com um jantar oferecido por Gorbachev a Bush na embaixada soviética.

Gorbachev, à margem da cimeira encontrar-se-á com o antigo Presidente da Costa Rica, Oscar Arias, para discutir a situação na América Central.

De manhã, Gorbachev recebeu o prémio «Homem da História», criado pela fundação do «Apelo à Consciência», uma organização norte-americana formada por empresários e religiosos.

Questão alemã adlada?

Após o primeiro dia de conversações com o seu homólogo norte-americano, o Presidente Mikhail Gorbachev disse continuar a acreditar na possibilidade de «grandes resultados» durante esta cimeira.

Em declarações aos jornalistas, em Washington, o líder do Kremlin afirmou que «alguma coisa emergiu» da discussão sobre a questão alemã.

No entanto, acrescentou: «Penso que não será aqui que a questão alemã será resolvida».

De referir que a assinatura de um acordo comercial entre os EUA e a URSS continua em dúvida, mas os dois Presidentes deverão hoje produzir declarações sobre as negociações relativas a armamentos convencionais na Europa.

Bush e Gorbachev assinam hoje acordos sobre armas químicas, testes nucleares, trocas de estudantes, estudos sobre a aviação e o oceano e uma declaração com as «principais medidas» de um tratado sobre a redução dos armamentos estratégicos (START).

OS líderes das duas superpotências manterão este ano mais duas reuniões, segundo o porta-voz de Gorbachev, Arkady Maslennikov.

O anúncio foi feito durante uma conferência de Imprensa com o homólogo da Casa Branca, Marlin Fitzwater, na sua primeira intervenção fora do país.

Maslennikov explicou que os dois Presidentes se encontrarão primeiro na cimeira dos 35 participantes na Conferência de Segurança e Cooperação Europeia (CSCE) e na assinatura do Tratado de Redução de Armas Estratégicas (START) entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Por outro lado, foi anunciado que o ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Eduard Shevardnadze, e o secretário de Estado norte-americano, James Baker, encontrar-se-ão na próxima semana em Copenhaga.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Quebec pode exigir independência ao Canadá

Se até dia 23 deste mês, a província francófona do Quebec não atingir um consenso com outras três províncias anglófonas que lhe recusam a concessão de poderes especiais, o Canadá poderá sofrer a primeira secessão da sua história. O primeiro-ministro Brian Mulroney convocou ontem os dez governos provinciais do país para uma reunião urgente para o próximo domingo, em Otava, em que se vai tentar o acordo o qual, por enquanto parece difícil, a julgar pelas declarações do chefe do Executivo canadiano. Segundo ele «continuam a existir divergências cruciais».

A data de 23 de Junho foi estabelecida

no acordo do lago Meech, que prevê a adesão da província do Quebec à Constituição de 1982 e o reconhecimento daquela província como uma sociedade distinta, devido às suas características francófonas. Até lá, as restantes províncias têm que ratificar o acordo, senão o Quebec pode pedir a sua separação da federação. Três das dez províncias anglófonas não aceitam conceder aos francófonos esse estatuto de «sociedade distinta».

Em 1980, através de um referendo, os habitantes do Quebec rejeitaram a independência, mas sondagens recentes revelam uma evolução no sentido da separação do Canadá. O facto da

comunidade anglófona não reconhecer a sua tradição francófona, é o principal motivo evocado pelos independentistas. Lucien Bouchard, o antigo ministro do Ambiente, cuja demissão provocou na semana passada um crise no Governo de Mulroney, tem pressionado o primeiro-ministro do Quebec, Robert Bourassa, para não ceder às exigências das províncias anglófonas.

Perante estas posições extremadas, parece realmente difícil que da reunião de domingo saia o tal consenso que Mulroney pretende para resolver esta grave crise.

Redacção «DL»/Lusa

Lituânia disposta a fazer concessões

O Conselho de Ministros da Lituânia aprovou uma resolução em que se compromete a suspender as decisões adoptadas após a declaração de independência enquanto decorrerem as negociações com Moscovo, informou ontem a agência TASS.

Esta decisão segue-se a outra, aprovada a 23 de Maio pelo Parlamento da república que também prevê a disposição de congelar as leis aprovadas, desde a declaração de 11 de Março, como concessão ao Kremlin para que possam iniciar-se negociações sobre a independência.

No entanto, esta medida do Soviético Supremo da Lituânia foi considerado insuficiente por Gorbachev para sentar-se à mesa das negociações com autoridades de Vilna, já que exige que a república congele a declaração de independência em si como condição para negociar. Entretanto, a república soviética da Moldávia reconheceu ontem formalmente o direito da Lituânia de se tornar independente, anunciou a Frente Popular Moldava (FPM), que acrescentou que o Parlamento aprovou esta moção por 194 votos contra 29.

Lusa

INTERNACIONAL

B R E V E S

Luanda expulsa delegado da Lusa

O Governo angolano pediu hoje à agência Lusa a «substituição imediata» do seu delegado em Luanda, Sérgio Soares. No pedido, as autoridades de Luanda alegam que o comportamento de Sérgio Soares choca com as normas da ordem pública do país. Sérgio Soares, de 34 anos, jornalista da agência Lusa, estava colocado na capital angolana desde 1 de Novembro de 1988. Fora o primeiro jornalista português acreditado oficialmente em Angola. Recentemente foi eleito primeiro presidente da Associação de Imprensa Estrangeira naquele país. Trata-se do segundo delegado da Lusa nas ex-colónias portuguesas expulso em menos de três meses. O último caso verificou-se com António Mateus, expulso pelas autoridades de Maputo.

Fome em Moçambique mata 350

Uma grave falta de alimentos está a afectar a província moçambicana da Zambézia, onde este ano já morreram cerca de 350 pessoas, disse ontem à agência Lusa fonte provincial. O governo da Zambézia reuniu-se quarta-feira para avaliar a situação que afecta em particular os distritos de Lugela, Gilé, Ile e o posto administrativo do Luabo, considerando indispensável «uma assistência de emergência para socorrer as vítimas da fome», disse a mesma fonte. Só na localidade de Mugulana, recentemente recuperada às forças da RENAMO, morreram já 330 pessoas por falta de meios de subsistência. Este quadro verifica-se também em muitas outras localidades libertadas pelo exército moçambicano. Maputo lançou no mês passado uma ofensiva em coordenação com as forças zimbabueanas contra algumas zonas em poder dos rebeldes.

Cimeira inaugurada hoje em Kuala Lumpur

Terceiro Mundo apela à anulação da dívida

Um novo grupo de países teve hoje a sua cimeira inaugural. São quinze nações do Terceiro Mundo, ou «em desenvolvimento», cujos representantes estão reunidos na Malásia para discutir problemas comuns, tais como as relações Norte-Sul ou o endividamento externo.

Fazem parte do grupo, para além da anfitriã Malásia, Argentina, Índia, Indonésia, Senegal, Venezuela, Jugoslávia, Zimbabwe (todos os líderes destes países estão na cimeira), Argélia, Brasil, Egipto, Jamaica, México, Nigéria e Peru (representados a nível ministerial).

O discurso de abertura da cimeira, proferido pelo primeiro-ministro malaio, Mahatir Mohamad, marcou um tom bastante crítico em relação às

nações ricas do Ocidente, a quem pediu para que anulassem parte das dívidas e mostrassem maior compreensão. «Há o receio de que a democracia se tenha transformado no tipo de religião em que o comunismo se tornou. Para os liberais democratas (do Ocidente), o caos, a instabilidade e um crescimento económico retardado, com a consequente pobreza maciça e debilitante, entre os seus convertidos à democracia, são preço pequeno a pagar pelo liberalismo da democracia».

Mahatir sublinhou que o novo grupo, que inclui Governos dos dois extremos do espectro político, deveria abandonar a busca de um ideologia comum, dedicando-se antes a trabalhar para fortalecer as relações através do

comércio mútuo.

Os países membros do grupo dos quinze representam cerca de metade dos 1,3 triliões de dólares que constituem a dívida do Terceiro Mundo, principalmente aos países desenvolvidos.

O espectro da dívida deverá dominar as conversações, segundo alguns delegados, e Mahatir afirmou que os credores ocidentais devem estar preparados para aceitar o risco provocado pelos empréstimos «e se tudo o resto falhar, aceitar as perdas».

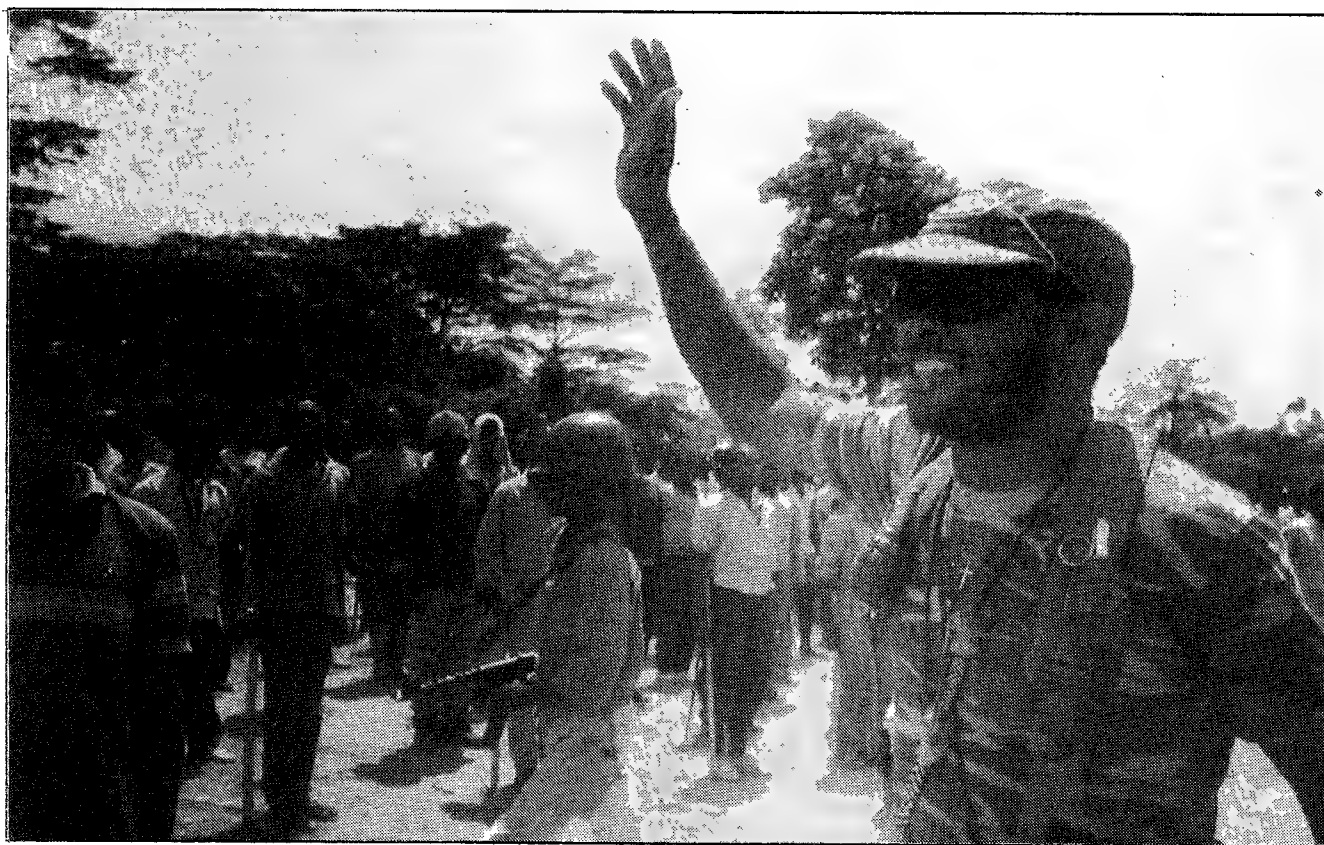
«As empresas falidas podem morrer, mas as nações não. Não podemos escravizar nações em escravos de dívidas, principalmente nesta chamada era iluminada», sublinhou o primeiro-ministro malaio.

Segundo ele, o grupo dos

quinze não pretende envolver-se em confronto com as nações desenvolvidas. «Desejo acentuar aqui, para evitar incompreensões, que não somos conspiradores contra o Norte».

O presidente do Senegal, Abdou Diouf, e o antigo presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, que participa na sessão como presidente do Grupo de Investigação da Comissão Sul, apelaram ao grupo, nos seus discursos, para que agisse e não se limitasse a falar. Esta Comissão deverá publicar a 2 de Agosto um importante relatório sobre os problemas económicos das nações em desenvolvimento, partes do qual serão discutidas na cimeira que hoje se iniciou.

Redacção «DL»/Lusa



Charles Taylor, líder da Frente Patriótica Nacional da Libéria, acena aos novos recrutas do seu movimento, durante uma concentração a 200 quilómetros da capital

Rebelião agrava crise na Libéria

O Presidente liberiano, Samuel Doe, afirmou que não se demitirá do seu cargo para não levar o país à guerra civil, aumentando assim o risco de um conflito sangrento, em caso de confronto entre as forças governamentais e a guerrilha chefiada por Charles Taylor.

Samuel Doe falava durante um encontro, ontem, em Monróvia, com o corpo diplomático representado no país que protestavam contra o ataque efectuado por soldados governamentais, no início desta semana, às instalações das Nações Unidas, provocando a morte de pelo

menos um dos soldados da delegação da ONU. Na sequência destes acontecimentos a delegação das Nações Unidas naquele país ordenou a evacuação da maior parte do pessoal e cancelou um programa de ajuda alimentar que iria abranger cerca de 30 mil pessoas.

O Presidente liberiano rejeitou qualquer responsabilidade do ataque efectuado à delegação da ONU, acrescentando que iria mandar realizar um rigoroso inquérito sobre os acontecimentos e oferecendo-se para acolher os refugiados que se encontravam nas instalações.

Enquanto isto, o líder dos rebeldes, Charles Taylor, afirmou numa entrevista concedida à BBC que a demissão de Samuel Doe não é razão suficiente para o fim dos confrontos e que está disposto a lutar até as suas forças tomarem a capital e formar o seu próprio Governo.

Ontem os rebeldes enviaram uma mensagem ao director do aeroporto de Monróvia aconselhando-o a abandonar as instalações juntamente com todo o pessoal técnico.

Taylor reivindicou um ataque realizado a poucos quilómetros do aeroporto de

Robertsfield situado a 35 quilómetros da capital.

Em Washington a Casa Branca ordenou a todos os cidadãos americanos residentes na Libéria a abandonarem urgentemente o país, devido ao avanço das forças rebeldes. Fontes norte-americanas citadas pela agência Reuter afirmaram que o aeroporto da capital ainda está aberto ao tráfego internacional mas que o Governo está a «tomar medidas apropriadas para auxiliar os seus cidadãos a saírem da Libéria».

Redacção «DL»/Lusa/Reuter

Territórios ocupados por Israel

EUA vetam envio de missão da ONU

Os Estados Unidos vetaram o projecto de resolução das Nações Unidas que pedia o envio de uma comissão para investigar a situação nos territórios palestinianos ocupados por Israel. A posição norte americana bloqueou a resolução dos 15 países que compõem o Conselho de Segurança da ONU, que na passada sexta-feira deslocou os seus trabalhos para Genebra, com o objectivo de discutir a questão palestiniana e ouvir Yasser Arafat, impedido de entrar nos Estados Unidos.

O veto dos Estados Unidos sobre a questão palestiniana é a confirmação do impasse existente actualmente sobre o conflito israelo-árabe e do Médio Oriente em geral. Washington considerou de incendiárias as conclusões finais da cimeira extraordinária dos 19 países árabes que se reuniram esta semana no Iraque, conhecidas por «Declaração de Bagdad».

«Não acreditamos que uma retórica incendiária possa apaziguar a tensão na região, diminuir a proliferação de armas ofensivas, apoiar os direitos legítimos do povo palestiniano ou conduzir à paz», pode-se ler num comunicado do Departamento de Estado divulgado ontem em Washington.

A Casa Branca esperou com alguma expectativa a declaração final dos países árabes, o mesmo acontecendo com o Conselho de Segurança que chegou a suspender a reunião em Genebra para fazer o ponto da situação, após as primeiras sessões de trabalho, mas sobretudo para se inteirar do conteúdo da declaração final da cimeira extraordinária a decorrer em Bagdad. O Departamento de Estado, um dia antes da cimeira terminar, fez um apelo aos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países árabes no sentido de facilitarem um compromisso para a paz na região. Isso não só não aconteceu, como ainda Washington foi considerado como um dos grandes responsáveis da situação vivida no Médio Oriente, através do seu apoio a Israel. Mais: o Plano Baker com vista a encontrar uma saída de compromisso entre o Governo israelita não foi alvo de qualquer referência na cimeira dos países árabes, um dos trunfos que a Casa Branca se preparava para jogar, agora que Gorbachev e Bush se encontram reunidos em Washington.

Redacção «DL»/AFP/Reuter

QUOTIDIANO

Violência na Amadora

Alta tensão na linha: agressão a jovem, na estação, dá origem a protestos populares e a cenas de violência com a Polícia de Intervenção envolvida

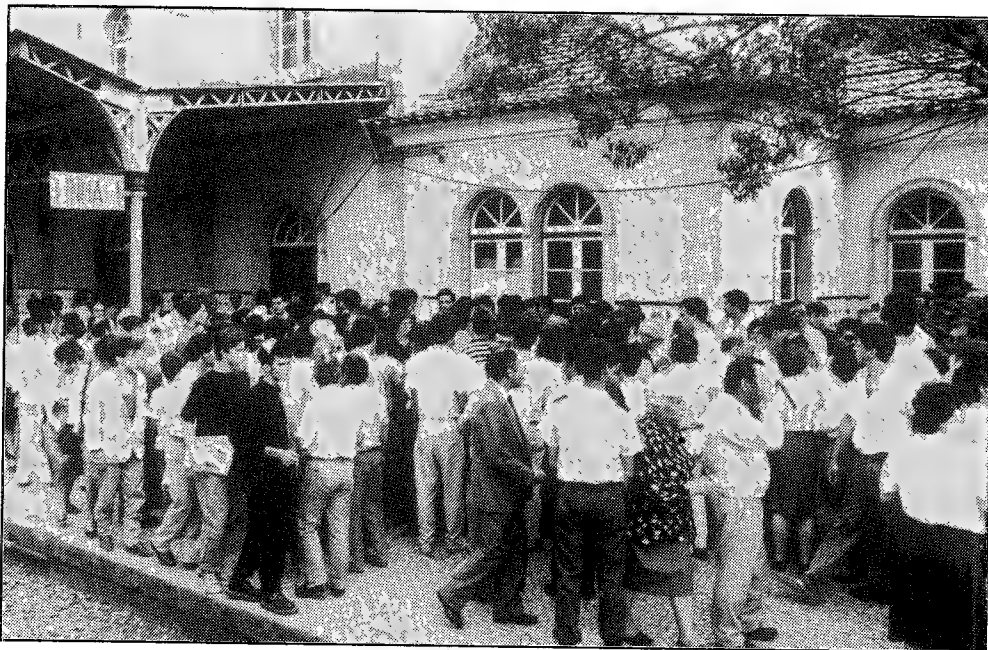
O mínimo que se pode dizer é que a linha de Sintra está a precisar de ser reciclada: material, funcionários e até utentes. Ontem a estação da CP da Amadora foi palco de mais uma cena violenta, deespoletada pela agressão de Emídio da Conceição Pires de Freitas, de 20 anos, que teve de receber tratamento no hospital de S. Francisco Xavier, de onde só teve alta hoje de manhã. Na origem do incidente esteve o facto do jovem viajar em direcção ao Cacém, tendo um título de transporte que o revisor considerou insuficiente para a viagem. Segundo Emídio de Freitas, teria querido pagar

a diferença, mas não conseguiu troco. Depois da primeira alteração entre funcionário e passageiro, este terá sido agredido pelo primeiro que, chegado à Amadora, o entregou ao chefe da estação.

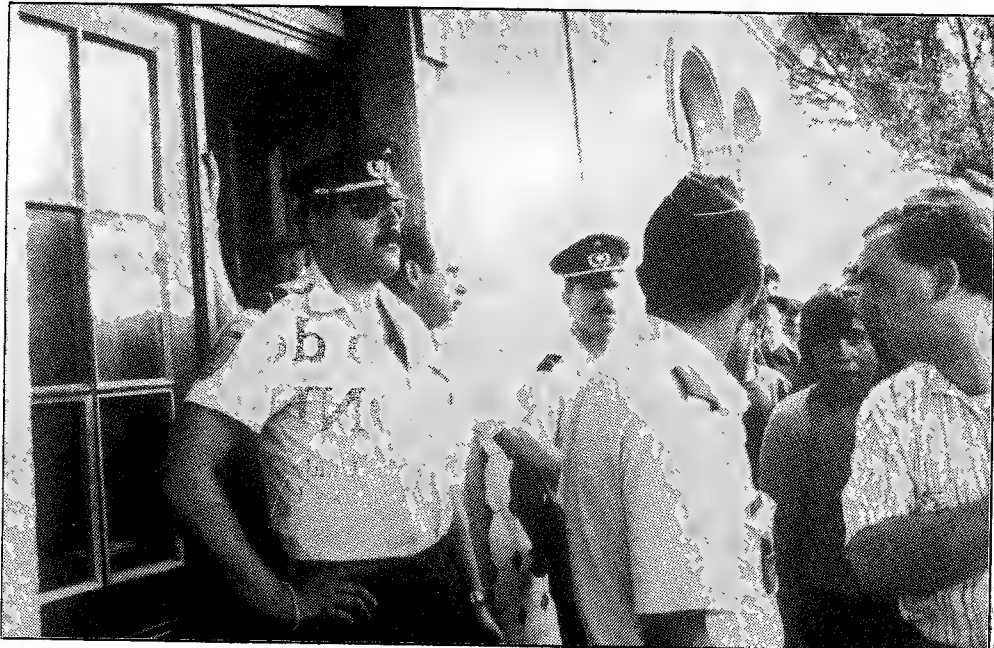
A situação, que teve início pelas 15 horas, chegou a um ponto extremo ao princípio da noite, altura em que ali chegou um contingente da Polícia de Intervenção que, de escudos e visieiras, dispersou centenas de pessoas que protestavam contra o acontecido e queriam apanhar os funcionários da CP que estariam dentro da estação. Tiros para o ar, bastonadas e correrias foram as

notas dominantes de uma noite quente que só acabou já depois da meia noite.

Como resultado do primeiro incidente, para além dos ferimentos de certa gravidade no jovem passageiro, que muitos presentes diziam ser «comando», mas que pedira adiamento militar e que se encontra a frequentar um curso de formação de informática no Cacém, para onde se dirigia, há a registar também ferimentos ligeiros em João Cozinhos, chefe da estação, que se apresentou pelo seu pé no posto próximo da Cruz Vermelha. Segundo disse, havia sido agredido por Emídio de Freitas. Já à noite,



A excitação era grande, mas a maior violência seria à noite, com a PI a actuar



Agentes da PSP guardam a entrada do gabinete do chefe da estação

depois de algumas pessoas terem apedrejado a zona da estação onde estavam os funcionários, a carga da PI originou mais dois feridos ligeiros.

Uma testemunha, Maria Dulce Gouveia, afirmou ao DL que logo de seguida as portas foram fechadas e começaram a ser ouvidos gritos de socorro, tendo sido ela a chamar um agente da PSP. Dez minutos depois das 15 horas a Cruz Vermelha era chamada, para recolher o agredido, que havia sido lançado com violência para a rua.

O pai, Manuel do Rosário Freitas, que afirma que o filho não é violento, está na disposição de apresentar queixa contra funcionários que, segundo disse um presente

na estação, «se devem acautelar, porque já há quem lhes ande a fazer a folha». Afirmção corrente era que os agressores teriam sido três ou quatro funcionários.

Outro morador, Caetano de Lima, acrescentou que «é verdade que anda muita gandulagem na linha, mas há pica e outros funcionários que pensam que os jovens são todos o mesmo».

Outra opinião que circulava era de que «isto aconteceu por que o moço é mulato».

A actuação da PI que, à bastonada, perseguiu muitas pessoas pelas ruas circundantes, mereceu uma condenação, por parte do presidente em exercício da Câmara da Amadora, que pediu um inquérito imediato e a aver-

iguação da responsabilidades.

A violência policial, «justificada» pela prolongada permanência dos manifestantes e pelo lançamento de pedras, contrasta com o papel desempenhado inicialmente pelo sub-comissário Tomé que, à civil, tentava apaziguar os ânimos e procurava uma possibilidade de retirar os agentes da 5ª Divisão da PSP, forma de fazer as pessoas regressarem a casa.

Também a Comissão de Utentes da Linha de Sintra divulgou um comunicado a exigir um «rigoroso inquérito» e o apuramento de responsabilidades. Mas, afirmava um passageiro de forma irónica, «isto nunca mais se resolve e se fizerem um inquérito ainda dizem que desta vez foi falha do material».

«O Jornal» tem novo grafismo

O semanário «O Jornal» está hoje nas bancas com um novo preço (200 escudos) e um novo grafismo: o logotipo insere-se numa longa faixa azul. Esta é a primeira vez que «O Jornal» adopta uma mudança substancial na sua apresentação, desde que apareceu à venda pela primeira vez, há 15 anos.

Greve às horas extra no «Diário Popular»

Os jornalistas do «Diário Popular» recusam-se a fazer horas extraordinárias a partir da próxima segunda-feira, até que a administração garanta «expressamente» o pagamento desse trabalho. O Sindicato dos Jornalistas afirma que a administração do vespertino suspendeu este mês o pagamento da parcela do salário «paga a título de isenção de horário ou exclusividade», regimes que «foram firmados na sua maioria, em Novembro de 1989, válidos por um ano».

Aumento dos jornais

«A Capital» ameaçada de expulsão da AID

O aumento do preço dos jornais, que hoje entrou em vigor, está a gerar polémica entre os membros da Associação de Imprensa Diária (AID), com o vespertino «A Capital» ameaçado de expulsão por não ter acatado o preço decidido em assembleia geral.

Naquela reunião, os membros da AID decidiram aumentar os jornais diários de expansão nacional para 75 escudos. No entanto, e apesar de a assembleia ter decidido maioritariamente o aumento de 15 escudos, «A Capital» anunciou posteriormente, já fora daquela assembleia, que praticaria um preço de 70 escudos.

«Todas as decisões da assembleia geral são para cumprir pelo que, como não acatou os aumentos fixados, 'A Capital' será expulsa da AID», afirmou à agência Lusa Carlos Barbosa, administrador do «Correio da Manhã» e membro da Associação.

«Ninguém encomendou o sermão ao Carlos Barbosa, que nem sequer tem autoridade para falar em nome da Associação. A decisão terá que ser tomada em reunião da Assembleia Geral», é a re-

sposta da «Sojornal», proprietária do vespertino, segundo declarações à Lusa de um dos seus administradores, Albérico Fernandes. Para aquele administrador, «nada justifica um aumento de 25 por cento»: «Sabemos calcular os custos e 70 escudos é o preço razoável, os outros jornais é que sobem demais».

Albérico Fernandes afirma que «a rigidez da assembleia geral vai contra a lei da livre concorrência» e considera mesmo que «começa a ser prejudicial pertencer a uma Associação que não defende os interesses dos vespertinos».

O administrador da «Sojornal» reclama para os jornais da tarde um estatuto diferente dentro da AID «porque têm uma estratégia e uma filosofia diferentes em relação aos matutinos».

O «Diário Popular», que não pertence à IAD, decidiu-se pela mesma quantia e o «Diário de Lisboa», que tinha acatado a decisão da assembleia geral, face à posição dos restantes vespertinos acabou por fixar o seu preço também em 70 escudos, depois de ter exposto o seu caso específico aos restantes membros da AID.

AVISO

INSTITUTO NACIONAL DE INTERVENÇÃO E GARANTIA AGRÍCOLA

INGA

CONCESSÃO DE AJUDAS À ARMAZENAGEM PRIVADA DE CARNE DE BORREGO

Portugal foi autorizado a abrir um processo de adjudicação destinado à concessão de ajudas à armazenagem privada de carcaças e meias-carcaças de borrego de idade inferior a 12 meses.

O período mínimo de armazenagem é de 3 meses e o máximo de 7 meses.

A quantidade mínima a armazenar é de 7 toneladas expressas como carne não desossada.

Podem candidatar-se à armazenagem privada as pessoas singulares e colectivas que:

- Exerçam uma actividade no sector da pecuária e das carnes;
- Estejam inscritas num registo público de um Estado-Membro;
- Disponham de instalações de armazenagem adequadas. As propostas de candidatura a apresentar devem mencionar:

- A designação do produto e quantidade a armazenar;
- O prazo para colocação em armazenagem da totalidade a armazenar;
- A duração da armazenagem;
- O montante da ajuda por unidade-peso (ecus/ton.);
- A constituição da caução (120 ecus/tonelada);
- A possibilidade de prolongamento da duração da armazenagem (1,2 ecus tonelada/dia, por período superior a 3 meses).

De acordo com o Reg. (CEE) n.º 287/90 da Comissão de 1 de Fevereiro de 1990.

Deverão as propostas de candidatura ser apresentadas, o mais tardar, até às 14.00 horas de quarta-feira dia 6 de Junho de 1990 no Instituto Nacional de Intervenção e Garantia Agrícola, Rua Camilo Castelo Branco, 45 — 1000 LISBOA.

O Conselho Directivo,
(assinatura ilegível)

Problemas cruciais do jornalismo

Problemas cruciais do jornalismo, como os deveres para com a sociedade dos que o exercem e os limites objectivos e subjectivos desse exercício, foram ontem debatidos em Lisboa por personalidades da Comunicação Social portuguesa e um profissional francês de renome, André Pautard.

Ao longo de um diálogo moderado por Helena Vaz da Silva e pontuado por intervenções de Pautard, desfilaram temas como o do carácter necessariamente relativo da objectividade jornalística, a fragilidade desta forma de aproximação da realidade, as dificuldades decorrentes da crescente complexidade do mundo e as posições do jornalista face às solicitações do público.

A troca de impressões com o jornalista francês, que é chefe de Redacção da revista «Express», foi basicamente mantida por João Amaral, administrador do semanário «Independente», Miguel Sousa Tavares, da RTP e ex-director da revista «Sábado», e o director do «DL» Mário Mesquita, que o ladeavam na mesa. Outras intervenções couberam a José Carlos Vasconcelos, director do semanário «Jornal de Letras», António Ruella Ramos, administrador do «DL», e João Paulo de Oliveira, nosso camarada de Redacção, em representação do Sindicato dos Jornalistas.

A fragilidade do jornalismo como método de aproximação da realidade foi o primeiro tema abordado, na sequência de reflexões de Mário Mesquita sobre a cobertura distorcida que os novos governantes romenos conseguiram fosse dada da sua ascensão ao poder. A permeabilidade evidenciada pelos mais sofisticados *media* face a manipulações como a dos «massacres de Timisoara» ilustrou as dificuldades de que o jornalismo se reveste hoje em dia, não só quando envereda pela interpretação, mas mesmo na área elementar do descritivismo.

A Sousa Tavares, o caso sugeriu considerações sobre a prevalência da subjectividade na actividade dos jornalistas, traídos, neste particular, por um optimismo preconcebido.

Atribuindo à Informação um papel de instrumento democrático, Sousa Tavares defendeu mais adiante a necessidade de se encarar como um serviço público, em particular tratando-se da televisão, o que foi rebatido por João Amaral, apóstolo da iniciativa privada.

Este ex-jornalista foi também autor da frase mais polémica do debate, ao referir um espírito comercial a que não poderá eximir-se o jornalista, como propiciador da sua manipulação.

Amaral referiu concretamente a necessidade de «vender a notícia», ao sustentar que o público condiciona a Informação.

O ponto de vista foi contestado, entre outros, por Pautard, para quem, a prazo, é a correcção da Informação que determina o êxito. «Jornais que não fazem concessões é que triunfam», alegou, no contexto de uma apologia da Comunicação Social submetida às leis do mercado.

O questionamento do critério da rentabilidade conduziu depois o debate para o problema das violações da privacidade, prevalecendo o entendimento de que o público português não premeia esta incidência informativa.



Helena Vaz da Silva, presidente do Centro Nacional de Cultura, e Mário Mesquita, director do «DL»

Manifestações do Dia da Criança não podem esconder calvários

Apesar de todas as legislações, trabalho, prostituição, fome e abandono fazem parte dos outros 364 dias das crianças portuguesas

O «Dia Mundial da Criança» foi criado em 1924, no tempo das Nações Unidas, mas a Declaração dos Direitos da Criança só seria promulgada um quarto de século mais tarde. Uma convenção internacional sobre aqueles direitos foi aprovada, em Novembro passado, por unanimidade, pela assembleia geral das Nações Unidas, mas foi apenas ratificada, até hoje, por três países, curiosamente o Equador, Ghana e Vietname. Portugal é um dos 156 outros países para os quais a criança constituirá um problema menor, o que deixa para mais tarde a assinatura de um documento unanimemente considerado como fundamental.

Esse documento estipula que a criança deve ser não apenas alimentada convenientemente (direito social), mas também educada (direito social), protegida contra detenções arbitrárias (direito civil) e contra a exploração económica (direito socio-económico).

Aquela convenção reconhece, ainda, à criança o direito à informação, à actividade lúdica, ao tempo livre, à liberdade de pensamento, consciência e informação, acrescentando mecanismos de protecção contra maus tratos, arbitrária separação da família, abusos económicos, sexuais e penais. Apesar das suas boas intenções, a convenção deixa ao critério dos países a idade mínima para o trabalho e admite que, a partir dos 15 anos, sejam recrutados para a luta armada.

Portugal não é excepção na prostituição infantil, no mercado internacional de venda de crianças (com situações denunciadas na Judicária) e o próprio Ministério do Trabalho registava, para 1989, 2 601 casos de trabalho infantil na faixa etária



Esta manhã, na mata da Madre de Deus, os alunos das escolas da freguesia do Beato deram asas à alegria

dos 12 aos 14 anos no distrito do Porto, sem falar em Aveiro e Braga, outros dos distritos preocupantes, mas não os únicos.

Enquanto a Assembleia da República defende uma Lei de Bases do Direito das Crianças e a publicação de um «Livro Branco» da criança, a criação de um Conselho Nacional para a Criança e o Instituto de Apoio à Criança reivindicam o estatuto de provedor da criança, o Governo continua a esquecer-se de assinar a Convenção aprovada pela ONU, que deveria representar o ponto básico de partida para todas as deci-

sões a tomar a nível nacional. Enquanto as leis não se fazem, não faltarão as demonstrações de carinho pela criança, pelo menos uma vez por ano.

O Jardim Zoológico de Lisboa aguarda a visita de umas 20 mil crianças, das quais 12 mil terão bilhetes pagos pela Câmara Municipal, a Feira Popular abre as suas portas às 16 horas, com entradas grátis até às 20, em Odivelas um cortejo histórico organizado pelos alunos da escola primária nº 8 desfilou pelas ruas, em Loures, mil crianças desfilarão em marchas populares acompanhadas por cabeçudos.

Muitos outros exemplos de iniciativas poderiam ser citados. Várias escolas da região de Lisboa levam, hoje, os seus alunos à Feira do Livro, levando-os a contactar um meio privilegiado na transmissão da cultura, da arte e do entretenimento. A Junta de Freguesia do Beato promoveu uma animada sessão de dança, esta manhã, com as crianças da Escola Primária nº 20, na mata da Madre de Deus.

Manifestações semelhantes estão a realizar-se um pouco por todo o país, embora em muitos casos as crianças não possam participar... por estarem na hora do trabalho.

NA ESTRADA OS SINAIS GUIAM A VIDA



ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE

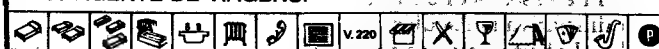


VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058) 82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



Comissão europeia deu luz verde

Panorama do ensino português tem quatro anos para mudar

Do nosso correspondente em Bruxelas

A Comissão Europeia deu luz verde ao PROPEL - Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal 1990-93 e o acto de ratificação decorrerá numa escola da área de Lisboa, no dia 19 de Junho, com a presença do comissário Bruce Millan. Trata-se do primeiro programa operacional destinado a acções educativas que vai dispor de verbas do FEDER (Fundo de Desenvolvimento Regional) e do FSE (Fundo Social Europeu). Está orçado em 171 milhões de contos para os quatro anos de vigência, devendo a ajuda comunitária cifrar-se em 100 milhões.

O PROPEL é uma tentativa para inverter uma situação em Portugal de atraso educativo e de desequilíbrios funcionais graves para que, pelo menos a próxima geração consiga uma certa paridade com os nossos parceiros comunitários. Portugal emerge no todo comunitário como uma região significativamente atrasada em relação a todas as outras.

No PROPEL planeia-se um investimento de grandes proporções visando um desenvolvimento harmonioso que resolva os profundos desequilíbrios portugueses.

Pretende o programa que o aumento das taxas de escolaridade do ensino secundário favoreça, sobretudo, o ensino profissional e técnico; estabelece que o aumento da escolaridade do ensino superior se faça principalmente no Norte e nas Universidades novas, revertendo assim um processo que não condiz com as realidades demográficas: sugere que a expansão do parque escolar se dê ao mesmo tempo que um grande investimento na conservação e reabilitação do parque existente; requer que o aumento quantitativo ocorra ao mesmo tempo que um grande esforço para melhorar a qualidade como se vê pela atenção a promoção dos sucessos, a formação dos professores, ao reapetrechamento da escola com equipamento didáctico moderno; e estimule a contribuição das autarquias, dos interesses económicos e da iniciativa particular.

Roberto Carneiro surpreendeu ontem, em Bruxelas, os

seus homólogos da Comunidade ao propor que disciplinas como História, Geografia, Educação Cívica, Introdução à Economia e Ciências Humanas e Sociais venham a reflectir as transformações para a liberdade e para a democracia que estão a ocorrer em toda a Europa. Apoiado

temas o desaparecimento de uma espécie perturba o equilíbrio ecológico, também no sistema das ideologias a negação da verdade comunitária põe em questão o equilíbrio das ideias e dos sistemas de valores. Anulado o dogma basilar contra o qual se definia a nossa cultura, ela

nais, justamente para trazer mais novidade ao Ensino e torná-lo mais consentâneo com as transformações.

Finalmente, o ministro disse tratar-se de questões extremamente complexas que não se compadecem com meros expedientes e que devem merecer uma reflexão aprofundada por parte dos especialistas e por parte dos próprios governos.

Afinal, de forma pragmática, Roberto Carneiro «descobriu», em Bruxelas, aquilo que preocupava os ministros da CEE. Todos pensavam, ninguém tomava a iniciativa de passar à prática.

Novos programas em Setembro

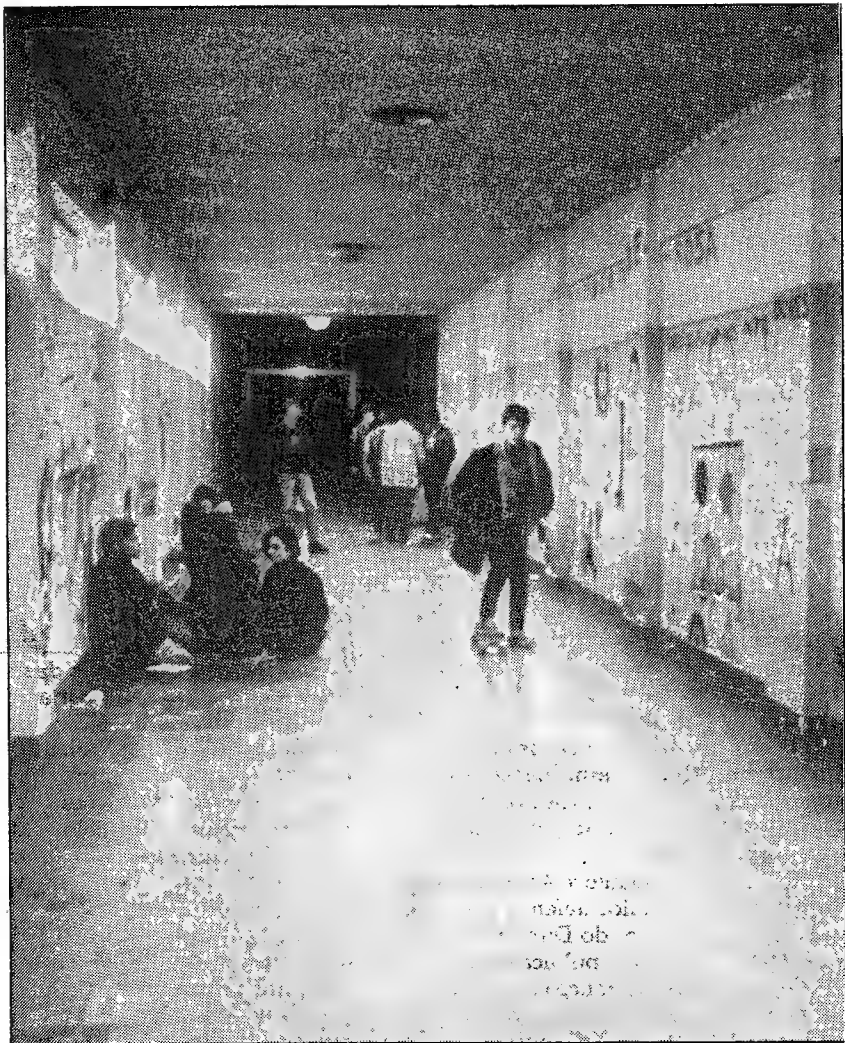
A partir de Setembro entrarão em vigor, em fase experimental, os novos programas dos 2.º, 5.º, 7.º e 10.º anos de escolaridade, que envolverão milhares de alunos - revelou Roberto Carneiro.

O ministro adiantou que os programas envolvem, desde logo, disciplinas como a História e a Geografia, de Portugal e da Europa; a Formação Pessoal e Social; Educação Cívica e todas as áreas novas que a reforma curricular vem introduzir.

Uma das preocupações do novo currículo tem a ver com a formação pessoal e social como educação aberta aos valores da liberdade, da democracia, da solidariedade, da identidade nacional, da língua e da cultura, que estão a ser profundamente enriquecidos por estas transformações que ocorrem na Europa.

«Nunca como hoje o valor da liberdade na Europa teve tanta força» - concluiu o ministro da Educação.

José Rui Cunha



As verbas da CEE vão ser investidas nas escolas portuguesas para tentar recuperar atrasos flagrantes em relação aos níveis comunitários

por unanimidade, o ministro português disse que a nossa «escola não pode ir atrás dos acontecimentos». A história do ovo de Colombo repetiu-se. O ministro da Educação afirmou ainda que «os nossos jovens não podem estar em casa, através da televisão ou pela leitura dos jornais a ter uma ideia da transformação aceleradíssima da Europa e depois, na escola, através dos manuais de ensino ou através dos conteúdos programáticos, tem uma ideia completamente diferente, uma ideia passadista dessa mesma história da Europa».

Os ministros, reunidos em Conselho da Educação, aderiram à ideia e a própria Comissão Europeia manifestou disposição para colaborar na realização de um seminário para debater este tema. O encontro está marcado para os dias 16 e 17 de Novembro, em Lisboa, com a participação de países do Leste, nomeadamente Polónia e Hungria. Numa intervenção saudada com entusiasmo, Roberto Carneiro afirmou, nomeadamente:

«Assim como nos ecossis-

ficou desmunida do referencial ordenador da sua negação, desorganizou a constelação dos conceitos nos campos da ética, da filosofia, dos referentes históricos, da economia, das fronteiras políticas.»

O seminário terá como tema geral: «As transformações no continente europeu e o seu reflexo nos currículos escolares dos ensinos básico e secundário.»

Textos dos jornais vão para as escolas

No final do Conselho, Roberto Carneiro defendeu perante os jornalistas que «a escola deve estar na fronteira dos acontecimentos». Opinou ter-se em Portugal, neste momento, a oportunidade única de se proceder a uma reforma profunda do Ensino, pelo que os acontecimentos de 89 e 90 devem ser introduzidos como matéria de estudo.

Roberto Carneiro contou, a propósito, que o seu homólogo holandês dera conhecimento da experiência que se vive naquele país: «estão a procurar substituir os textos escolares por jor-

B R E V E S

Setecentos nadadores vigiam praias portuguesas

Com o início, hoje, da época balnear, 700 praias estão sujeitas a vigilância, envolvendo a acção de outros tantos nadadores-salvadores. No ano passado registaram-se 54 mortos nas praias e rios portugueses, valor inferior ao de 1988. Segundo o director do Instituto de Socorros a Náufragos, comandante Sousa Leitão, o número de vítimas mortais portuguesas é o mais baixo da Europa.

Militares iniciam patrulha de matas

A época de prevenção e combate aos fogos florestais iniciou-se e estende-se até Setembro. Pela primeira vez, as forças militares patrulham a floresta com carácter permanente, dando assim cumprimento a uma decisão tomada em Conselho de Ministros. No Verão passado, os bombeiros fizeram 44.908 acções contra incêndios, o que representa o maior número de sempre, embora a área ardida, 126.237 hectares, não tivesse aumentado.

Fogo consome vestígios de floresta primitiva

Uma área de três hectares da castanheiros e carvalhos, vestígios da floresta primitiva da Península Ibérica, foi consumida na quarta-feira pelo fogo, em Sortelha, Sabugal, revelou ontem uma fonte da GNR. Não é conhecida a causa do incêndio.

UMAR solidariza-se com jornalistas da RTP

O Secretariado Nacional da UMAR-Movimento pela Emancipação das Mulheres Portuguesas aprovou, em reunião, a decisão de se solidarizar com as quatro jornalistas que o Conselho de Gerência da RTP pretende despedir. Referindo-se a Margarida Marante, Maria Antónia Palla, Maria Elisa Domingues e Diana Andringa como «quatro mulheres que pelo seu trabalho se têm vindo a impor num meio de há muito feudo quase exclusivo de homens», aquele organismo sublinha que enquanto «A direcção da RTP quer fazer cumprir as suas leis» face a estas profissionais, «o Governo que nomeou tal direcção não quer fazer cumprir em relação às mulheres, as leis que estão aprovadas e que lhes são favoráveis!». A UMAR sustenta que «qualquer destas atitudes levam à cada vez maior discriminação da mulher e pretendem atrasar ou mesmo impedir o normal desenvolvimento do seu processo de emancipação social.»

Espectáculo de skate no Dramático de Cascais

O campião Tony Hawk é a principal atracção no Portugal Skate Show que se realiza domingo, no pavilhão do Dramático de Cascais. A iniciativa reúne, segundo os organizadores, os melhores skatistas a nível mundial, que irão exibir-se na primeira rampa profissional existente no nosso País. Outras estrelas estão anunciadas: Joe Johnson, Chris Miller, Ken Park e Ray Underhill.

Greve de 4 horas hoje na EDP

Os trabalhadores da EDP realizam hoje uma greve de quatro horas. A paralisação constitui uma forma de protesto contra a proposta governamental de transformar a empresa numa sociedade anónima. A iniciativa foi decidida por unanimidade num plenário geral realizado em meados de Maio.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 81 479, para: «PROCESSO PARA PREPARAÇÃO DE CLORIDRATO DE X- / (2 - HIDROXI - 1,1 - DIMETIL - ETIL - AMINO) - METIL - BENZENO - METANOL».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.ª - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815

MUDANÇAS

TRANSPORTES DE PIANOS - COFRES
SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL

LISBOA - SINES

PESSOAL ESPECIALIZADO

A TRANSPORTADORA IDEAL DE ST.ª ISABEL

LARGO DO MITELO, 18 (ao Campo Santana)

☎ 53 26 37 - 57 74 79

Não se trata de uma fantasia. O Inverno já não é o que era, chove no Verão e sufoca-se. A atmosfera continua a aquecer e o clima está em nítida alteração, com consequências de alguns cientistas. A Península Ibérica é disso um flagrante exemplo

O clima está mesmo a mudar

Como a dúvida desceu às ruas, é caso para se dizer que não há fumo sem fogo. De facto, desde o mais vulgar cidadão até ao cientista observador dos fenómenos atmosféricos, todos se interrogam sobre se o clima estará ou não a mudar.

Assim, não surpreende que este facto, em si mesmo, seja uma fonte de preocupações para os políticos, sociólogos e economistas, independentemente das repercussões que possa ter, nas suas respectivas áreas, uma possível alteração climática.

O problema é que o vulgar cidadão não estabelece nenhuma diferença entre a mudança do clima e a variabilidade que caracteriza o próprio conceito de clima.

Se é certo que não existem dois anos, nem dois meses, nem sequer dois dias em que

as condições meteorológicas tenham sido as mesmas, acontece, por outro lado, que a história do clima nos permite distinguir períodos, cuja duração pode ser de vários séculos, que no seu conjunto apresentam parecidas características climáticas.

Transição irregular

A nível global, as diferenças entre períodos ficam marcadas por pequenas variações das temperaturas médias, mas é sobretudo a acentuação da variabilidade climática e a maior ou menor frequência de condições extremas que distinguem os diversos períodos climáticos.

A passagem de um período a outro também não está bem definida. Isto é, consiste numa fase de transição muito irregular, com tendências de sinal con-

trário, de maior ou menor duração, mas em qualquer caso suficientemente ampla para abarcar várias gerações.

É por isso que as pessoas, em lugar de terem consciência de que se está a produzir uma variação climática, acreditam que se encontram na presença de uma alteração do clima. Ou seja, a identificação de uma autêntica mudança climática só pode fazer-se sobre o passado, uma vez que o novo período tenha ficado bem estabelecido. No entanto, essas alterações nem sempre correspondem a uma fase de transição para um novo período climático, pois podem retratar uma situação apenas esporádica, finda a qual se restabelece a normalidade climática.

Alarme há 30 anos

O alarme perante a possibilidade de uma mudança climática surgiu há uns 30 anos, na sequência de uma série de acontecimentos climáticos que se vinham sucedendo nos mais diversos lugares do planeta.

Muitos destes factos foram excepcionais, como, por exemplo, em 1968, quando metade da Islândia ficou rodeada de gelos marinhos, situação que não acontecia desde 1888.

A extrema severidade da seca no Sahel, que teve a sua fase mais grave entre 1968 e 1973, tal como a grande seca europeia de 1975-1976, que produziu o maior défice de humidade do solo dos últimos 300 anos, ou o inverno

de 1976-1977 no Leste dos Estados Unidos, o mais severo desde 1738, não esquecendo o inverno de 1978-1979 na Europa setentrional, quando se registaram as temperaturas mais baixas dos últimos 200 anos, são exemplos dessas situações excepcionais.

A época, estas evidências de que algo inusitado estava a suceder com o clima à escala mundial causaram grande expectativa, não só entre os climatólogos como também entre os responsáveis pela planificação das economias nacionais, o que levou a que o problema fosse debatido pela Assembleia Geral das Nações Unidas. O resultado foi a realização, em Genebra, em 1979, da I Conferência Mundial do Clima.

Desde então passaram-se mais de 10 anos, durante os quais aquela a que podemos chamar a crise climática do século XX, longe de regredir, se foi agravando, pelo que, se havia alguma dúvida sobre se estávamos perante uma mudança climática, ela já não tem qualquer justificação. Resulta paradoxal que, quando há apenas meio século se pensava que a humanidade tinha alcançado certo grau de emancipação perante as variações e mudanças climáticas graças ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, a realidade é que, pelo contrário, e precisamente por causa desse mesmo desenvolvimento da sociedade, a vulnerabilidade da huma-

nidade face às flutuações climáticas aumentou consideravelmente.

Nestes últimos anos atingiu-se o auge da investigação climatológica, em geral, e da previsão climática, em particular. Porém, e cada vez mais, os serviços meteorológicos vêm-se submetidos a uma constante pressão em busca de respostas concretas sobre como vai ser o clima nos anos vindouros, respostas que, infelizmente, não são cientificamente possíveis, e que talvez nunca o venham a ser.

É precisamente o muito que se está a avançar na investigação climatológica que põe cada vez mais em evidência o inalcançável de se poder prever o clima com a exactidão e fiabilidade necessárias para uma adequada planificação económica dos países.

Aliás, esta perspectiva foi, recentemente, proposta pelo físico e meteorologista espanhol Inocencio Font Tullot, num artigo publicado no suplemento científico do diário «El País». Aí, Font Tullot interroga-se: «Não podia ser de outra maneira: se foram necessários quase 40 anos de profundas investigações e consideráveis inversões para lograr prever o tempo com um grau aceitável de fiabilidade para um prazo não superior a três ou quatro dias, como é que se poderia pensar em prever o clima, sabendo-se que o sistema climático planetário é infinitamente mais complexo que

uma única parte deste sistema a que chamamos a atmosfera?».

A Intervenção do homem

Apesar disso, um dos êxitos mais transcendentais destas investigações tem sido a demonstração como realidade irrefutável daquilo que, há uns poucos de anos atrás, não era mais do que uma suspeita: que o homem está a alterar o clima à escala global, e que, em consequência, a sua intervenção pode influir em maior ou menor grau na mudança climática, mediante o aquecimento da atmosfera atribuído ao aumento do chamado efeito de estufa, fruto do contributo do homem ao lançar, na atmosfera, dióxido de carbono, metano, clorofluorcarbonos e outros gases.

No que respeita aos prognósticos sobre o grau de aquecimento devido ao aumento do efeito de estufa, estes variam muito segundo os diferentes modelos numéricos utilizados pelos investigadores.

Os mais avançados dão valores de 2 a 3,5 graus Celsius para um conteúdo de

A memória não ajuda

A vaga de calor, em Junho, foi chão que deu uvas

Se alguém se desse ao trabalho (e ao dispêndio) de fazer um teste à memória «meteorológica» das pessoas, talvez chegasse à conclusão de que o vulgar cidadão se limita a reter, nesta matéria, um conjunto nebuloso de impressões bem difusas.

Há alguns anos atrás, por via da repetição (durante três anos) da chamada «vaga de calor» de Junho, muita gente se dispôs a antecipar o primeiro período de férias para esse período, convicta de que o tempo seria altamente favorável a uma temporária abertura da *saison* balnear. Iniciativa que, no mínimo, o futuro se encarregou de a demonstrar como utópica!

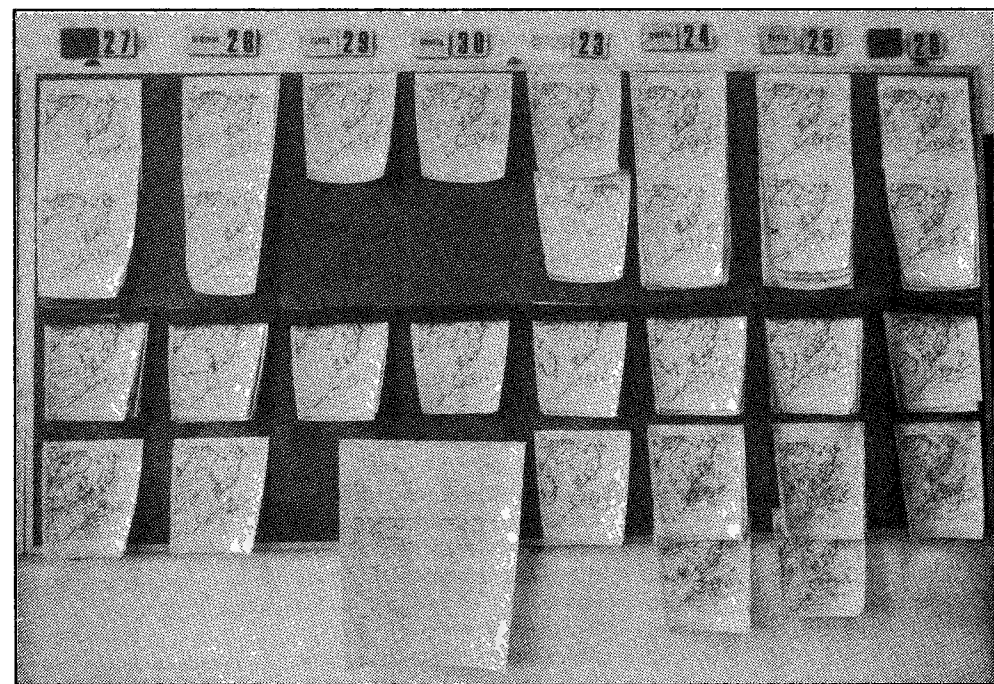
Mas vamos a factos.

No Carnaval de 89, em Fevereiro, muitos lisboetas se deram conta de que a Primavera tinha começado mais cedo. Com bastante sol e amena temperatura que bastasse para uns banhos de mar. Assim, houve gente que abalou para as praias da Caparica, tendo exibido, dias depois, um bronzado bastante prematuro para a época...

Porém, a Primavera não tinha começado mais cedo. De facto, a temperatura média do ar em Fevereiro de 1989, em Lisboa, foi de 11,4 graus Celsius, por sinal igual à de 1988, mas significativamente abaixo da média dos últimos 30 anos: 12,3 graus.

Um outro exemplo. Em Setembro/Octubre de 1988, período que algumas pessoas recordam como se o Verão tivesse entrado pelo Outono adentro, vê-se que as temperaturas médias desses dois meses em Lisboa foram, respectivamente, de 18 e de 15,7 graus C, significativamente abaixo das médias dos últimos 30 anos: 21,6 e 18,4 graus C.

Como se depreende, a memória «meteorológica» do lisboeta não é, seguramente, a mais apta. As estatísticas do INMG aí estão para servir como tira-teimas.



Cartas sinópticas para previsão do tempo: só resulta para três dias



Auto Monumental do Automóvel
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ca-se de calor na Primavera e no Outono.
consequências caóticas, na perspectiva



BRITO

CO2 duplo do que existia no princípio do século, o que poderia alcançar-se por volta do ano 2050 se, entretanto, não se adoptassem, a nível mundial, medidas restrictivas da emissão de CO2 e doutros gases com efeito de estufa.

Tal aumento na temperatura média global teria um impacto no clima que, sem dúvida, mudaria a face do

mundo. Aquecimento que se deveria manter por um período suficientemente largo - possivelmente um século -, enquadrando-se nas previsões credíveis.

Glaciação nunca mais

Convém não esquecer que as variações das temperaturas médias globais que acompanharam as mudanças climáticas mais im-

portantes registados nos últimos 1000 anos foram só da ordem de 1 a 1,5 graus Celsius. Estes factos não só confirmam que o clima está a mudar, como também, que por causas antropogénicas, estamos a entrar num novo período climático que, a prolongar-se, teria consequências indubitavelmente negativas para o futuro da humanidade.

Perante esta realidade, não se explica a passividade dos Governos, sobretudo os dos países industrializados, na adopção de medidas preventivas.

Na hora de tomar medidas, a maioria dos Governos só sabe alegar com o alto custo da aplicação dessas medidas, acrescentando que não podem avançar sem que os cientistas lhes forneçam provas mais concludentes sobre as consequências ecológicas ou sanitárias das diferentes classes de contaminação.

No fundo, aquilo que os políticos podem aspirar dos climatologistas é um mero «bouquet» de possibilidades sobre as condições climáticas extremas que podem ocorrer nos seus países como consequência do aquecimento da atmosfera. Além disso, se para muitos países as consequências deste aquecimento podem resultar nefastas, para outros, podem ser positivas.

Entretanto, a atmosfera continuará a aquecer. E se esse aumento atingir os 4 graus Celsius, o homem terá conseguido alterar o curso natural dos acontecimentos, impedindo que se produza a próxima glaciação, cujas primeiras manifestações se prevêem para daqui a alguns milénios. Só que, antes disso, as sucessivas mudanças climáticas terão semeado o caos.

J.G.O.

Calor de estufa

Certos gases actuam como os vidros de uma estufa: deixam entrar os raios luminosos mas impedem os infra-vermelhos (raios térmicos) de sair. Daí, a acumulação de calor na estufa.

A multiplicação desses gases na atmosfera vai aumentar a temperatura à superfície da Terra, derretendo parcialmente os gelos das calotes polares e provocando, consequentemente, a subida dos níveis dos mares.

O gás carbónico (CO2) é um dos agentes desse aquecimento. E o problema é que os cientistas calculam que, no ano 2030, as nossas emissões poluentes duplicarão a sua concentração na atmosfera, ainda que os oceanos possam vir a neutralizar, em parte, uma visão tão pessimista.

Também existem outros gases que reforçam o efeito estufa. O metano, por exemplo, cuja concentração na atmosfera, que aumenta de um por cento ao ano, é 200 vezes menor do que a do CO2 mas que constitui uma barreira calorífica 20 vezes mais eficaz. Isto, sem esquecer os óxidos de azoto, cuja produção aumentou 3,5 por cento em dez anos, ou os temíveis clorofluorcarbonos (CFC), neste aspecto dez

mil vezes mais eficazes que o CO2.

Todos estes gases ameaçam o clima terrestre. Porquê, então, apontar o dedo, em especial, ao CO2? Por que investigadores franceses e suíços provaram a perturbante correlação entre o aumento da concentração atmosférica de CO2, em dados períodos da nossa história, e o aquecimento do clima. Em investigações corroboradas por medidas exactas e não sustentadas em vagas suspeitas.

Amostras de gelos da Gronelândia permitiram analisar o índice de CO2 contido nas bolhas de ar aprisionadas nos glaciares desde há milhões de anos. No período glacial, a concentração deste gás era 25 por cento mais fraca do que actualmente. Pelo contrário, a última glaciação, há cerca de 11 milénios atrás, foi marcada por uma subida brutal de CO2 na atmosfera.

Assim, os estudos de simulação climática por computador indicam que, no ano 2030, a concentração de CO2 na atmosfera terá duplicado.

Resta saber se a capacidade (em estudo) dos oceanos em absorver o CO2 poderá vir, ou não, a afastar essa terrífica previsão.

A floresta tropical é o mais antigo biótopo da Terra.
E como contém qualquer coisa como três milhões de espécies
animais e vegetais, o homem não pode dar-se ao luxo
de destruir essa extraordinária biblioteca genética

O mito da Amazônia

A Terra vai perdendo a floresta tropical à velocidade de 30 hectares por minuto, ou seja, 157 mil quilómetros quadrados por ano.

A este ritmo, não restarão mais do que 11 milhões de quilómetros quadrados de florestas tropicais húmidas, daqui até meados do século XXI.

O futuro da floresta amazónica - quase metade da área florestal do planeta -- é o grande tema ecológico da actualidade. Ainda que o sudeste da Ásia seja a zona em que a ameaça é maior, quer em Java, no Bornéu ou na Indonésia.

Em África, as contas estão feitas: 30 anos de desflorestação arrasaram cerca de 80 por cento da floresta original. A morte do pulmão verde da Terra é uma bela imagem, cara a um grande número de ecologistas em erva. Só que a floresta tropical não pode dispensar o seu oxigénio ao resto do planeta: o oxigénio que produz é por si guardado.

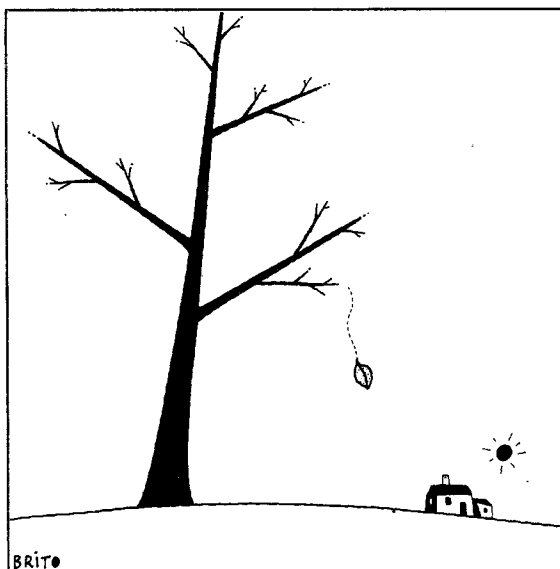
Produzido pelas folhas durante a fotossíntese (enquanto o carbono, ou o CO2, se fixa ele próprio na matéria vegetal), o oxigénio é respirado pelos outros seres vivos da floresta, nomeadamente pelos micro-organismos que decompõem a matéria orgânica que cobre o solo.

Os segredos da floresta

Este equilíbrio é rompido pelos atentados - as vagas de incêndios - que devastam quotidianamente as florestas tropicais; a madeira volatiliza-se na atmosfera sob a forma de fumo carregado de CO2, que contribui para o chamado «efeito de estufa».

Mas se a floresta tropical não oxigeniza o mundo, a verdade é que, desde há séculos, ela preserva o seu domínio. Através das suas volumosas raízes ela estabiliza o solo; e graças à sua abundante folhagem, amortece a violência das tempestades.

O seu sub-solo retém as águas das chuvas antes de as restituir lentamente ao meio ambiente. Este «stock» permanente regula, em simultâneo, os caudais dos rios vizinhos. Desflorestar, é o mesmo que suprimir esta esponja natural. Os solos desnudados são progressivamente submetidos à inclemência das chuvas torrenciais e às queimaduras do sol dos Trópicos. Estes dois factores conduzem, através da erosão, à desertificação. Paralelamente, nós perdemos a possibilidade de conhecer os segredos da floresta, que estamos muito longe de ter descoberto. Velha de 130 a 150 milhões de anos, a floresta tropical é o mais antigo dos biótopos da Terra. Ela contém alguns três milhões de espécies animais e vegetais, para um total aproximado de 4,5 milhões de espécies estimado para o resto do mundo. A abundância das variedades de plantas e a diversidade da fauna ocuparam gerações de naturalistas. A floresta tropical contém, só por si, 90 por cento das espécies de primatas e 80 por cento das espécies de insectos conhecidos. Ela abriga no seu ambiente dez a vinte vezes mais variedades de plantas do que um floresta temperada. Esta luxúria encerra uma formidável biblioteca genética, que será insensato destruir antes mesmo de se a ter lido.



BRITO

Fábrica bioquímica

A floresta tropical contém, também, uma enorme fábrica bioquímica natural; a indústria farmacêutica explora já numerosas substâncias activas, sintetizadas ou extraídas de plantas tropicais. Até agora, apenas dois por cento das suas flores e plantas foram estudadas

pelas suas propriedades químicas e farmacológicas. Estas florestas vivem praticamente todas em solos originalmente pobres. Os especialistas em agronomia calculam que apenas três por cento de toda a área da Amazônia é apropriada para a agricultura.

Os elementos nutritivos destes eco-sistemas estão, na sua grande maioria, concentrados nas próprias árvores. Só algumas e bem raras florestas tropicais é que se encontram implantadas em solos ricos, formados de sedimentos de aluvião ou de cinzas vulcânicas.

Essas terras não podem ser exploradas, a menos que o homem renuncie a desflorestar as zonas frágeis, como as dos terrenos inclinados, o que limita a erosão dos solos menos pobres. É necessário, ainda, adoptar a cultura mista, que desgasta menos os solos que a monocultura, com o objectivo de reduzir progressivamente os períodos de seca. É rentabilizá-las com recurso a plantações de árvores, criando ambientes agroflorestais. E em relação à transformação em pastagens das terras ganhas à floresta, isso apenas conduz ao fiasco. A América Latina pratica a criação intensiva de bovinos em enormes áreas transformadas em pastos. Instalados em solos fragilizados, em constante degradação, esses ranchos efémeros - com apenas sete anos em média de exploração - têm rendimentos deploráveis.

Madeiras preciosas a saque

Resta a exploração da madeira. Em África, 80 por cento das árvores abatidas são utilizadas como combustível pela população local. O fraco valor energético da madeira e o mau rendimento dos fogões (lareiras) domésticos nos quais a queimam, conduz a uma gigantesca pilhagem.

Os países da Ásia desflorestam o que melhor há para produzirem madeiras preciosas, esquecendo-se de explorarem pequenas parcelas afim de manterem a capacidade do ecossistema em reciclar os elementos nutritivos e assegurar o ciclo de germinação.

Só que medidas razoáveis são difíceis de aplicar em regiões onde as práticas de desflorestação selvagem são ditadas por interesses de curto prazo, tal como o pagamento das dívidas externas, estimulados pela Banca mundial.

Com efeito, é todo o sistema de desenvolvimento do Terceiro Mundo que é posto em causa, com as transferências das tecnologias agrícolas rompendo os equilíbrios tradicionais - que alimentavam, no início do século, os povos esfomeados de hoje...

Interrogações sobre o clima

A minha constante é interrogar-me (e interrogar os outros) sobre o que se passa à minha volta. Aqui e ali vou colhendo elementos e vou-os guardando como respostas quantas vezes insuficientes às perguntas que a mim próprio faço. Sob o tema clima, aqui ficam alguns dados de acaso. Lidos de uma só vez, poderão trazer algumas explicações.

Comecemos, pois, pelo que parece ser o problema principal, o...

Dióxido de carbono

Trata-se do mais elaborado dos sistemas estabilizadores da Terra, este mecanismo complexo que evoluiu para trabalhar o elemento carbono. O carbono é a espinha dorsal da química biológica, a matéria das rochas e, na forma de dióxido de carbono, representa grande parte da cobertura química da atmosfera que mantém a Terra quente.

Num ciclo que leva milhões de anos, o carbono é rodado através de um série de complicados circuitos, a fim de neutralizar as forças de mudança que poderão surgir no planeta. Por exemplo, um aumento da quantidade de carbono que entra na atmosfera, proveniente de uma erupção vulcânica ou da combustão de combustíveis fósseis, motivará toda uma série de alterações compensatórias em todo o ciclo, provocando, eventualmente, um aumento no ritmo a que o carbono é retirado do ar, dissolvido nos oceanos e transformado em rochas nas profundidades submarinas.

Por meio deste ciclo, a cobertura de dióxido de carbono na Terra é regulada por forma a manter o planeta dentro de uma amplitude térmica que seja tolerável para a vida. Sem essa protecção, a Terra seria em média mais fria uns 20 graus do que é hoje; sem um mecanismo que impeça essa protecção de crescer, a Terra poderia partilhar o destino do vizinho planeta Vénus, cuja atmosfera, carregada de dióxido de carbono criou um efeito de estufa permanente, que aquece a sua superfície até aos 850 graus.

No entanto, muito antes de os seres humanos se intrometerem na questão do dióxido de carbono (criando situações de calamidade), já a Natureza o vinha fazendo sozinha, à medida que os seus ciclos de autocorreção faziam oscilar o planeta entre períodos de calor e de frio.

Durante a época dos dinossauros, há 100 milhões de anos, sucessivas e vastas erupções vulcânicas encheram a atmosfera de dióxido de carbono, aumentando a concentração deste gás para níveis que se calcula terem sido superiores em 4 a 10 vezes os de hoje. Assim, a Terra teria uma temperatura superior à actual em 10 graus, os crocodilos nadavam no que é hoje a Gronelândia e não havia calotas polares. Por

altura da última Idade do Gelo, há 10 ou 18 mil anos, o dióxido de carbono tinha descido para cerca de 60 por cento dos níveis actuais e o gelo estendia-se à maior parte da América do Norte, com vastas regiões cobertas por glaciares com mais de quilómetro e meio de espessura.

Outra perspectiva

Parece, na verdade, perfeitamente seguro que as concentrações de dióxido de carbono têm acompanhado de perto o clima, baixando

períodos glaciares que devastaram a Terra não foram consequência nem do teor de dióxido de carbono, nem de hipotéticas catástrofes cósmicas, repetidamente sugeridas como o agente principal. Teriam sucedido, sim, em virtude de lentas transformações da órbita descrita pela Terra na sua translação em torno do Sol — oscilações que determinam que o planeta receba umas vezes mais e outras vezes menos o calor do Sol. Os períodos glaciares estão, hoje, rigorosamente datados. O primeiro durou

duram por séculos.

A Corrente do Golfo, que banha as costas portuguesas (e até que ponto influencia o clima do país?) faz parte de uma gigantesca corrente oceânica do tipo «tapete rolante», que contém 20 vezes mais água do que todos os rios do mundo e que transporta o calor do Atlântico para o Pacífico e o frio dos Pólos para o Equador. À medida que as águas do Atlântico Norte perdem o seu calor, arrefecem e tornam-se, conseqüentemente, mais densas, descendo, assim, em

de que o aumento do número de ruminantes (e os consequentes arrotos devidos ao seu género típico de utilização dos alimentos) estavam a contribuir gravemente para o aumento daqueles dois gases na atmosfera.

No entanto, qualquer estudante de climatologia poderá afirmar, sem o mínimo receio de erro, que a vida vegetal e animal salvaram a Terra de um destino semelhante ao efeito de «estufa fugitiva» que assolou Vénus.

Apesar daquela constatação parecer autêntica, os cientistas suspeitam que os empreendimentos humanos também dão a sua achega ao problema, pois as cidades bacterias também actuam nas alagadas plantações de arroz e nos aterros, sendo o óxido nítrico libertado pela decomposição de adubos e pela combustão de carvão e de gasolina.

O efeito de estufa

A combustão intensa de gás, petróleo e carvão durante este último século e o derrube das florestas tropicais aumentaram a concentração do dióxido de carbono (cinco biliões de toneladas libertas anualmente para a atmosfera neste últimos anos) na atmosfera em cerca de 25 por cento. Como este gás incolor regula a temperatura da Terra, retendo o calor que é irradiado para o espaço pela superfície do planeta, um aumento desta amplitude poderá levar a um consequente aumento da temperatura média em todo o globo entre os 3 e os 9 graus no decorrer do próximo século.

Grande parte das calotas polares poderão derreter-se e os níveis dos mares em todo o mundo poderão subir até 1,8 metros, inundando ilhas e zonas costeiras baixas, onde vive a grande maioria da população do globo.

Por outro lado, haverá novas terras a cultivar no Norte do Canadá e na União Soviética (especialmente na Sibéria), mas a chuva aumentará no Afeganistão e na Índia e haverá secas na região central dos Estados Unidos, com os tufões a ameaçarem tornar-se mais frequentes e muito mais fortes.

Mais chuva, mais calor

Em Portugal, a chuva ultrapassou, no último trimestre de 1989, os máximos de que havia registo na maior parte das regiões do continente, com excepção da região litoral, a Norte de Coimbra. De acordo com dados divulgados, em Janeiro passado, pelo Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, registou-se grande quantidade de precipitação na região do Algarve e este foi o terceiro ano consecutivo com elevados valores da quantidade de precipitação no referido trimestre.

Balizando um período de observação entre 1941-89, dentro daquele trimestre, o INMG apresenta, para o ano

passado, valores de 1321 milímetros de quantidade de precipitação nas Penhas Douradas, enquanto a média de 1941 a 88 fora de 654 milímetros no mesmo local.

Nas áreas das principais cidades alentejanas, Portalegre, Évora e Beja, as quantidades de precipitação no terceiro trimestre do ano passado, foram, respectivamente, de 623, 555 e 606 milímetros, valores esses que, no mesmo período dos anos de 1941 a 1988, se situaram, nas mesmas cidades e pela ordem indicada, em 297, 225 e 212 milímetros. Para Faro, o valor foi de 929 milímetros no terceiro trimestre de 1989 e o valor médio no mesmo período dos anos entre 1970 e 1988 foi de 223 milímetros.

Nas regiões do Norte, as quantidades de precipitação subiram significativamente. Assim, em Bragança, Viana do Castelo e Vila Real, no mesmo período de 1989, os valores da quantidade de precipitação foram, respectivamente, de 623, 762 e 623 mm., enquanto que a média dos anos de 1941 a 88, nos mesmos locais, atingira médias de 260, 510 e 330 milímetros.

Por outro lado, segundo a mesma informação, no último trimestre de 1989, a temperatura média do ar foi superior em todo o território nacional, em cerca de dois graus centígrados, tendo ultrapassado o valor máximo registado nos últimos 20 anos no Minho e em Trás-os-Montes.

Camada de ozono

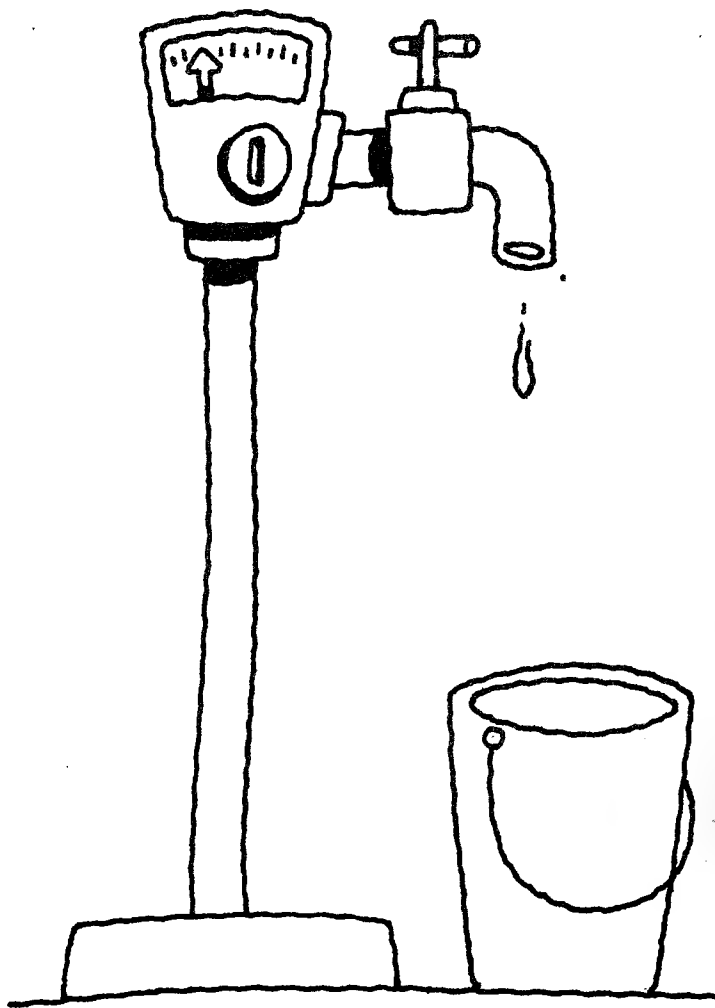
Em 1895, investigadores situados na Baía de Halley, na Antártida, descobriram a existência de um buraco, por cima daquele continente, na camada de ozono na estratosfera, um gás que, como se sabe, ajuda a filtrar os raios ultravioletas do Sol.

Medições anteriores não tinham manifestado a existência do fenómeno, pois os modelos de computador que simulavam a forma como os clorofluorcarbonetos podiam reduzir a camada de ozono não tinham previsto a existência do dito «buraco». O dado que lhes faltou incluir foi a influência de minúsculos cristais de gelo que flutuam na alta atmosfera e servem de ponto de encontro entre o ozono e os destruidores deste gás.

O problema está a alarmar o mundo inteiro, mas talvez seja a altura de perguntar se 20 anos de medições são suficientes para lançar o alarme. Não terá o fenómeno ocorrido, por exemplo, no século X ou XVIII, ou em qualquer outra altura e a Terra tenha tido a capacidade de recuperar?

Gostaria de fazer muitas outras perguntas. Mas creio que, por hoje, estas já serão as suficientes para pôr em equação os mais prementes problemas do nosso tempo, ou, os que mais me inquietam.

Roby Amorim



quando os glaciares avançaram durante as eras dos gelos e aumentando quando a Terra aqueceu e os glaciares recuaram.

Estes registos do clima sugerem que o dióxido de carbono poderá servir como uma espécie de termostato mundial, reajustando a temperatura do Globo conforme a concentração de gás aumenta ou diminui.

Mas também é possível — e esta é uma hipótese totalmente nova — que as variações no dióxido de carbono sejam simplesmente sintomas de alterações climáticas que são provocadas na realidade por qualquer coisa totalmente diferente. Um elemento intrigante que recentemente veio a lume sugere que a verdadeira mola por trás das variações climáticas a longo prazo poderão ser os oceanos.

Glaciares

Mas terão sido os glaciares provocados realmente por uma baixa densidade do dióxido de carbono atmosférico? Uma outra teoria propõe causas diferentes. De acordo com essa teoria, os

de 884.850 a 743.500 a.C. De acordo com esses mesmos cálculos, dar-se-á, por volta do ano 6.850 d. C. (ainda nos resta bastante tempo...) o início de um novo período glacial.

O papel dos mares

Investigações ainda mais recentes levam a crer que pequenas flutuações na órbita terrestre, ampliadas por alterações nas proporções de gases atmosféricos, controlariam, de facto, o avanço e recuo dos glaciares.

Mas novos elementos estão a surgir para uma mais completa compreensão dos fenómenos climatológicos, talvez o mais importante o que se refere ao papel dos oceanos, até agora praticamente ignorado. Acredita-se hoje que o plâncton dos oceanos pode ter, pela sua produção de oxigénio, um papel crucial na regulação do clima mundial, ao mesmo tempo que se aceita que alterações repentinas — e ainda não explicadas — nas correntes, como a Corrente do Golfo, podem provocar mudanças de gelo que

directão ao fundo do oceano. Já começam uma viagem pelo fundo do mar, de regresso em direcção ao Equador, passando ao redor da África, seguindo para a América do Sul para voltarem à superfície já no norte do Pacífico, de onde regressam ao Equador, para voltarem mais uma vez ao Atlântico.

...e o do animais

Um outro mistério está em descobrir a fonte de metano e de óxido nítrico, dois gases de estufa bem mais potentes nos seus efeitos climáticos que o dióxido de carbono. Embora seja pequena a sua quantidade total, está a aumentar a sua concentração na atmosfera e, em breve, o seu efeito poderá ultrapassar o do dióxido de carbono.

Os principais culpados poderão ser bactérias que libertam os gases no processo natural de decomposição da matéria orgânica no solo e nos intestinos das termitas e do gado. Há duas semanas, alarmados ecologistas norte-americanos tentaram impedir o Senado de aprovar novas medidas de apoio aos produtores de leite, na convicção

CULTURA

Orquestra Chinesa de Macau aplaudida ontem na Gulbenkian

Entre Confúcio e o Ocidente

Já houvera oportunidade de ouvir a Orquestra Chinesa de Macau em 1988, mas este é dos tais casos em que o retorno serve para estabelecer um vínculo definitivo. Foi o que aconteceu, ontem, num salão da Gulbenkian que assinalou o término de uma digressão pelas cidades de Guimarães, Leiria, Santarém, Évora, Portimão, Loulé, Porto e finalmente Lisboa, e o início de uma Quinzena de Macau que terá como ponto alto a inauguração, no dia 22, da Missão de Macau na capital portuguesa.

Entre a curiosidade e a adesão, o público presente reagiu ao programa apresentado cedendo às passagens mais exóticas e as acentuações dramáticas das composições. Não precisou de muito esforço para se aproximar de um objecto musical que não faz parte dos seus hábitos auditivos, dada a aproximação que um colectivo orquestral como este já faz dos usos musicais do Ocidente. Com efeito, só existe uma música chinesa de cariz sinfónico desde os anos 50, cabendo a tradição milenar aos pequenos agrupamentos. O repertório da Orquestra Chinesa de Macau - constituída maioritariamente por músicos de Hong Kong e da própria República Popular da China - é pois de escrita recente, procurando associar os instrumentos da cultura musi-



cal chinesa, tal como o guzheng ou o erhu, com os parâmetros do sinfonismo - organização em naipes, hegemonização das cordas fricionadas (uma novidade no contexto chinês, para mais com o acrescento dos «nos-sos» violoncelos e contrabaixos), revisão dos conceitos ao nível da afinação, etc.

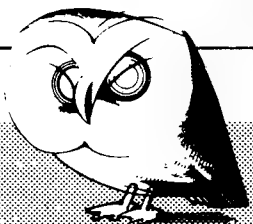
Ontem, apenas um dos temas, «Barco de Pesca», se aproximou da tradição chinesa, arranjo feito a partir de uma canção que remonta à Dinastia Han (206 a. C. - 220 d. C.), popular ainda hoje na província de Xijiang. O solista, como nos tempos antigos, foi um percussionista, Yim Hok Man, que se encarregou do

mais apurado momento de virtuosismo interpretativo da sessão. «Música no Planalto», por sua vez, somou as referências históricas do tema à execução de pipa, por Lam Chung Lit, segundo as velhas técnicas toi, leng, lin e lai, que têm a ver com a forma como se se dedilha ou pressiona as cordas do instrumento.

Já «Canção dos Pescadores do Mar Oriental», apesar das alusões do título, foi apresentada como uma peça indubitavelmente contemporânea, como aliás «Voar» e «The Butterfly Lovers» - as melodias, muito simples, articulando-se com mais complexas harmonizações orquestrais. Num aspecto,

porém, a Orquestra Chinesa de Macau é fiel aos fundamentos culturais do ensino chinês: seguindo os ensinamentos de Confúcio, entende que a música deve educar e estar em harmonia com a natureza. As alusões são invariavelmente naturais, as narrativas que sustentam as composições são edificantes e moralizadoras. Ontem não houve microfones, apesar dos instantes em que a peculiar delicadeza da música da China poderia implicar alguns problemas de volume sonoro. Apesar dos artifícios sinfónicos, houve uma reverência muito «chinesa» pela verdade.

R. E. P.



olhar de mocho

Peneda-Gerês

Os do Norte têm o Parque Natural do Gerês, os do Sul a zona da serra de Sintra. São dois cantos da Natureza que nos tempos que correm de poluição acelerada e geral, constituiriam uma espécie de Forte Knox de Portugal se a nossa consciência patriótica já tivesse atingido os «mínimos» requeridos para termos direito ao título de ecologistas (ecologia significa defender a própria casa, nada mais...). Mas não, não temos ainda esses mínimos ecológicos. E o pior é que não só não defendemos o que resta de Natureza, mas parecemos apostados em a destruir. E para destruir, existem dos métodos possíveis: fazer como a soldadesca das invasões francesas, queimar e pilhar tudo o que a vista alcança, ou, à portuguesa, criar comissões de defesa. No que concerne à zona da paisagem protegida de Sintra, desde que se promulgou, no tempo da AD, a legislação de «protecção», sabe-se que a aceleração da degradação não parou de subir. Quantas mais comissões e sub-comissões se criam, menor é o controlo, menor o interesse pela zona a defender e por isso, maiores os coeficientes de destruição.

Ontem na «Hora da Verdade» tivemos a prova disto no caso da Reserva Peneda - Gerês. O programa poderia servir de compêndio das escolas de jornalismo para ajudar a entender a diferença entre «documentação» e «reportagem». Tivemos uma documentação bastante completa sobre o que se está a passar na zona Norte da Natureza portuguesa. Tivemos além disso, discussão sobre a destruição. Mas faltou de todo em todo a verdadeira reportagem. Esta, se fosse feita por profissionais rodados não se limitaria a filmar cenas da paisagem. Antes, iria descobrir responsáveis pelos planos cruzados que tecem o drama do desastre que está a acontecer dia a dia. Em todos os organismos intervenientes no Gerês, não há responsáveis com nome próprio? Ou será que a destruição acontece por acaso? O documentário atingiu raias de burlesco shakespeareano quando ouvimos falar em causadores da desgraça - são os caçadores, os turistas, os campistas, os que abrem uma utilíssima fronteira para serviço das populações.

O locutor deserviu bem disse, «parece caricato mas não é», contudo, mais não avançou.

Ora se este tema da Peneda-Gerês fosse abordado por profissionais da reportagem e se se pretendesse apresentar um exemplo de jornalismo de investigação, a música seria outra. Quem destrói a natureza, tem nome e cédula pessoal, tem interesses económicos a defender, está feito com aliados, trabalha em coligação com redes empresariais, enfim há muitos a comer à mesma malga.

Onde estão eles? Quem são? «Pantomina», disse um habitante da aldeia, palhaçadas, diríamos nós.

Mas a solução está à vista: «o plano de ordenamento da reserva natural está, finalmente, em curso». Se se seguir a norma portuguesa, daqui a 100 anos ainda estará em curso, aguardando despacho favorável dos ministérios de Lisboa.



José Sousa Monteiro

Começou ontem o FITEI

Denise Stoklos foi no FITEI de 89 um tufão tropical que arrasou tudo, recusou tudo, foi desta maneira tosca que tentei exprimir o significado da revelação da atriz brasileira em Portugal. Peço desculpa por me citar (DL - 17/06/89) mas é a maneira mais aproximativa que conheço para manifestar o meu espanto e para tentar explicar o que representou a abertura deste FITEI/90, precisatura com uma nova criação de Denise Stoklos.

Denise Stoklos é uma atriz solitária que transforma a sua solidão em palco numa explosão de criatividade e de comunicabilidade. Aparentemente frágil, a atriz brasileira desperta, no decorrer das suas actuações, uma energia, um domínio dos seus recursos corporais e vocais que explicam que logo esqueçamos o carácter solitário das suas actuações

para nos sentirmos mergulhados numa relação fortíssima com o palco.

Desta vez, a atriz brasileira trouxe ao FITEI um espectáculo inteiramente concebido por ela e a partir dos seus próprios textos. Trata-se, a meu ver, de um espectáculo menos rico, sob o ponto de vista de dramaturgia, do que os espectáculos de 89, com textos de Dario Fo/França e de Dacia Maraini/Romais Gary.

O espectáculo «Casa» faz parte de um conjunto de actos sobre esse tema através do qual Denise Stoklos questiona as relações da mulher com o mundo em que vive e com o mundo que a rodeia. Em palco, uma cena banal: os móveis e os objectos que sinalizam o quotidiano de uma mulher: frigorífico, mesa, cama, televisão, etc. Neste quadro óbvio, Denise recusa os clichés de um compor-

tamento naturalista: o seu trabalho com o corpo, com os objectos, com os ruídos, vai quase sempre no sentido de fazer explodir, expressionisticamente, as linhas conformistas do real. Com formação mímica e de dança, Denise Stoklos usa mais, neste espectáculo, essas formas de expressão, aproveitando menos, o que é pena, as suas enormes capacidades vocais, de que alguns registos lembram o trabalho de Meredith Monk.

O que vemos em palco é o combate de uma mulher com os elementos hostis que a rodeiam: as portas e as chaves, o acto de agarrar o slip que lhe foge, os ruídos das máquinas e dos vizinhos, o tempo que foge do relógio (notável a banda sonora, da sua responsabilidade como a luz), os objectos na saca, etc. Mas vemos também o outro lado: a adoração das personagens pelo interior do frigorífico, pela televisão, esta logo posta em causa pelo acto da atriz fazendo passar o aparelho virado para o público, com um espelho em vez do écran,

as luzes da sala acesas para que nos possamos ver reflectidos naquele lugar das nossas frustrações, sublinhadas pela ficção telenovelsca que Denise supremamente detesta.

Trabalho de uma grande atriz, que exibe excepção, ais poderes de expressão, «Casa», como já foi dito, carece de uma base dramática mais produtiva. Tenha-se, no entanto, em conta a qualidade metafórica do curto texto dito em off pela atriz também ele numa linha de recusa do fácl e do banal, na mesma linha de exigência que o espectáculo reivindica.

Teatro essencialista, assim define a atriz esta sua proposta, lembrando, noutro lado, o manifesto do Teatro-Estúdio do Salitre.

Pouco importam os rótulos. No caso de Denise Stoklos estamos em presença de uma artista que usa o teatro como um discurso de contrapoder, mas também como uma forma teatral que não deixa ninguém indiferente.

Carlos Porto

Camilo terá monumento no Porto

A Câmara Municipal do Porto deliberou ontem erguer um monumento a Camilo. A estátua irá ser edificada junto à antiga cadeia da relação do Porto (no jardim de Mártires da Pátria), ou no Largo do Marquês de Pombal.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Tempo de dança em fundo de sacas empilhadas, pó, odores de fruta, fogo e "labor operário"

«Torrefacção»: cevada, café e chicória...

Ali mesmo nas barbas do majestoso edifício do Conservatório Nacional de Lisboa, onde os estudantes das ditas "artes teatrais" se exercitam diariamente quase sempre embalados pelo forte aroma da bica que tarda, situa-se a Torrefacção Lusitana. Uma fábrica que por dentro parece ter feito questão em ignorar os subsídios da CEE, e que, bem no coração do Bairro Alto, tem servido de suporte geográfico e cenário a um "exercício de movimento" dirigido por Madalena Vitorino e programado para os fins de tarde da corrente semana.

«Torrefacção» é justamente o título genérico para um jogo de situações assimétricas que decorre ao longo, *grosso modo*, sessenta minutos, pondo frente a frente indivíduos "não profissionais" de dança associados com o Ateneu Comercial - e toda uma parafanália destinada a trabalhar a cevada, chicória e café... Esta é a primeira vez que nos é dado apreciar o trabalho de MV, uma professora formada pelo ramo inglês da "escola de movimento" de Rudolf van Laban, dentro de uma programação acessível e cuidada, já que os seus projectos precedentes conhecidos - também eles em espaços pouco convencionais, como, por exemplo, uma propriedade rústica na província e um museu lisboeta - chegaram a assumir um carácter quase doméstico!



«Torrefacção» é uma proposta particularmente interessante na sua concepção, perfilando-se simultaneamente como um caminho quase óbvio para uma pupila dos seguidores de Laban, pedagogo particularmente identificado com espaços fabris e que durante a II Grande Guerra foi encarregado de estudar cientificamente aspectos ligados à motricidade humana junto da indústria britânica. Talvez por isso não seja de estranhar encontrar-se possíveis raízes para esta «combinação informal de arquitectura e gesto» em duas grandes vertentes com quase um século de existência (e amplamente referenciadas na notável obra de Laban «Dança Educativa Moderna»), o "management" científico de Frederick W. Taylor e o "dance lyrics" de Isadora Duncan.

Taylor, no seu tempo, tentou penetrar no enigma do movimento humano com o

próprio de aumentar a eficiência do operariado manipulador de maquinaria - desprezando, por consequência, quaisquer valores estéticos -, ao contrário de de Duncan que, partindo de uma permissa libertadora do corpo, desvinculou as suas danças de qualquer fio narrativo, tornando-as verdadeiras expressões anímicas. À revolucionária Isadora se deve, pois, o despertar do sentido poético do movimento no homem moderno, enquanto que Laban ficará para sempre ligado à consciencialização e ao conhecimento do "esforço" humano (e da sua forma), muito especialmente aos esforços inerentes ao "corpo industrial".

Fábricas e escolas terão sido, desde sempre, locais preferenciais para os pesquisadores de movimento e pioneiros da dança moderna, que em tais actividades aplicaram diversos métodos de treino e até de composição.

MV optou por um espaço labiríntico - que se percebe ter-se tornado "apresentável" para o efeito - constituído por uma meia duzia de salas desniveladas e de dimensões variadas onde colocou estrategicamente uma trintena de "falsos operários" de fatos-macaco pretos, brancos e azuis.

Em duos, trios ou grupos, relativamente pequenos, misturados com sacas empilhadas e pó, estas peças de uma engrenagem viva coabitam com odores de fruta e fogo num "tempo" distante e donde sobressaem a respiração e o tic-tic da velha maquinaria. Comportando-se como que animais encerrados num "Zoo" imaginário em pequenos "ghettos" invi-

oláveis, com a excepção de alguns indivíduos encarregados de executar tarefas específicas, tais como carregar chicória, peneirar grão ou sorver café, a maioria deles relacionam-se entre si com gestos exploratórios, e de alguma intimidade, numa linguagem mecânica, mínima e repetitiva. Num caso ou outro, também é perceptível alguma intensidade emotiva (aparentemente despropositada) num ambiente particularmente casual e morno. A finalização do evento, todos os participantes são chamados a uma ampla sala central para um curto "happening" aglutinado pela voz de uma participante estrangeira.

Num plano puramente metafórico, a proposta de MV encerra algo de curioso que advém da escolha (certíssima) de um espaço tão marginal como eloquente - iluminado por uma luz belíssima de fim de tarde filtrada por velhas janelas e frestas - e que se traduz na associação do "labor operário" com o esforço do artista que inevitavelmente disciplina com rigor e persistência esse instrumento sensível que parece ter nascido tão fascinante quanto problemático - o corpo.

Na descurada área da dança para a comunidade, MV tem certamente uma palavra a dizer, sobretudo pelo que ela encerra de importante a nível formativo e lúdico.

Mas como manifestação "terpsicoreana", esta «Torrefacção» parece estar para uma criação co-reográfica inovadora e amadurecida como o café de cevada está para uma bica apetitosa e bem tirada.



António Laginha

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO DO T.N.S. CARLOS
Dir. Artística de ARMANDO JORGE

no
TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

Junho: 8 e 15 (21h 30); 9 e 16 (18h 30)
10 e 17 (16h 00)

DOUBLE COLCHEA

Coreografia e Figurinos: V. NEBRADA
Música: B. BRITTEN

A PAVANA DO MOURO

-Primeira Produção Nacional-

Coreografia: J. LIMON
Música: H. PURCELL
Figurinos: P. LAWRENCE

TEMA E VARIAÇÕES

Coreografia: G. BALANCHINE
Música: P. I. TCHAIKOVSKY

Bailarinos Principais Residentes

MIYAKO YOSHIDA*, PETTER JACOBSSON*

*Artistas Convidados nos Dias 8, 9 e 10

Preço máximo: 1.650\$00
Preço mínimo: 500\$00

Bilhetes à venda na
bilheteira do T.M. São Luiz e
agências ABEP e ALVALADE



Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do TNSC
APOIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

APOIOS: RTP / Antena 1 / Comercial / Rád. 96.6

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
SERVIÇO DE MÚSICA

JUNHO
GRANDE AUDITÓRIO

Dia 4 às 21H30 e 5 às 18H30 — Programa 1
Dia 7 às 21H30 e 8 às 18H30 — Programa 2

Ballet Frankfurt

William Forsyth, direcção artística

PROGRAMA I

Step Text

Coreografia William Forsyth
Música Johann Sebastian Bach
Cenário e Luzes William Forsyth

In the Middle

Coreografia William Forsyth
Música Thom Willems
Colaboração Musical Leslie Stuck
Luzes e Figurinos William Forsyth

Skinny

Coreografia William Forsyth
Co-Coreografia Amanda Miller
Música Thom Willems
Cenários e Luzes William Forsyth

PROGRAMA II

Miniature Marys

Coreografia Amanda Miller
Música Bill Frisell
Objectos Luminosos Claus Jürgen Pohl
Cenários, Luzes e Figurinos Amanda Miller

In The Middle

Love Songs

Coreografia William Forsyth
Música Aretha Franklin e Dionne Warwick
Figurinos Eileen Brady

O Ballet Frankfurt apresenta-se em Portugal com a colaboração da SIEMENS

BILHETES À VENDA

CULTURA E ESPECTÁCULOS

A SEMANA

Fragmentos

Sexta, dia 25

A Cultura por cá é isso que tem: mesmo se sobressai, nunca é o acontecimento. Ou porque sim, ou porque não. Hoje, de S. Tomé e Príncipe vem o «Tchiloli», do Japão os «Sonhos» de Kurosawa, estreia com sucesso em Genebra o «Fado», coreografia de Vasco Wellencamp inspirada em Amália, Vitorino Magalhães Godinho publica novo livro de História Económica... mas tudo fica na sombra com os «crimes e escapadelas», não é Woody Allen, é a manchete de «O Independente» sobre José Manuel (irmão de Leonor e Miguel) Beza, em fuga, acusado de grossa burla. A propósito (ou despropósito): o Júlio de Matos, hospital, afinal sempre fica em pé - revela o novo ministro da Saúde. Há um ano, por isto se bateu o «DL», era ministra Leonor Beza, por um pré-projecto para não sei o quê no local recebera Taveira já dezenas de milhares de contos.

Sábado, dia 26

E por dinheiro: o «Semanário» diz que os executivos portugueses são os mais mal pagos da Europa, as Nações Unidas revelam que, com 15% de analfabetos, Portugal está na cauda da alfabetização dos países industrializados, o Jerónimos encerra por questão de segurança que por cá sempre é precedida de incúria, e, como para desgraça já basta o que basta, aí vai música e uma carta também. A carta publica-a o «Semanário», é de Santana Lopes a José Eduardo Moniz, acusando-o de não ligar péva à Cultura. A música é outra loiça, esta: Paredes e Charlie Haden actuam no Coliseu, Diva, Rádio Macau e Trovante no Pavilhão de Cascais, é o fim de festa das Cantigas de Maio em Setúbal, há por lá também dança de salão à compita, cada cor seu paladar. E por gosto, o melhor texto da semana assina-o no «Público» Vasco Pulido Valente, é sobre o futebol e a vida, eis em síntese: «(...) Lentamente o futebol absorveu a vida. Transformou-se na vida. Um número cada vez maior de pessoas não tem uma comunidade. (...) Como os romanos no Baixo Império eram dos «verdes» ou dos «azuis» nas corridas de circo, milhões de portugueses definem já a sua identidade como sendo do Benfica ou do Porto. (...) A concentração de uma massa anónima, pobre, isolada e mal educada à volta das grandes cidades produziu esta tragédia que a falência das religiões tradicionais e o cepticismo político geral vieram agravar. (...)»

Domingo, dia 27

Há Robertinho (Carlos) no Coliseu, o Terreiro do Paço sem carros por um dia, Soares na Casa de Mateus com os Prémios D. Diniz, alfaiates em luta pelo estatuto de artesãos, mas o destaque vai ser um texto (lúcido até dizer chega) de António Quadros no «DN». A propósito de Pessoa e Sá-Carneiro, A. Q. diz da diferença entre a escrita deles e a de hoje, ou de como em vez da poesia da paixão e da paixão da poesia, há agora a construção de uma escrita «para os que irão decidir do seu êxito ou inêxito» (críticos, docentes, eruditos, outros escritores também), conformam-se assim os poetas.

Segunda, dia 28

Há dança na Torrefacção Lusitana (um achado de local), a Shell em mecenas a limpar o Padrão dos Descobrimentos, o IPC que não acaba (pode é vir a transformar-se, segundo Santana Lopes), mas, mais uma vez, nada disto é acontecimento, por causa, logo de manhã, do desastre de comboios. Do desastre e, já agora, da mentalidade CP: erro humano, logo admite, esquecendo-se de como nos leva de e para Sintra a circular.

Terça, dia 29

Kant em Lisboa em colóquio, Siza em Paris em exposição; dois Jorges em vernissage (Reis a lançar novo livro, Martins com mais uma série de desenhos); Loures que luta pelo Tejo, palácios que se dividem (fica Belém para Soares, para Cavaco o da Ajuda), mas a notícia do dia é o Projecto Utopia ou a «casa inteligente». Custa 50 mil contos, dizem que é do futuro (do futuro, pelo preço?).

Quarta, dia 30

Começa no Porto o Fitei, no Hot - com John Stubblefield - há jazz, Vieira da Silva tem dois quadros em leilão e um novo catálogo na Skira, Maria Baroso revê e revê-se na «Benilde» e Sampaio põe a Avenida da Liberdade de quarentena, assim como quem diz «alto e pára o baile, quero um ano e um plano, depois logo se vê». A ver vamos.

Quinta, dia 31

Na Comuna, em Algés e na Barraca há estreias de teatro, no da Graça debate-se poesia, na SLP fala-se das cartas de Mário de Sá-Carneiro, actua em Queluz a Nova Filarmonia, sai (gratuita) na Assírio e Alvim «A Phala», mas a fala de todas mais bela é na «Francisca» (hoje na Cinemateca e na Feira do Livro, amanhã na RTP): «Uns têm sorte, outros têm paciência», mas «uma mulher é capaz de tudo com um pé sobre o coração»...

Rodrigues da Silva

O olhar em dia

De dentro para fora

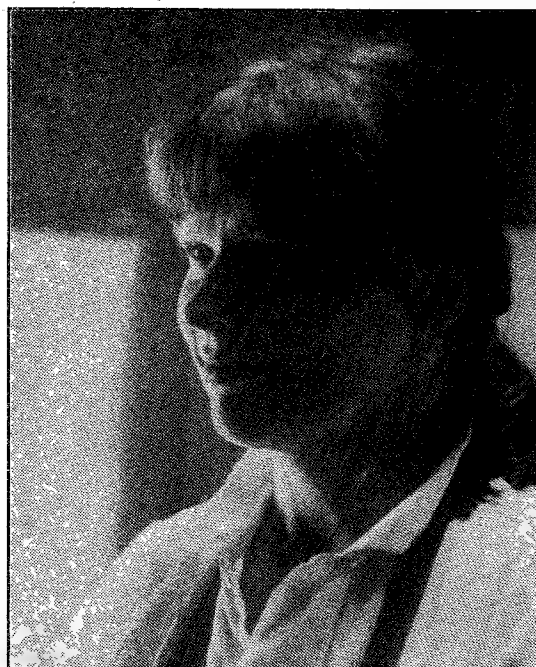
O escultor Rui Chafes foi contemplado com uma bolsa que lhe permitirá frequentar a Academia de Arte de Dusseldorf, no âmbito do concurso com que o governo federal alemão distingue licenciados pelas universidades de cada país.

O escultor disse que «esta bolsa tornará possível concretizar o projecto de escultura "pulsar" ao ciclo que considera encerrado com a recente exposição, "A Vocação do Medo", apresentada simultaneamente nas galerias Diferença, em Lisboa, e Atlântica, no Porto.

A bolsa terá a duração de um ano e Rui Chafes seguirá já em Agosto para a academia onde, entre outros, leccionou Joseph Beuys.

A poucos dias de encerrar a exposição que presentemente faz na Galeria Atlântica (Porto), Pedro Calapez já se encontra no Tyrone Guthrie Center, em Monaghan (Irlanda). O projecto a desenvolver neste centro de arte, tem a duração de um mês e resulta de um protocolo que o AR.CO (onde Calapez dirige o departamento de desenho) estabeleceu com outros países membros da CEE. O trabalho realizado na Irlanda integrará uma exposição itinerante que também fará escala em Lisboa.

Paulo Feliciano, que acompanhou a recente apresentação de Eugénio Cano, na Galeria Galeria Graça Fonseca, apresenta-se individualmente em Madrid,



Cisela Bjork

na Galeria Oliva Araújo. Esta galerista trabalha também com Leonel Moura, não sendo de estranhar que outros artistas portugueses, com quem Graça Fonseca trabalha, venham também a beneficiar deste provável intercâmbio.

Cabrita Reis estreia-se individualmente nos Estados Unidos com duas peças da série «Melancolia», que o público nova iorquino já tivera oportunidade de ver

em Março de 1989.

Calendarizadas para Junho e Julho, respectivamente nas galerias Rhona Hoffman (Chicago) e Burnett Miller (Los Angeles), estas exposições anunciam os trabalhos inéditos que Cabrita Reis apresentará nestes espaços a partir do próximo ano.

Da pintura de Cisela Bjork, na Galeria da Praça (Porto) poderíamos falar sobretudo de ausência e ocultação. Numa atmosfera que reivindica à escola flamenga a luminosidade e o tacto, Cisela atribui aos objectos de uso quotidiano (pastas, cestos, bacias de latão, celhas e peças de vestuário) uma intemporalidade e um rigor heráldico que os autonomiza e sobrevaloriza pela carga poética.

Ausência, porque estes modelos surgem despidos de qualquer referência que os distinguiu pelo uso, acentuada também pela nudez dos fundos lancinantes e tecnicamente depurados.

Ocultação, porque Cisela nunca revela a intimidade apenas aflorada ou adivinhada do que podem conter, guardar ou envolver.

Atente-se ainda na sua intensa carga sacralizante e simultaneamente erótica. Não é por acaso que a pintora, finlandesa, nos transporta para uma perversidade só limitada pelos contornos que castram um paganismo latente.

Jorge Fallorca

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

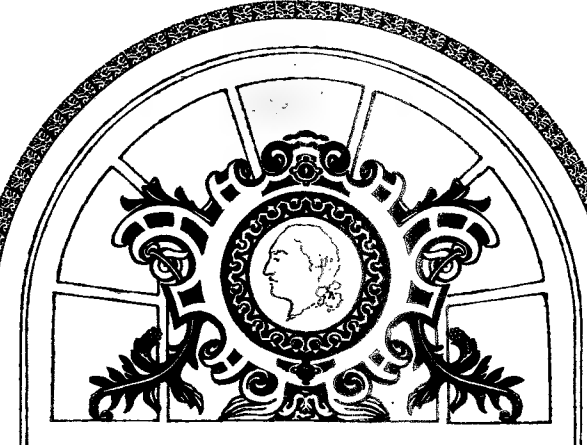
Bailarinos

*Estágio remunerado
para formação de
Bailarinos Estagiários
de dança clássica*

*Exige-se bom nível técnico
e condições físicas adequadas*

*Inscrições de 28 de Maio a 7 de Junho
na Rua Vitor Cordon, 20
para audição dia 11 de Junho às 10H00
Informações pelo tel.: 346 51 48*

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



SALÃO NOBRE
do
TEATRO NACIONAL
DE SÃO CARLOS

perspectivas da Música de Câmara

AVISO

Informa-se que o Concerto Instrumental com Pedro Burmestre, programado para 2 de Junho, será CANCELADO.

A Administração

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Crítica de Teatro

Tchiloli: ver para crer

Festas de Lisboa abrem hoje

A «Dança do Leão» será o espectáculo de abertura das Festas da Cidade de Lisboa-1990, que começam hoje, dia 1 de Junho, na Praça do Rossio, a partir das 17 e 30. Esta dança é executada por um grupo de bailarinos de Macau, proporcionando a Lisboa uma das manifestações culturais de maior interesse da China.

«Memórias de Camilo»

Hoje, dia 1, na Biblioteca Municipal, é inaugurada a exposição «Memórias de Camilo», patente ao público, das 14 e 30 às 19 e 30, até 1 de Julho. A exposição insere-se nas comemorações do centenário da morte do romancista (1 de Junho de 1890) e tem por objectivo tornar mais conhecidos os principais aspectos da sua vida e obra. Entretanto, no Porto, dez mil jovens, vão correr, numa prova de convívio e atletismo, entre Famalicão e S. Miguel de Ceide, realizando depois um piquenique com todos os participantes.

Teatro 1º. Acto

«S'Tôres» é o título de uma nova peça que ontem estreou no Teatro 1º. Acto (Algés). «S'Tôres» («Senhores Doutores») é uma adaptação do êxito inglês «Teechers» (o erro ortográfico é propositado). Trata-se do primeiro espectáculo apresentado por Locomotiva Produções, com os apoios da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal de Oeiras. A adaptação da peça foi feita pelos actores Carlos Grelha, Mafalda Drummond e Rui Vasco. Encenação: Melinda Mourão.

O Bando no D. Maria II

O grupo de teatro O Bando, afectado por um incêndio (cinco mil contos de prejuízo) que lhe levou sala e cenários, estreia hoje a peça «A Terceira margem do Rio» amanhã, na Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II.

Comuna-Teatro de Pesquisa

A Comuna-Teatro de Pesquisa estreou ontem duas novas produções, que serão mantidas em cartaz simultaneamente, em duas salas do Casarão Cor de Rosa, durante uma curta temporada, até 15 de Julho. Na Sala 1, «Um Eléctrico Chamado Desejo», de Tennessee Williams (tradução de Manuel João Gomes), numa encenação de João Mota - e na Sala Nova «O Estrangeiro em Casa», de Richard Demarcy, tradução da Comuna e encenação ainda de João Mota.

Governador de Macau condecora Amália Rodrigues

O governador Carlos Melancia atribuiu a Medalha de Valor de Macau a Amália Rodrigues, por portaria publicada em suplemento ao «Boletim Oficial». A Amália, que inicia no próximo mês uma digressão pela Ásia, será condecorada pelo governador no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.



Americanos aos pés de César

O filme de João César Monteiro «Recordações da Casa Amarela», presente no Festival Internacional promovido pelo American Film Institute de Los Angeles, foi «altamente recomendado» pelo jornal «Los Angeles Times», a par de «Sitting Pretty on a Branch» da Checoslováquia e os americanos «A Tribute to Charles and Ray Eames» e «Love Among the Ruines». Mas o prestigiado órgão da comunicação social norte-americana vai mais longe nos elogios a César Monteiro e ao seu filme considerando o realizador português um misto de Woody Allen, Dostoevsky, Knut Hamsun e Céline.

Também em carta assinada por Ken Wlaschin, director do American Film Institute, dirigida a César Monteiro, são expressos rasgados elogios à sua «dedicação, talento e visão de fazedor de filmes», reconhecendo a resposta positiva do público a «Recordações da Casa Amarela». A carta termina com o pedido de manter o AFI/«LA» informado sobre o seu próximo filme e um agradecimento por ter ajudado a que a edição deste ano do Festival do Filme Internacional fosse um sucesso.

TCHILOLI ou TRAGÉDIA DO MARQUÊS DE MANTUA E DO IMPERADOR CARLOTO MAGNO.

Grupo: Formiguinha da Boa Morte (S. Tomé). Auditório de Ar Livre da Fundação Calouste Gulbenkian/25-05-90.

Este espectáculo é, por vários motivos, perturbante. Um desses motivos, e não dos menores, consiste no facto de valer como prova da razão de ser do teatro mais do que muitos tratados subscritos pelos mais ilustres teatrológicos.

A tessitura desta relação teatral, de carácter composto, é formada por nós tão diversos como um texto que pertence à mais rica tradição do teatro português, a escola vicentina, já que o seu autor, Baltasar Dias, madeirense, autor de autos de que existem ainda resquícios, em espectáculos populares dos nossos dias, foi um dos sucessores de Gil Vicente.

Além disso, a peça mergulha num húmus literário que tem a ver com outras tradições muito antigas, as do ciclo carolíngio.

A passagem do auto de Baltasar Dias da Madeira para S. Tomé e a sua conservação como modelo textual de características locais, constituem enigmas não inteiramente esclarecidos. Interessa mais aqui a relação entre esse texto

e formas teatrais específicas que aparentemente deviam rejeitá-lo.

Passam, no entanto, pelo texto e pelo espectáculo outros discursos que têm a ver com modos diferentes de ser um do outro.

É o caso da situação dramática que serve de núcleo conflitual da acção: a história de um crime e de como o castigo do criminoso não pode deixar de passar por uma figura não tão óbvia como isso: a da justiça.

O espectáculo vive muito dessa contradição entre as formas tradicionais do ritual (música, dança) e o duplo discurso do texto: o que tem a ver com a obra matriz e os acrescentamentos que têm a ver com outras realidades, como a do mundo da burocracia.

Por isso se pode dizer que o retrato público se mantém actual, serve como denúncia implícita do colonialismo, serve como denúncia de outras ditaduras.

O que espanta neste espectáculo, embora tudo nele seja um espanto, é a homogeneidade de elementos tão díspares, alguns dos quais são de um inesperado anacronismo (máquina de escrever, telefone) que operam de tal maneira que dir-se-ia terem sido absorvidos pelo que é, no espectáculo, a energia do ritual.

Tenho utilizado o vocabulário espectáculo, isto é, uma função determinada a que o

público assiste e em que não pode participar. Como escrevi na primeira apresentação de «Tchiloli» («DL»/28-08-73) não podemos deixar de nos colocar perante a realidade que este espectáculo nos propõe, a única que nos pode propor e que representa um empobrecimento da função original. Reduzido a noventa minutos, em vez das seis horas locais, o espectáculo não pode deixar de obedecer a outro ritmo, o ritmo ocidental, para o qual foi refundido, no qual o ritmo africano, o tempo africano, que aqui deve ser essencial, desaparece. Como desaparece a relação íntima, funcional do ritual com os participantes.

Assim como é inimaginável a condensação de um espectáculo de Bob Wilson, de seis horas para duas, por exemplo, é para nós, espectadores da obra em digressão, impossível imaginar o que será o «Tchiloli» no seu enquadramento, na sua paisagem, no seu tempo. Essa impossibilidade é naturalmente dolorosa mas não nos impede de apreciar e admirar o que podemos ver, como podemos ver: um espectáculo sem paralelo.

Outro aspecto que me impressionou nesta segunda visão de «Tchiloli» foi o facto de o

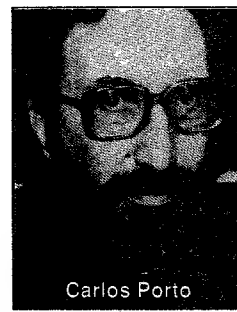
espectáculo se manter como se não tivessem passado dezassete anos, como se o elenco e as circunstâncias fossem aos mesmos.

No entanto, são outros os actores na sua maioria (mas agora são dezassete e não os vinte e sete da primeira vez), como são outros os músicos.

Desta vez pude apreciar melhor o que pertence ao domínio da música e da dança e o modo como essas linguagens se articulam com o conflito nuclear, a morte do príncipe e a condenação do assassino bem como o processo de justiça que se coloca entre os dois acontecimentos.

A definição do espaço (corte alta, corte baixa), a força simbólica do caixão minúsculo, a composição das personagens (entre elas, os travestis), os fatos magníficos, as máscaras, a coreografia e a música, todos estes elementos actuam no sentido de conferir a este espectáculo uma espécie de magia que não tem nada a ver, obviamente,

com o nosso teatro, sobretudo se tivermos em conta o que acima se disse, o facto desta versão de «Tchiloli» não se mover no tempo que é o seu, na relação com o público que é a sua.



Carlos Porto

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

de 3ª a 6ª às 21,45, sáb. às 16 e 21,45, dom. às 16

FELICIDADE E ERVA DOCE
uma comédia de
PETER SHAPPER

Subsídio S.E.C./C.M.A.

Encenação: **JOAQUIM BENITE** com **VASCO ELOY**

CECÍLIA GUIMARÃES
LUZIA PARAMÉS
TERESA GAFEIRA
CARLOS SEBASTIÃO

Companhia de Teatro de Almada

Apoio: antena 1, Rádio Comercial, O diário

Rua Conde Ferreira Tel. bilheteira: 2752175

TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS DA VIDA DE BENILDE

Subsídio SEC

«Régio, Patrício e Listopad (e a sua gente, a gente vibrátil e comovente de todos três) estão harmonicamente no Teatro da Graça.» — Flama Hasse Pais Brandão — «D. Lisboa».

«... actuação sensível, subtil e, não raro, audaciosa de dois excelentes actores (Alexandra Lencastre, Antonino Solmer) que, estou certo, José Régio teria gostado de ver e ouvir.» — Eugénio Lisboa — «Jornal de Letras».

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE **JOSÉ RÉGIO**

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JULIO MARTIN, RUY FURTADO

Curta série de representações

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinées aos domingos às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Quatro discos agora introduzidos no mercado português servem como desculpa para se falar, nesta página, da presente necessidade de se encontrarem referências e de se fazerem citações

O Day After

Quando os géneros musicais ainda não eram confrontados com as presentes e cada vez mais generalizadas extrapolações de forma que os transmutam lá bem no seu íntimo (se é que de facto alguma vez existiu, esse passado mítico), cada tipologia não tinha necessidade de fazer grande afirmação das suas próprias características. Nenhum academismo se construiu por autocitação, a verdade é essa. Foi preciso que as músicas se relativizassem, começando o fenómeno pela queda dos fétiches eruditos e populares que norteavam as culturas e pela livre circulação entre esses dois âmbitos da criação artística, para que verificássemos algo de novo: a referenciação a todo o custo,

quantas vezes múltipla, descontrolada, esquizóide mesmo, é o *day after* de um mundo que caiu em ruínas.

A tais práticas podemos até chamar de «fantasias musicais», sabendo *a priori* que um estatuto assim não lhes serve para uma distinção em particular, ou uma marginalização plenamente justificada. Sem dúvida que é bastante irónica, alguma da levandade com que as músicas contemporâneas, em busca de identidade ou pelo menos de «identificação», encadeiam as suas citações entre estilos. Se partissem do grau zero estaríamos a falar de um desespero, mas não é disso que se trata: estão sobrecondicionadas, são excessivas estas novas tendências musicais, as matérias-primas que utilizam

agem por demasia, não há lugar, praticamente, para o silêncio. Partem, pois, do ruído, do atabalhoamento sonoro, e viajam até ao outro extremo, para serem desproporcionadamente explícitas.

Se as julgamos sedutoras, se têm uma qualidade quase «cromática» (os sons como cores, ou seja, uma certa preocupação pela camada aparente), se as suas inscrições tipológicas têm a graciosidade da redescoberta, não invalida a acção ao nível do gosto que se tenha em conta a sua problemática confluência numa perspectiva musicológica. Não músicas, estas, que por paradoxo inerente nunca poderão encontrar-se, na transitoriedade radical das formulações que lhes dão vida.

Melhor: as músicas deste tempo, mesmo quando nos agradam sobremaneira, acontecem por *disfunção*.

Passa-se isto no mais recente título de Tony Hymas, «Flying Fortress», um Nato distribuído em Portugal pela VGM. No caso, a filiação tentada não só é multidireccional como parece ter uma disposição linear: da música renascentista ao jazz-funky, dos ritmos latino-americanos à arquitectura-padrão da electrónica *new age*, das baladas *bluesy* aos minimalismos *satianos* ou da música de câmara modal ao *honky-tonk*, é evidente que se trata de uma fantasia, mas não obstante isso também ficamos com a ideia de ser uma obra que se pensa por inteiro, de modo pouco inocente até. O recurso à colagem segundo os parâmetros já estabelecidos, dimensionada por uma bem alargada polarização *etno-tecno*, teve como propósito básico uma concretização dos seus enunciados no domínio do óbvio. Tudo, no disco, é plausível, previsível, pacífico. Apesar da vertigem...

E é o que concluímos com a audição de «Pretty Ugly», da dupla Peter Scherer/Arto Lindsay, o volume 23 da muito personalizada colecção Made

to Measure, com selo Crammed, que a Contraverso importou. Com a diferença de que agora não é aplicada a técnica da colagem, mas o seu inverso, a fragmentação, o estilhaçamento. Há uma unidade que, mais do que globalizadora, é a soma na medida certa das várias componentes. Os particularismos desta música, mínimos e numerosos, nunca transbordam dos seus contextos, antes se coadunam com estes - talvez porque os temas incluídos não se bastam por si mesmos, sendo «Pretty Ugly» uma composição para bailado e os cinco movimentos seguintes a banda sonora da peça teatral «Morder, Hoffnung der Frauen».

As referências, neste trabalho, são indirectas, jogam com a ambiguidade das alusões, o seu velamento (e sabe-se como o subterfúgio é uma forma de revelação), coisa que é possibilitada pela tecnologia *sampling*. Os brasileirismos aqui e ali anotados articulam-se com sinfonismos *avantgarde* que decorrem da deformação das sonoridades orquestrais «*sampladas*», com acabamentos na linha do rock. Umavez retemos certas disposições «industriais», noutras descobrimos pontes para o *rap*, e, como seria

imaginável, nunca este material consegue *ganhar substância*. As fixações resvalam, impera um atipismo sem sentido, ainda que cativante.

Mas se Hyman trabalha com evidências e a dupla Scherer/Lindsay com filiações artificiosas, Stephan Micus, em «The Music of Stones» (ECM, com comercialização nacional pela Dargil) aproveita o seu peculiar intimismo interpretativo para sugerir um projecto conceptual. Pretendendo-se claro e concreto na sua subjectividade reflexiva, ampliada esta pela reverberação da Catedral de Ulm, onde o disco foi gravado, Micus procede afinal de contas a um baralhamento de referências: os seus sucedâneos dos sons de pedra chineses outrora conhecidos por *pien ch'ing*, a flauta *shakuchi*, de origem japonesa, ou o irlandês *tin whistle*, desligam-se das suas vocações «geográficas» de maneira a, pela via da abstracção, valerm pelas distâncias mantidas relativamente aos arquétipos. A encenação da lucidez serve-lhe para vislumbrar um caminho em terrenos sem caminho, e nada ilude o facto de mais uma vez depararmos com uma música sem implicações, a escultura acústica possível num universo digital equacionável ao infinito. *World Music*? Talvez, se for essa a designação justa para o impasse.

«Tumble», dos Biota (Rér Records, introduzido recentemente no nosso mercado pela Contraverso), ainda manifesta uma outra questão. Espécie de *folk-pop-jazz* sem enquadramento, dando conta apenas das suas vagas analogias (as que as disposições instrumentais, elas mesmas, nos fazem entender, com o banjo, o saltério ou a concertina, a guitarra acústica ou o contrabaixo), esta música é referencial precisamente enquanto pretende alienar os seus fundamentos, dado que a própria operação *revela* as causas que procura converter. Os instrumentos são acústicos, etnográficos até, e são tocados nos moldes adequados à sua natureza; o segredo está no processamento electrónico que todos eles sofrem em certo ponto da produção, transformando-os e envolvendo-os numa nuvem sonora.

O ouvinte torna-se activo, tem de lhes adivinhar os contornos, as origens, a personalidade. Arte paradoxal, absurdo musicológico, ou só um compreensível exercício de perda e ganho? As respostas a fenómenos como este ainda demorarão, ao que parece...

DISCOS

Na EUROPA-AMÉRICA os grandes romances contemporâneos

PUBLICAÇÕES
EUROPA-AMÉRICA
1945
1988
45 ANOS
DE INDEPENDÊNCIA

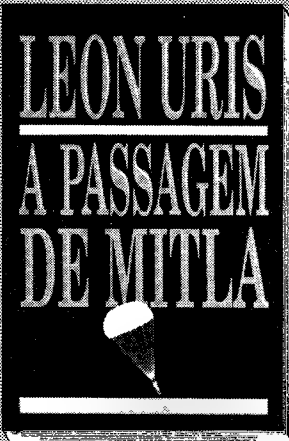
Robert Ludlum



A AGENDA ÍCARO

Evan Kendrick, um homem tranquilo e sem grandes ambições políticas, vê-se compelido a mergulhar no mundo contraditório do terrorismo. Projectado para uma notoriedade que nunca desejou, nem procurou, assalta-o a ideia de ser candidato à presidência ou à morte.

Leon Uris



A PASSAGEM DE MITLA

A história apaixonante de Gideon Zadok, um homem moderno apanhado pelas suas próprias contradições: a ambição e o medo, desejo e obrigação, passado e futuro.

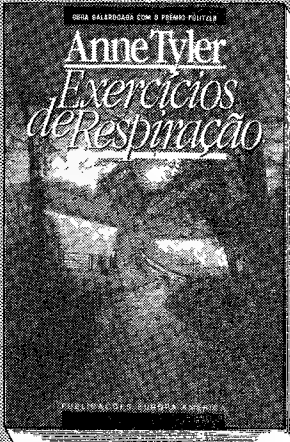
António Cândido Franco



MEMÓRIA DE INÊS DE CASTRO

A simbólica portuguesa num brilhante romance de um jovem romancista. O amor entre Pedro e Inês num romance histórico ou na história de um romance. Um novo autor a que deve estar atento.

Anne Tyler



EXERCÍCIOS DE RESPIRAÇÃO

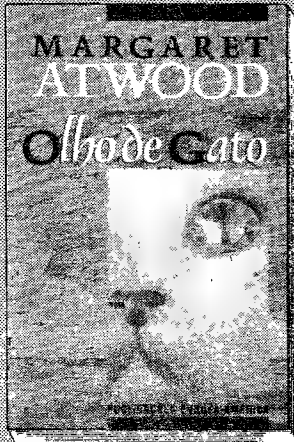
Maggie é cabeça-nô-ar, impetuosa, indolente, irra e competente, paciente, infalível. Estão casados há vinte e oito anos. Um passeio faz-lhe reflectir o casamento: as esperanças, as decepções, como afinal tudo é nada muda. «Um dos melhores romances da década de 80.»

Times

OLHO DE GATO

Margaret Atwood explora as raízes ambíguas das relações femininas, com os seus segredos da infância, crueldades e terrores. Num desfecho surpreendente, passado e presente fundem-se, e o conflito entre o desejo de vingança e a procura do perdão é resolvido de forma comovedora.

Margaret Atwood



Os romances que se lêem

TEATRO DA TRINDADE INATEL

APRESENTA

SABADO, 2 DE JUNHO AS 21.30 HORAS

NOITE DE SANTA MARIA DA FEIRA

UM ESPECTACULO COM A PARTICIPAÇÃO DA
ACADEMIA DE MUSICA DE SANTA MARIA
GRUPO DE DANÇAS E CANTARES DO ORFEÃO DA FEIRA
ORFEÃO DA FEIRA

UMA ORGANIZAÇÃO
GABINETE DE ETNOGRAFIA DO INATEL

BILHETES À VENDA NO
TEATRO DA TRINDADE

APOIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA MARIA DA FEIRA

Rui Eduardo Paes

DESPORTO

Todos esperam que a «cena» se repita

Farense e Estrela voltam à ribalta

Depois do excelente demonstração da arte de produzir um bom espectáculo de futebol, exibida pelos artistas do Sporting Farense e do Estrela da Amadora na «sala de honra» do Jamor, todos esperamos (e desejamos) que, no próximo domingo, se repita a bonita festa para dignificação do futebol e prestígio da competição tacista.

Porque os intérpretes serão os mesmos (com uma ou outra alteração originada por penalização disciplinar ou por imposição de ordem clínica) é de aguardar que a cena se repita, ainda que desta vez, se no termo do tempo degulamentar do jogo se verificar o «nulo», teremos o espaço emotivo na marcação de grandes penalidades.

No domingo, a Taça de Portugal terá de ser entregue e pelo que vimos na primeira «tentativa» ela ficará bem quer na vitrina de Faro ou no painel da Reboleira.

Obviamente que não ousamos fazer qualquer prognóstico e certamente que no caso do encontro ter figurado no

boletim totobolístico desta semana, nem o mais ferrenho adepto do Farense nem o mais optimista entusiasta afecto ao emblema do Estrela, deixaria de fixar o seguro «1X2». Porque se trata dum jogo de características especiais; porque os valores em presença se mostraram com talento, engenho, capacidade físico-atlético, arte e dinâmica de jogo muito semelhantes e ainda porque são comandadas por técnicos ambiciosos e de inquestionável mérito. Por tudo isto, nada de cometer a ousadia de atribuir favoritismo quer a uma quer a outra equipa.

O que prognosticamos, isso sim, é que iremos presenciar um espectáculo emotivo, vibrante e desportivamente digno do palco onde voltarão a encontrar-se perante figuras relevantes da vida pública e uma plateia disposta a incitar, aplaudir e vibrar com o sortilégio e fascínio do que se passar sobre a relva.

Igualmente se espera que o presidente do Conselho de Arbitragem tenha, finalmente, designado para a coordenação do jogo, aquele que oficialmente foi classificado com o árbitro do ano. Fortunato Azevedo já deveria ter estado no passado domingo no Jamor (e não se venha com o argumento de que estava em Toulon, porque aquele torneio não consta do calendário internacional) e não Manuel Nogueira (10.º classificado na pauta de valores do Conselho de Arbitragem) que, como se viu, não justificou a nomeação que Lourenço Pinto fez a título de prémio por aquele árbitro do Porto ter atingido o limite de idade. Uma decisão feita à revelia do mérito e da competência.

Porto perde em Turim

O FC Porto perdeu (3-4) em Turim num encontro com um misto formado pelos melhores jogadores do Torino e da Juventus, realizado ontem no Estádio dos Alpes, presenciado por cerca de 40 mil espectadores e destinado a anga-

riar fundos a favor da Liga italiana contra o cancro. Eis a «ficha do jogo»:

Árbitro: Trentalange (italiano).

MISTO: Marchesianti (Torino); Napoli (Juventus), Bruno (Juventus), Galia (Juventus) e Benedetti (Torino); Cravero (Torino), Lantini (Torino), Rui Barros (Juventus) e Scoro (Torino); Romano (Torino) e Alessio (Juventus).

FC PORTO: Vítor Baía; João Pinto, Geraldão, José Carlos e Semedo; Jaime Magalhães, André, Abílio e Couto; Madjer e Rui Águas.

Jogaram ainda Morato, Barriga, Toni, Nascimento, Kiki e Domingos.

Marcadores: Scoro (9, 15 e 41), Geraldão (45, de gp e 55), Alessio (77) e Rui Águas (84).

Sporting vence o Petro

Depois da vitória sobre o Primeiro de Agosto, o Sporting derrotou por igual resultado (1-0) o Petro Atlético, em jogo realizado no Estádio da Cidadela, em Luanda. O golfo foi azevedo por Fernando Gomes e os «leões» jogaram com: Vital; Portela, Miguel, Venâncio e Leal; Litos, Oceano, Carlos Xavier e Hassan; Edel e Gomes. Actuaram ainda: Mário Jorge, Marinho, Litos e Maside.

Federação castiga

As suspensões aplicadas aos presidentes do Guimarães e Portimonense, Pimenta Machado e Manuel João, respectivamente, e a instauração de um processo disciplinar ao FC Porto, marcaram as decisões do Conselho de Disciplina da FPF.

A decisão de suspender Pimenta Machado e Manuel João por um período de 90 dias foi decidida por unanimidade, tendo o porta-voz do Conselho de Disciplina, (Chumbita Nunes), explicado que ambos os dirigentes proferiram declarações «ofensivas à honra e dignidade de órgãos federativos».

Pimenta Machado terá sido castigado, após participação do Conselho de Justiça que se

queixou de afirmações do dirigente vimaranense acerca da decisão daquele órgão sobre o processo de inscrição de futebolistas estrangeiros no Sporting.

Manuel João foi punido devido a uma queixa do Conselho Nacional de Arbitragem relativamente a comentários feitos pelo presidente do Portimonense a órgãos da Comunicação Social acerca da arbitragem do árbitro José Guimarães no jogo entre o clube algarvio e o FC Porto.

O CD decidiu ainda instaurar um processo ao FC Porto para apurar responsabilidades nos incidentes ocorridos, após a intervenção de elementos da PSP no final do encontro entre portistas e Beira Mar.

Chumbita Nunes referiu que a decisão do CD foi tomada depois da leitura do relatório policial sobre os incidentes verificados no Estádio da Antas.

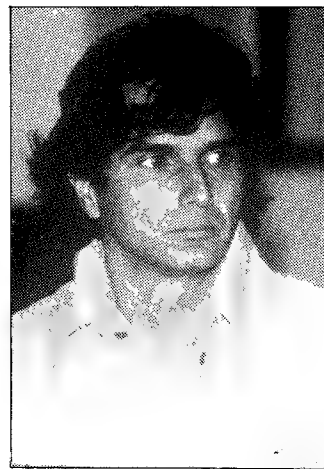
O processo disciplinar instaurado a pedido do União da Madeira na última reunião do CD, para averiguação da eventual utilização irregular do búlgaro Guetov (Portimonense) e de vários outros jogadores do Penafiel e Sporting, foi, entretanto, arquivado.

Basaúla e Caetano não jogam no Jamor

Os jogadores do Estrela da Amadora, Basaúla e Caetano foram suspensos por dois jogos pela Comissão de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, pelo que não poderão defrontar o Farense na finalíssima da Taça de Portugal.

O mapa de castigos do Conselho de Disciplina da FPF faz ainda referência às punições aplicadas na sequência dos encontros da última jornada do Campeonato Nacional de Futebol da Primeira Divisão. O destaque vai para os dois jogos de suspensão aplicados ao belga do FC Porto, Stephane Demol, Oceano (Sporting), Leiz e Ladeira (Nacional), Chico Zé (Portimonense), Dito e Serra (Setúbal).

Piquet: «português por comodidade»



«muito antes» do Grande Prémio de Mônaco de Fórmula Um, disputado no circuito cittadino de Monte Carlo.

Em entrevista ao jornal «O Estado de São Paulo», Nelson Piquet mostrou esperança em que o processo de atribuição da cidadania portuguesa seja «simples», porque «o Brasil sempre foi muito próximo de Portugal e sempre existiu a história de serem países irmãos».

Garantindo pretender conservar também a cidadania brasileira, Nelson Piquet Souza Maior, nascido no Rio de Janeiro a 17 de Agosto de 1952, considerou que os cidadãos brasileiros sentem muitas dificuldades para viajarem. «Fico com as duas nacionalidades. Quero mesmo o passaporte português por comodidade, pois os brasileiros sofrem muitas, muitas restrições na hora de entrar num outro país» — declarou o piloto da Benetton-Ford.

O piloto brasileiro Nelson Piquet, tricampeão mundial de Fórmula Um, justificou a apresentação do pedido de atribuição da cidadania portuguesa com a «comodidade» de «poder viajar sem restrições».

Uma fonte do Ministério da Administração Interna revelou que o pedido de Piquet está a ser analisado e foi apresentado

B R E V E S

«Xira Cup» está em marcha

Equipas de sete países, além de várias nacionais, já asseguraram a sua participação na próxima edição do VIII Torneio Internacional de Andebol «Xira Cup-90».

A prova, que terá lugar em Vila Franca de Xira entre os dias 16 e 21 do próximo mês de Julho, congregará equipas da Dinamarca, Brasil, Espanha, França, Angola, Moçambique e Cabo Verde, aguardando-se ainda a confirmação de clubes da Argélia, Itália, Formosa e República Federal da Alemanha, além de outras nacionais.

Carl Lewis sem «boa vontade»

O atleta norte-americano Carl Lewis, seis vezes campeão olímpico, admitiu a sua ausência nos Jogos da «Boa Vontade», a realizar em Seattle, em Julho.

O campeão olímpico dos 100 metros em Seul, referiu que irá efectuar a sua primeira prova este ano, a 23 de Junho, tencionando participar numa prova de estafetas de 4x400 metros em Minneapolis.

A ausência de Lewis nos jogos da «Boa Vontade» poderá estar também relacionada com o facto de o atleta não pretender sujeitar-se às regras da Federação Norte-Americana de Atletismo.

Em 50 edições

Vinte e oito finais diferentes

No conjunto das 50 finais o jogo mais repetido (oito vezes) foi o Benfica-Porto.

Benfica-Porto	8 (7-1)
Benfica-Sporting	7 (5-2)
Benfica-Académica	3 (2-1)
Benfica-Setúbal	3 (2-1)
Sporting-Belenenses	3 (2-1)
Benfica-Belenenses	3 (2-1)
Sporting-Setúbal	2 (2-0)
Belenenses-Guimarães	1 (1-0)
Benfica-Atlético	1 (1-0)
Benfica-Estoril	1 (1-0)
Benfica-Covilhã	1 (1-0)
Boavista-Benfica	1 (1-0)
Boavista-Sporting	1 (1-0)
Boavista-Guimarães	1 (1-0)
Porto-Braga	1 (1-0)
Porto-Setúbal	1 (1-0)
Porto-Torreense	1 (1-0)
Porto-Rio Ave	1 (1-0)
Leixões-Porto	1 (1-0)
Sporting-Atlético	1 (1-0)
Sporting-Porto	1 (1-0)
Sporting-Olhaneense	1 (1-0)
Sporting-Braga	1 (1-0)
Sporting-Guimarães	1 (1-0)
Setúbal-Académica	1 (1-0)
Setúbal-Braga	1 (1-0)
Farense-E. Amadora	1 ?

O Benfica venceu 22 competições, seguindo-se o Sporting (11), Porto (6), Boavista (3), Belenenses e V. Setúbal (2) e Académica, Leixões e SC Braga (1).

Nota: entre parêntesis indica-se o número de vitórias.

EM AGENDA

ANDEBOL: a contar para mais uma jornada do campeonato nacional, realizam-se, amanhã, os seguintes encontros: Vitória de Setúbal-FC Porto, Belenenses-Académica e ABC-Sporting, enquanto o confronto Benfica-Boavista decorrerá pelas 17 horas de domingo.

ATLETISMO: as equipas (masculina e feminina) do Benfica participam amanhã na Taça dos Campeões Europeus de Pista em Jerez de la Frontera (eles) e na Áustria (elas).

HÓQUEI EM PATINS: efectuem-se amanhã os confrontos que integram as meias-finais da Taça de Portugal. Assim, teremos: Óquei de Barcelos-Porto, Benfica-Académica, Sporting-

Paço de Arcos e Infante de Sagres-Seixal.

CORRIDA DA LIBERDADE: organizada pelo «Diário de Notícias» realiza-se no próximo domingo (dia 3) a IX Corrida da Liberdade que terá como palco as avenidas Fontes Pereira de Melo, República, Campo Grande, Brasil, Gago Coutinho, Roma, Forças Armadas, José Malhoa e Rua Fialho de Almeida. Quanto a prémios o 1.º classificado masculino será de 150 mil escudos, 2.º receberá 100 contos e o 3.º 50, enquanto haverá uma motorizada para a primeira atleta a cortar a linha de chegada, uma televisão para a 2.ª e um vídeo para a 3.ª. Além destes haverá outros prémios especiais e sugestivos.



MARIA DA CONCEIÇÃO DINIZ

Faleceu

NA RUA DAS GÁVEAS, A SEVERA PARTICIPA O FALECIMENTO DA MUITO QUERIDA EMPREGADA MARIA DA CONCEIÇÃO DINIZ.

O FUNERAL REALIZA-SE NO DIA 2, ÀS 10 HORAS DA MANHÃ, NA IGREJA DE ST.º CONDESTÁVEL PARA O CEMITÉRIO DE BENFICA.

DESPORTO

«I Marconi Open 1990»

Daher compensa ausências de Marques e Cunha e Silva

O brasileiro José Daher, classificado entre os 300 primeiros do «ranking» mundial, é a grande estrela do I Marconi Open 1990, um torneio de ténis dotado de prémios monetários no valor de 1250 contos, que vai decorrer no Centro de Ténis do Monsanto, entre os dias 4 e 10 de Junho (incluindo «qualifying»).

Integrado no calendário nacional da Federação Portuguesa de Ténis, bem como nas tradicionais Festas da Cidade de Lisboa, esta prova destina-se exclusivamente à variante de singulares masculinos.

A organização, da responsabilidade da Associação de Ténis de Lisboa e do Centro Cultural e Desportivo Rádio Marconi, recebe ainda os apoios da Câmara Municipal de Lisboa e da empresa de telecomunicações que patrocina o evento.

Embora Este torneio vá entrar na sua primeira edição, o êxito está praticamente garantido, dada a reconhecida experiência dos elementos que compõem o «staff» organizativo. Com efeito, à excepção de Eduardo Corvo (vice-presidente da ATL) que faz a sua estreia nas funções de director de torneio, tanto o juiz-arbitro Lucílio de Oliveira como Manuel de Sousa (o popular «Manecas»), o verdadeiro «patrão» do torneio, já deram provas da sua competência, designadamente no I Fiber Open 1990, que se disputou no passado mês de Abril, nas instalações do CIF.

Desta vez, Manuel de Sousa não conseguiu o concurso de Nuno Marques e Cunha e Silva, pois ambos estão a braços com compromissos internacionais. O português, depois do «brilhante» alcançado em Roland Garros, onde só foi derrotado na segunda após o difícil apuramento para o quadro principal no «qualifying», rumou logo para o Porto, seguindo depois para Inglaterra a fim de preparar da melhor maneira os torneios de Queen's e Wimbledon. Quanto ao lisboeta, encontra-se a disputar o III Circuito Satélite de Espanha, tendo já garantido a presença no Masters, graças à posição de quarto finalista na primeira semana.

Esta competição, que está a decorrer na Catalunha, poderá ainda «roubar» o vice-campeão nacional, Bernardo Mota, ao Torneio de Monsanto. O tenista do Benfica mostrou-se interessado em participar neste 1250 contos, mas o seu regresso a Portugal dependerá das performances lançadas em terras espanholas. No torneio inaugural do satélite, Bernardo não logrou ultrapassar a fase qualificativa, pelo que se o resultado for semelhante na segunda semana o jogador optará pela desistência da competição catalã para participar na portuguesa.

Mas a qualidade do quadro de 24 jogadores convidados, aos quais se juntarão oito oriundos do «qualifying», não depende da vinda de Bernardo Mota. Aliás, bom seria que o lisboeta se ausentasse, pois isso significaria uma boa actuação naquele circuito satélite, com a consequente melhoria da sua actual posição no «ranking» mundial (871.º).

Os promotores destas provas que constituem o calendário nacional da FPT sabem que estas iniciativas são dedicadas quer aos jovens valores que despontam na modalidade, quer àqueles «veteranos» que tornam possível a manutenção de um conjunto de torneios dispersos pelo País, ao longo do ano. Os melhores valores portugueses, os que apostam inequivocamente numa carreira internacional, serão sempre bem vindos, mas o seu lugar é lá fora, à conquista dos almejados pontos ATP.

E não restam dúvidas que, no respeitante aos dois grupos acima mencionados, a organização garantiu a participação dos melhores representantes nacionais. Entre os «jovens lobos» encontramos nomes como o campeão nacional de cadetes, Emanuel Couto, e Bruno Frágoso, entre os «habitués» estão José Nunes (número um do «ranking» da FPT), Paulo Coelho (2.º), Pedro Cordeiro (3.º), Alberto Miguel (5.º) e João Couto, o campeão nacional de juniores.

O brasileiro Daher, neste momento a jogar uma prova nortenha, não será o único a dar um cariz internacional ao torneio, uma vez que alguns tenistas espanhóis que estiveram no I Circuito Satélite de Portugal já confirmaram a sua inscrição.

Hugo Ribeiro

Última jornada da 2.ª Divisão

«Alto risco» em vários palcos

A segunda divisão tem amanhã a sua derradeira jornada, e, quanto a decisões, poucas certezas. Vejamos: na zona Norte estão encontrados os despromovidos nada adiantando o resultado dos encontros de amanhã ao Marco, Trofense, Vizela e Vianense. Quanto aos cinco que irão integrar a Divisão de Honra existem sete candidatos ainda que um deles (Gil Vicente ou Famalicão) terá acesso à 1.ª divisão. O Desportivo das Aves já pode cantar triunfo, porque os 44 pontos que já amealhou são os bastantes para a promoção. Gil Vicente e Famalicão discutem o lugar de subida à «primeira» e o que não conseguir terá acesso à divisão de honra. Outros candidatos ao escalão que na próxima temporada dará acesso à 1.ª divisão são: Maia, Freamunde, Paços de Ferreira e Varzim. Vejamos a classificação e os programas da ronda (na Póvoa, espera-se forte efervescência):

	J	V	E	D	G	P
G. VICENTE	33	21	5	7	49-25	47
Famalicão	33	17	11	5	52-24	45
Aves	33	18	6	9	46-30	44
Maia	33	15	11	7	47-30	41
P. Ferreira	33	17	6	10	53-34	40
Freamunde	33	14	12	7	43-31	40
Varzim	33	15	8	10	46-34	38
Leixões	33	13	8	12	45-41	34
Fafe	33	12	8	13	41-29	32
Rio Ave	33	10	11	12	44-46	31
Infesta	33	11	8	14	51-52	30
Felgueiras	33	10	9	14	28-44	29
Bragança	33	11	7	15	36-52	29
Joane	33	9	11	13	30-37	29
Vianense	33	10	6	17	36-51	26
Vizela	33	9	7	17	33-45	25
Trofense	33	7	7	19	28-59	21
Marco	33	3	7	23	17-62	13

Última jornada: Trofense-Marco (1-2, na 1.ª volta); Leixões-Desp. Aves (2-1); Varzim-Gil Vicente (3-1); Paços Ferreira-Infesta (1-3); Famalicão-Joane (1-1); Felgueiras-Freamunde (0-1); Fafe-Rio Ave (1-2); Vizela-Maia (0-3) e Bragança-Vianense (4-2).

«Alto risco» em Espinho

Na zona centro quis o calendário (e os resultados averbados por ambos os concorrentes) que Espinho e Salgueiros se defrontem na última jornada num encontro que decidirá qual deles entrará, na próxima temporada, no bloco dos maiores. O Espinho tem a seu favor três factores importantes: soma mais um ponto, venceu na primeira volta e joga no seu recinto. Um jogo de altíssimo risco que se deseja seja disputado com desportivismo e que na plateia exista o mais bonito «fair play». E já agora convém que o dr. Lourenço Pinto se lembre que Rosa Santos, Carlos Valente e Veiga Trigo são os mais credenciados e repetidos árbitros cá do burgo. No que se refere aos candidatos à divisão de honra para além do Espinho ou do Salgueiros, União de Leiria, Académica e Aca-



Amândio Barreiras cuida dos últimos pormenores para o confronto com o prestigioso Salgueiros, liderado pelo jugoslavo Filipovic

démico de Viseu já têm lugar garantido restando aguardar pelos resultados que venham a ser feitos pelo Águeda (que recebe o Covilhã) e o Mirense (que se desloca a Cantanhede).

Sobre despromoções Peniche, Oliveira do Bairro e Lousanense já estão na «terceira» esperando por outro parceiro que poderá ser a Oliveirense ou o Caldas. Vejamos como estão as «coisas»:

	J	V	E	D	G	P
ESPINHO	33	23	4	6	64-19	50
Salgueiros	33	21	7	5	80-23	49
Leiria	33	19	9	5	58-18	47
Académica	33	19	5	9	54-31	43
Viseu	33	16	8	9	53-32	40
Águeda	33	14	8	11	40-35	36
Mirense	33	13	9	11	41-37	35
Covilhã	33	15	3	15	38-40	33
C. Branco	33	12	9	12	32-41	33

Lamas	33	15	2	16	45-47	33
Marialvas	33	11	9	13	29-33	31
Mangualde	33	14	2	17	45-53	30
Guarda	33	12	5	16	29-52	29
Caldas	33	12	4	17	30-52	28
Oliveir.	33	10	6	17	35-44	26
Lousanense	33	9	7	17	34-58	25
O. Bairro	33	3	10	20	23-64	16
Peniche	33	3	5	25	16-67	11

Última jornada: Benfica Castelo Branco-Oliveira do Bairro (2-2, na 1.ª volta); Oliveirense-U. Lamas (1-2); Peniche-Acad. Viseu (0-2); U. Leiria-Guarda (3-0); Lousanense-Académica (0-5); «Os Marialvas»-Mirense (0-1); Mangualde-Caldas (3-0); Sp. Espinho-Salgueiros (1-0) e Águeda-Sp. Covilhã (0-2).

«Ponto quente» na Tapadinha

Com o Farense já na 1.ª divisão e alimentando legítima

ambição de entrar na Europa, os encontros mais importantes da jornada são o Atlético-Oliveiras e Moscardide que determinará a despromoção de um deles (ou até mesmo ambos, o que sucederá se empatarem e o Portalegrense vencer o Alverca) e o confronto a realizar entre o Lusitano de Vila Real e o Torreense que decidirá qual deles subirá à divisão de honra, onde já se «encontram» o Louletano e o Barreirense e, a juntar aos dois já citados (Lusitano e Torreense) são fortes candidatos o «O Elvas» e o Estoril.

Sobre despromoções, apenas estão condenados o Samora Correia e o Sintrense e, do O. Moscardide, Atlético e Portalegrense sairão os dois parceiros, ainda que o Seixal não esteja livre de perigo. Vejamos a tabela e os jogos de amanhã:

	J	V	E	D	G	P
FARENSE	32	24	5	3	76-20	53
Louletano	33	18	10	5	51-22	46
Barreirense	33	20	5	8	53-24	45
Elvas	33	17	8	8	49-25	42
Torreense	33	17	8	8	54-24	42
Estoril	33	15	12	6	36-27	42
V. Real	33	13	14	6	41-24	40
Juventude	33	12	12	9	41-44	36
Alverca	33	12	10	11	39-41	34
Olhanense	33	12	9	12	36-36	33
Silves	33	9	13	11	34-32	31
Évora	33	8	11	14	39-52	27
Seixal	33	9	7	17	27-51	25
Moscardide	33	8	7	18	32-54	23
Atlético	33	8	7	18	38-46	23
Portalegr.	32	6	11	16	36-70	21
Sintrense	33	5	7	21	21-62	17
S. Correia	33	1	10	22	19-60	12

Última jornada: Lusitano V.R.-Torreense (0-0, na 1.ª volta); Alverca-Portalegrense (2-0); Seixal-Sintrense (1-2); Atlético-Oliveiras e Moscardide (0-1); Barreirense-Estoril (0-1); Samora Correia-Silves (0-3); Lus. Évora-Olhanense (2-0) e «O Elvas»-Louletano (0-0).

O encontro Farense-Juventude (2-0) realiza-se no dia 6.

Farense recebe subsídio

A Câmara Municipal de Faro atribuiu o subsídio de 20 mil contos ao Sporting Clube Farense, destinado a melhorar o sistema de iluminação do Estádio de S. Luís visando o que sobre o assunto se encontra legislado pela UEFA.

Na mesma sessão, a autarquia de Faro deliberou colocar à disposição dos adeptos, do clube, seis autocarros para se deslocarem no domingo a Lisboa e, no caso de a Taça ir para o Algarve, haverá tolerância de ponto nos serviços municipalizados e certamente por todo o lado.

Oeiras ajuda o judo

A Câmara Municipal de Oeiras decidiu conceder o apoio financeiro de 350 contos ao Sport Algés e Dafundo como contributo nas despesas a suportar pelo clube com a organização da 2.ª eliminatória da Taça dos Clubes Campeões de Judo. A prova decorrerá nas instalações do Sport Algés e Dafundo, no próximo dia 16 de Junho, enfrentando a equipa portuguesa o vencedor do encontro entre as turmas da Holanda e da Checoslováquia.

Refira-se que esta prova de judo é a de maior importância e relevo que se disputa na Europa, pelo que a participação dos Sport Algés e Dafundo na competição do Sport Algés e Dafundo na competição não só se afigura como prestigiante para o judo português muito em particular para a divulgação do desporto no concelho de Oeiras.

MUNDIAL

Vem aí o mundial de futebol (2)

Para cada país uma esperança



Concluímos hoje a apresentação das equipas finalistas do campeonato mundial de futebol, um lote onde (infelizmente) Portugal não está incluído pelos múltiplos erros derivados de uma anquilosada organização federativa e, sobretudo, de continuados lapsos assinados pelos responsáveis pela selecção nacional que, ao longo dos meses, foram sepultando todas as esperanças de, no próximo mês, estarmos presentes em Itália.

Divulgámos ontem os nomes e os números das turmas que constituem os três primeiros grupos mundialis. A seguir se fixam os números e nomes dos restantes artistas que vão exibir-se nos diferentes palcos:

Grupo D

Alemanha Federal

Guarda-redes: 1. Bodo Illgner, 12. Raimond Aumann e 22. Andreas Koepke.

Defesas: 5. Klaus Augenthaler, 14. Thomas Berthold, 3. Andreas Drehe, 6. Guido Buchwald, 4. Jurgen Kohler, 19. Hans Pflugler, 2. Stefan Reuter e 16. Paul Steiner.

Médios: 15. Uwe Bein, 8. Thomas Haessler, 21. Guenter Hermann, 7. Pierre Littbarski, 10. Lothar Matthaeus, 17. Andreas Moeller e 20. Olaf Thon.

Avançados: 18. Juergen Klinsmann, 11. Frank Mill, 13. Karlheinz Riedle e 9. Rudi Voeller.

Jugoslávia

Guarda-redes: 1. Tomislav Ivkovic, 12. Fahrudin Omerovic e 22. Dragoje Lekovic.

Defesas: 4. Zoran Vulic,

18. Mirsad Baljic, 5. Faruk Hadzibegic, 6. Davod Jozic, 3. Fredrag Spasic, 2. Vujadin Stanojkovic e 17. Robert Jarni.

Médios: 7. Drgoljub, 21. Andrej Panadic, 16. Refik Sabanadzovic, 13. Srecko Katanec, 8. Safet Susic, 19. Rejan Savicevic, 10. Dragan Stojkovic, 15. Robert Prosinecki.

Avançados: 11. Zlatko Vujovic, 9. Darko Pancev, 20. Davor Suker, 14. Akan Borisik.

Colômbia

Guarda-redes: 1. René Higuita e 12. Eduardo Nino.

Defesas: 4. Luis Fernando Herrera, 15. Luis Carlos Perea, 21. Alexis Mendoza, 3. Gildardo Gomez, 5. Leon Fernando Villa, 2. Andres Escobar, 13. Carlos Mario Hoyos e 17. Geovanis Cassiani.

Médios: 6. Ricardo Perez, 14. Leonel Alvarez, 20. Alfonso Fajardo, 11. Bernardo Redin, 18. Wilmer Cabrera, 19. Fredy Rincon, 8. Gabriel Jaime Gomez, 10. Carlos Valderrama.

Avançados: 16. Arnold Iguaran, 22. Ruben Dario Hernandez, 7. Carlos Enrique Estrada e 9. Miguel Guerrero.

Emirados Árabes

Guarda-redes: 17. Faraj Mushin Hjusabah, 22. Mohamed Abdulqader Hassan e 1. Abdullah Abdullah Moosa.

Defesas: 4. Mubarak Mubarak Ghanim, 2. Mubarak Hallel Ghanim, 5. Sultan Abdullah Ali, 6. Abdullah Abdulrahman Mohamed, 3. Juamaa Ali Thani, 21. Al Maddad Abdulrahman Mohamed e 16. Mubarak Mohamed Salim.

Médios: 15. Abdulrahman Ibrahim Meer, 18. Abdullah Fahad Addulrahman, 11. Bilal Zuhair Bakheet, 12. Abbas Hussain Chuloum, 14. Mubarak Nasser Khamees e 19. Abdulrahman Eissa Meer.

Avançados: 7. Mubarak Fahad Khamees, 10. Al Talyani Adnan Kamees, 9. Abdulaziz Mohamed, 8. Mubarak Khalid Ismail, 13. Hussain Hassan Mohamed e 20. Mohamed Yousuf Hussain.

Grupo E

Bélgica

Guarda-redes: 15. Michel Preud'Homme, 9. Filip De Wilde e 2. Gilbert Bodart.

Defesas: 12. Eric Gerets, 13. Georges Grun, 10. Michel De Wolf, 5. Lej Clysters, 8. Jean De Sart, 1. Philippe Albert, 7. Stephane Demol e 14. Pascal Plovie.

Médios: 18. Franky Van Der Elst, 20. Bruno Versavel, 11. Marc Emmers, 22. Patrick Vervoort, 16. Enzo Scifo e 17. Lorenzo Staelens.

Avançados: 3. Jan Ceulemans, 6. Marc Degryse, 19. Marc Vanderlinden, 4. Nico Claesen e 22. Marc Wilmots.

Uruguai

Guarda-redes: 22. Javier Zeoli, 1. Fernando Alvez e 12. Eduardo Pereira.

Defesas: 4. José Herrera, 3. Hugo De Leon, 2. Nelson Gutierrez, 6. Alfonso Dominguez, 14. José Pintos Saldana, 13. Daniel Revelez e 17. Sergio Martinez.

Médios: 16. Pablo Bengoechea, 8. Santiago Ostolaza, 9. Enzo Francescoli, 10. Ruben Paz, 15. Carlos Correa, 5. José Perdomo e 20. Ruben Pereira.

Avançados: 7. Antonio Zamendi, 11. Ruben Sosa, 19. Daniel Fonseca, 18. Carlos Aguilera e 21. William Castro.

Espanha

Guarda-redes: 1. Andoni Zubizarreta, 22. José Ochotorena e 13. Juan Ablanedo.

Defesas: 2. Miguel Chendo, 5. Manuel Sanchis, 17. Fernando Hierro, 3. Manuel Jimenez, 14. Alberto Gorri, 8. Quique Flores e 4. Genar Andrinua.

Médios: 12. Rafael Martinez, 10. Fernando Gomez, 11. Javier Villaroya, 21. José Miguel (Michel), 6. Martin Vazquez, 15. Roberto Fernandez e 18. Rafael Marin.

Avançados: 20. Manuel Manolo, 9. Wmslio Butragueño, 16. José Bakero, 19. Júlio Salinas e 7. Miguel Pardeza.

Coreia do Sul

19. Jeong Gi-Dong, 1. Kim Poong-Joo e 12. Lee Heung-Sil.

Defesas: 3. Choi Kang-Hee, 13. Chung Yong-Soo, 5. Chung Yong-hwan, 17. Gu Sang-Bum, 10. Lee Sang-Yoon, 2. Park Kyung-Hoon e 4. Yoon Deuk-Yeo.

Médios: 9. Hwangbo-Kwan, 16. Kim Joo-Sung, 22. Lee Young-Jim, 6. Lee Tae-Ho, 8. Chung Hae-Won e 15.



Kunda (Camarões): este camisa seis é o melhor defesa de África

Cho Min-Kook.

Avançados: 11. Byun Byung-Joo, 14. Choi Soon-Ho, 18. Hwang Seon-Hong, 7. Noh Soo-Jin, 20. Hong Myung-Bo e 21. Choi In-Young.

Grupo F

Inglaterra

Guarda-redes: 1. Peter Shilton, 13. Chris Woods e 22. David Seaman.

Defesas: 12. Paul Parker, 2. Gary Stevens, 5. Des Walker, 6. Stuart Pearce, 15. Tony Dorigo e 14. Mark Wright.

Médios: 19. Paul Gascoigne, 18. Steve Hodge, 16. Steve McMahon, 20. Trevor Steven, 4. Neil Webb e 7. Bryan Robson.

Avançados: 11. John Barnes, 8. Chris Waddle, 9. Peter Beardsley, 21. Steve Bull, 10. Gary Lineker e 17. David Platt.

Holanda

Guarda-redes: 1. Hans Van Breukelen, 16. Jop Hiele e 22. Stanley Menzo.

Defesas: 4. Ronald Koeman, 3. Frank Rijkaard, 13. Grame Rutjes, 2. Berry Van Aerle, 5. Adri Van Tiggelen, 6. Jan Wouters e 21. Danny Blind.

Médios: 7. Erwin Koeman,

8. Gerald Vanenburg, 20. Aaron Winter, 17. Hans Gillhaas e 18. Henk Fraesser.

Avançados: 10. Rudo Gullit, 12. Wim Kieft, 15. Brian Roy, 9. Marco Van Basten, 19. John Van Loen, 14. John Van Schip e 11. Richard Witschge.

Irlanda

Guarda-redes: 1. Pat Bonner e 22. Gerry Peyton.

Defesas: 2. Chris Morris, 3. Steve Staunton, 4. Chris Hughton, 5. Kevin Moran, 12. David O'Leary e 21. McLoughlin.

Médios: 7. Paul McGrath, 6. Ronnie Whelan, 8. Ray Houghton, 13. Andy Townsend, 16. John Sheridan, 20. John Byrne e 11. Kevin Sheedy.

Avançados: 10. Tony Cascarino, 9. John Aldridge, 17. Niall Quinn, 19. David Kelly, 15. Bernie Slaven e 18. Frank Stapleton.

Egipto

Guarda-redes: 1. Ahmad Abdel A. Shobeir, 21. Ayman Taher Kandil e 22. Sabet Al Batal.

Defesas: 2. Ibrahim Hassan Husseoin, 6. Ashraf Kasen A. Rfgman, 13. Ahmed Ramzy, 4. Any Ramzz Guda, 3. Rabie

Yassein, 5. Hesham Yakan e 18. Osama Orabi.

Médios: 8. Magdy Abed El Ghani, 14. Alaa Mohamed Mayhoub, 7. Ismael Youssef Awadallah, 10. Gamal Abed El hamid, 15. Saber Eid e 19. Abdel Abdel Abd El Rahaman.

Avançados: 16. Madi Tolba, 11. Tarek Soliman, 12. Abu Zeid Taher, 9. Hossan Hussein, 17. Ayman Shawki e 20. Ahamed Abdou.

Camarões

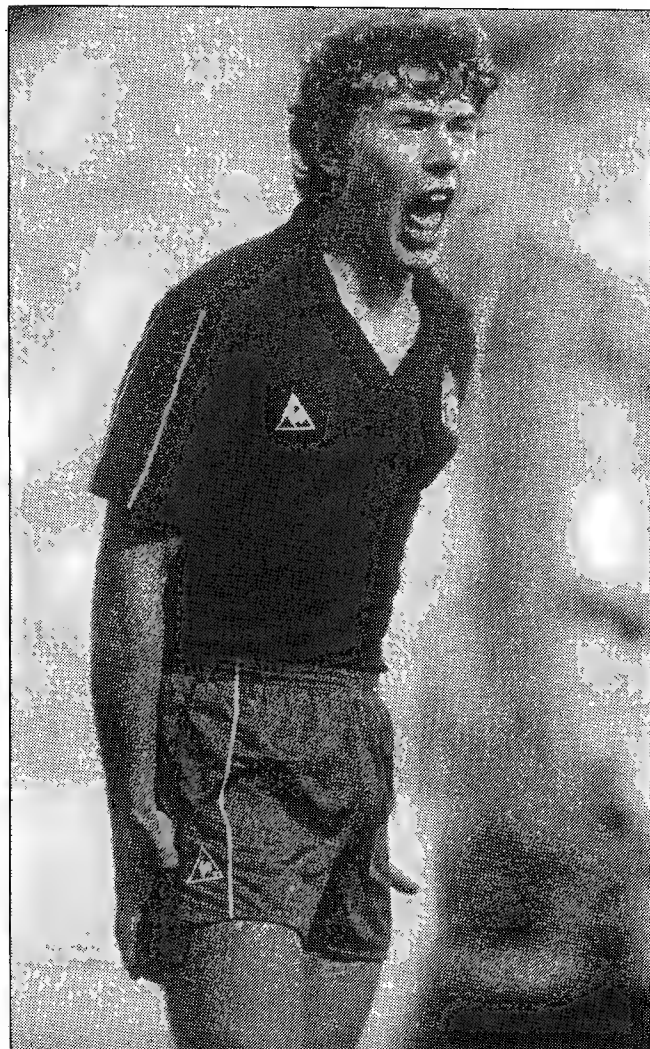
Já é possível, igualmente, fornecer a lista de nomes da equipa dos Camarões (Grupo B), que só tardiamente foi fornecida à FIFA:

Guarda-redes: Joseph-Antoine Bell; Thomas Nkono e Jacques Songo's.

Defesas: Jules Onana; Stephen Tataw; Bertin Ebwelle; Emmanuel Kunde; Benjamim Massing, Victor NdipAkem e Alphonse Yombi.

Médios: Thomas Libith; Emile Mbouh; Jean-CLaude Pagal; André Kana Biyik; Louis-Paul MFede; Roger Feutmba e Cyrille Makanaky.

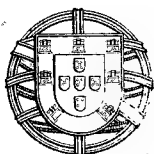
Avançados: Eugène Ekeke; Oman Biyick; Emmanuel Mabong, Bonaventure Gsnkep e Roger Milla.



Butragueño: «estrela» do Real Madrid e figura-base da selecção espanhola

AGENDA

I Série N.º 126
Dia 1 de Junho
DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:

Torna pública a entrada em vigor, a 28 de Dezembro de 1989, da emenda à alínea A. a do artigo VI dos Estatutos da Agência Internacional de Energia Atómica. Torna público ter a Itália declarado reconhecer, a 10 de Novembro de 1989, a competência do Comité contra a Tortura, nos termos dos artigos 21.º e 22.º da Convenção contra a Tortura e Outras Penas ou Tratamentos Cruéis, Desumanos ou Degradantes.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 410/90:

Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Torre» e «Herdade do Retaxo», situadas na freguesia de Urra, concelho de Portalegre.

Portaria n.º 411/90:

Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Monte Branco» e outras, situadas na freguesia e concelho de Vendas Novas.

Portaria n.º 412/90:

Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Monte Novo» e «Herdade da Zangarilha», situadas na freguesia e concelho de Portel.

Ministério da Saúde

Portaria n.º 413/90:

Aprova as tabelas de preços a praticar pelos centros regionais do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil.

Tribunal Constitucional

Acórdão n.º 136/90:

Declara inconstitucionais, com força obrigatória geral, a norma da alínea c) do n.º 4 do artigo 24.º do Decreto-Lei n.º 267/80, de 8 de Agosto, e, por violação dos artigos 50.º, n.º 3, e 18.º, n.º 2, da Constituição, a norma do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 318-D/76, de 30 de Abril, na parte em que, além da residência habitual que é exigida no território da Região, exige ainda que esta dure há mais de um ano.

Nota - Foi publicado um suplemento ao Diário da República, n.º 98, de 28 de Abril de 1990, inserindo o seguinte:

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 139-A/90:

Aprova o Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário.

PESSOAS & FACTOS

Aniversário da agência LPM-Comunicação

A agência LPM-Comunicação completa hoje o quarto aniversário. Dando continuidade ao simpático hábito de fazer as redacções dos jornais participarem, mesmo à distância, na festa de anos da sua empresa, Luís Paixão Martins enviou-nos o bolo aqui imortalizado em memória, pouco antes do seu fim material, e uma garrafa de espumante, que foi judiciosamente repartida no brinde que fizemos pelo futuro da LPM.



HOJE CONTINENTE

Regiões do Norte
Céu geralmente pouco nublado. Vento predominando de Noroeste e neblinas durante a manhã no Minho e Douro Litoral.

Regiões do Norte e Centro
Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado. Vento fraco e possibilidade de ocorrência de trovoadas.

Mar encrespado a de pequena com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Oriental e ondulação Sueste de 2 metros na Costa Sul.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado e vento fraco soprando moderado de Norte no litoral Oeste.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado e vento fraco. Possibilidade de aguaceiros, em especial nas regiões do Centro e Sul. Neblinas e nevoeiros matinais.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado e vento moderado de Nordeste, soprando por vezes com rajadas. Aguaceiros.

Mar cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Períodos de céu muito nublado e vento fraco. Possibilidade de aguaceiros.

Amanhã
Céu geralmente muito nublado e vento fraco a moderado de Nordeste, por vezes com rajadas, sendo fraco na cidade do Funchal. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado e vento fraco a moderado de Norte. Aguaceiros diminuindo de frequência.

AÇORES

Grupo Ocidental
Céu geralmente muito nublado e vento fraco a moderado de Sueste.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Grupo Central
Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Mar encrespado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Grupo Ocidental
Períodos de Céu muito nublado e vento fraco a moderado de Nordeste.

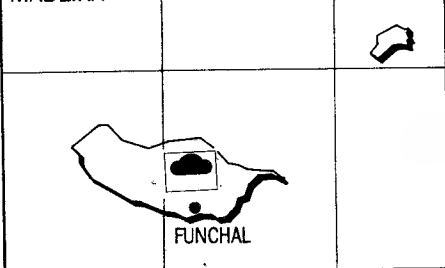
Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Amanhã
Céu geralmente muito nublado e vento fraco a moderado de Sueste. Períodos de chuva fraca.

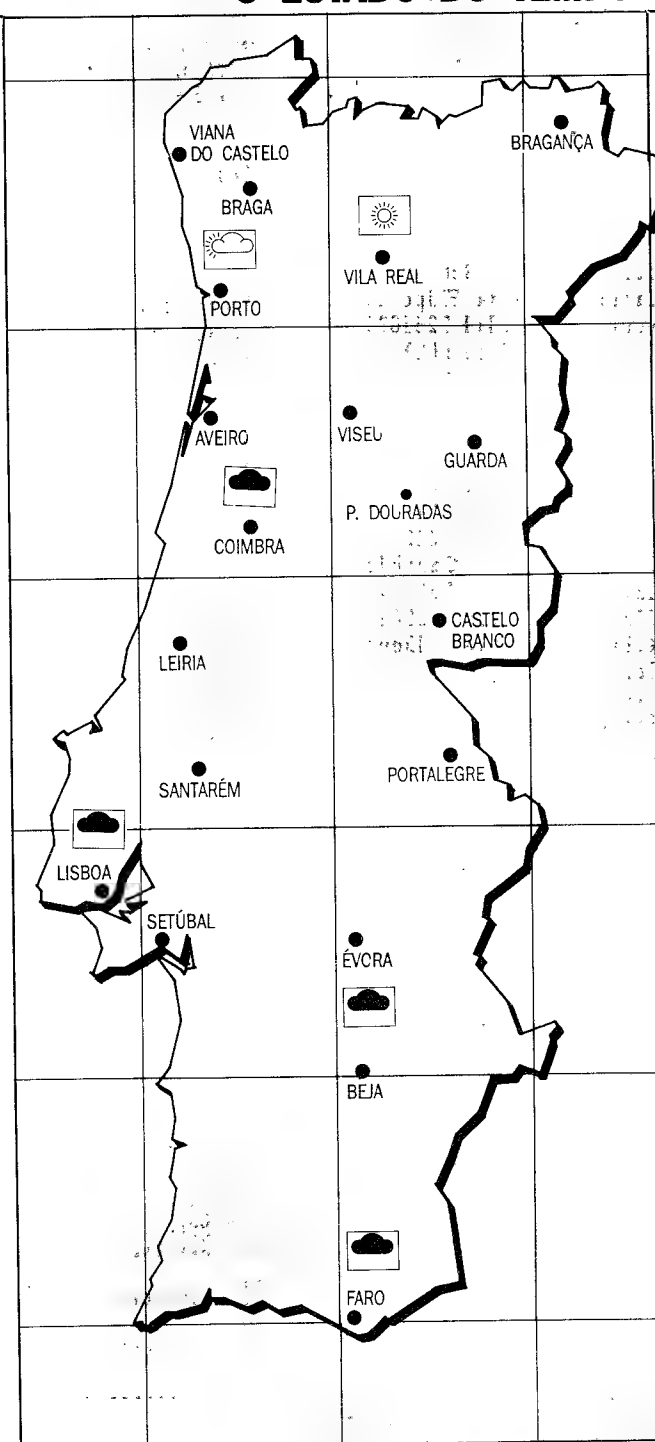
Grupos Central e Oriental
Céu geralmente muito nublado e vento fraco a moderado do quadrante Norte.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança.....	15	15	M. nub.
V. Castelo.....	14	14	Neblina
Vila Real.....	14	15	Encoberto
Porto.....	13	14	Neblina
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	15	15	Neblina
C. Carvoeiro.....	16	16	Encoberto
C. Branco.....	17	18	M. nub.
Portalegre.....	19	20	P. nub.
Lisboa.....	17	18	M. nub.
Évora.....	16	17	M. nub.
Beja.....	17	17	M. nub.
Faro.....	18	20	Aguaceiros
Sagres.....	-	-	-
P. Delgada.....	14	15	M. nub.
Horta.....	13	14	P. nub.
Funchal.....	17	18	M. nub.
Sines.....	16	17	M. nub.

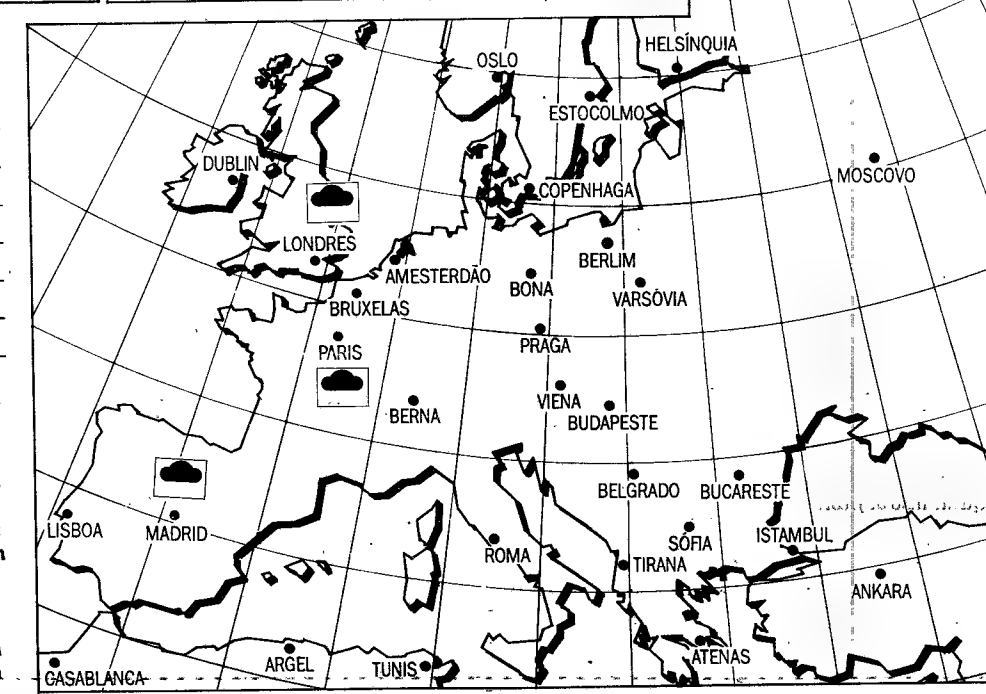
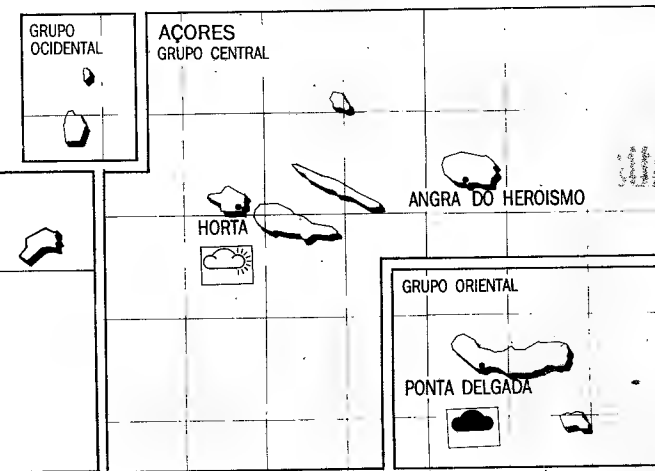
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 30; Porto, 25; Faro, 26; P. Delgada, 26; Funchal, 25.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Madrid.....	14	14	M. nub.
Londres.....	12	15	M. nub.
Paris.....	11	14	M. nub.
Bruxelas.....	14	16	P. nub.
Amesterdão.....	8	15	Neblina
Genebra.....	9	13	Neblina
Roma.....	11	15	P. nub.
Oslo.....	12	12	Neblina
Copenhaga.....	12	14	M. nub.
Estocolmo.....	3	8	P. nub.
Berlim.....	14	15	P. nub.
Viena.....	8	12	P. nub.
Varsóvia.....	-	-	-
Atenas.....	16	17	M. nub.
Moscovo.....	-	-	-

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Chicago.....	14	27	Limpo
Houston.....	25	33	Trovoadas
Los Angeles.....	14	21	Limpo
Montreal.....	12	24	Encoberto
Nova Iorque.....	15	28	Limpo
S. Francisco.....	11	20	Limpo
Toronto.....	13	27	Encoberto
Vancouver.....	7	16	Nublado
Washington.....	16	30	Limpo
Hong Kong.....	22	26	Aguaceiros
Melbourne.....	10	21	V. forte
Pequim.....	16	29	Encoberto
Perth.....	9	14	Aguaceiros
Singapura.....	26	33	Aguaceiros
Sydney.....	8	18	V. forte
Tóquio.....	17	25	Chuva
Wellington.....	7	15	Nublado



- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoadas
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.46	2.9m
23.10	3.1m
04.27	1.3m
16.40	1.4m

Amanhã

11.49	3.0m	05.27	1.3m
00.13	3.1m	17.43	1.4m

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Ajuda: Moura, Travessa da Memória, 55, Tel. 3630944; Alcântara: Vieira Rosa, Rua Prior Crato, 72, Tel. 660187; Areeiro: Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B, Tel. 884941; Benfica - Estação - Uruguai: Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B, Tel. 704828; Camões: Sanitas, Praça Luís Camões, 22-24, Tel. 322798; Campo Grande: Nova Iorque, Av. Estados Unidos Americana, 140-B, Tel. 732069; Campolide: Oliveira, Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; Encarnação: Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; Estefânia: Estefânia, Rua Pascoal Melo, 90, Tel. 544438; Gomes Freire: Salutar, Rua Conde Redondo, 9-B, Tel. 683694; Graça: Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; Lumiar: Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; Picheleira: Marlu, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; São Sebastião: Novais, Av. Luís Bivar, 11-13, Tel. 544324; Alfragide - Amadora: Remédios, Rua Ivens, 20, Tel. 970544; Carnaxide: H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; Moscavide: Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; Odivelas - Patameiras: Amaral, Rua Antero Quental, 8, 8-A, Tel. 9325455; Pontinha: Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Alto São João: Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, Tel. 8143439; Alvalade: Alentejo, Av. da Igreja, 28-B, Tel. 892682; Anjos - Chile: Antolin, Av. Almirante Reis, 88, B-C, Tel. 821773; Av. República: Cardote, Av. Visconde Valmor, 28, A-B-C, Tel. 772291; Baixa - Coliseu: Frazão, Rua Portas Santo Antão, 70-72, Tel. 8147019; Beneficência - Sete Rios: Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 7261035; Cemitério Ingleses: Urbano Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-5, Tel. 662838; Chelas - Liceu D. Dinis: Lopes Cortez, Rua Rui Sousa, Lote 65-A - Loja B, Tel. 8596565; Lapa - Santos: Eduardo A. César, Rua das Trinas, 102-A, Tel. 662631; Santo Amaro - Calvário: Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B, Tel. 3637020; Xabregas - Madre Deus: Conceição, Calçada D. Gas-tão, 30-32, Tel. 381279; Brandão - Amadora: Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; Buraca - Amadora: Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; Olival - B-C, Rua Aço, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av.



**MÉDICO
DE
URGÊNCIA**

795 06 80/9

Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; Linda-a-Velha: Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; Tires: Guimarães, L. Duarte, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcabideche: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavilos: Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; Paredes: Aisir, Av. Gago Coutinho - B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; Sassoeiros: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Amoreiras: Abrantes, Viv.ª Amoreiras, Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Estoril: Marques Santos, R. Ferroira J. A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; Cascais: Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Igreja, P. Igreja,

22-A, Tel. 4937740. Permanente; Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Até às 22 h; Damaia: Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; Queluz: André, Av. Elias Garcia, 151, Tel. 4350043. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; Cacém: Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente; Algueirão: Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rio de Mouro: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; Colares: Abreja, Tel. 9290088; S. Pedro de Sintra: Valentim, Tel. 9230456. Permanente; Loures: Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Pragal, R. Dt.ª Pragal, 58, Tel. 2767126. Permanente; Cova da Piedade: Rainha Santa, R. Soc. Fua Piedense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; Monte de Caparica: Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; Costa de Caparica: Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; Feijó: Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; Lavradio: J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; Sesimbra: Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; Barreiro: Pimenta, R. Cons.ª Joaq. Ant.º Aguiar, 259, Tel. 2073012. Permanente; Baixa da Banheira: Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532.

HÁ 20 ANOS



Lisboa pergunta e o computador responde de Paris

Através de um teletipo ligado directamente a um computador instalado em Paris, um especialista em informática ao proceder a demonstrações em Lisboa, faz as perguntas e recebe as respostas... Isto sucedeu hoje e repetir-se-á amanhã. Em Lisboa, interroga-se um computador em Paris e segundos depois surge a resposta. Esta aventura maravilhosa, que se vai tornando cada vez mais vulgar, está a processar-se no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, por iniciativa do Secretariado da Reforma Administrativa.

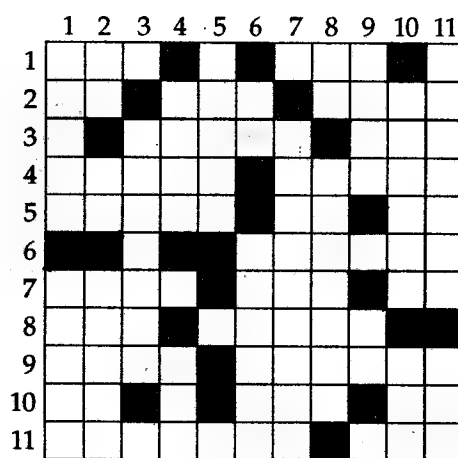
Tropas tailandesas para o Camboja

O Governo tailandês decidiu enviar unidades de voluntários para o Camboja, a fim de auxiliar as tropas khmers a defender o seu território contra as forças comunistas - anunciou hoje o marechal Thanom Kittikachorn, primeiro-ministro tailandês.

Atrasos da linha de Sintra

Uma avaria na carruagem motora obrigou o comboio das 6 e 48 (Cacém-Lisboa) a deter-se na via entre a Damaia e Santa Cruz. A composição, que deveria chegar às 7 e 19 à estação do Rossio, sofreu um atraso de 41 minutos, dando origem à supressão de quatro composições ascendentes (Lisboa-Sintra) e quatro descendentes (Sintra-Lisboa).

PALAVRAS CRUZADAS



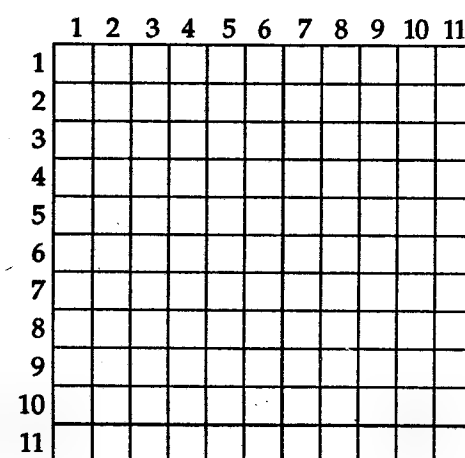
PROBLEMA N.º 17931

HORIZONTAIS:

- 1 - Mercado público no Oriente. Pronome relativo.
- 2 - Alternativa.
- 3 - Búfalo de Angola. Equipo.
- 4 - Mulher que rouba. Lista.
- 5 - Dançarina espanhola que executou na ópera de Paris numerosas criações coreográficas. Nome de flor.
- 6 - Elevadas. Letra grega.
- 7 - Pertences.
- 8 - Alavanca anexa a certos instrumentos e máquinas que se movem com o pé.
- 9 - Oportunidade.
- 10 - Nome de mulher. Solitário.
- 11 - Reze. Arremessa.
- 12 - Move os remos. Carregar.
- 13 - Movimento de Jacob. Cabelos brancos. Li.
- 14 - Creptar. Recusa.

VERTICAIS:

- 1 - Multa, pena que se impõe especialmente ao dono de gados, que danificam propriedades alheias. Ferra.
- 2 - Ouro (s.q.). Alumínio (s.q.). Medida de uma superfície (pl.).
- 3 - Combaterem.
- 4 - Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.
- 5 - Fruto da ateira.
- 6 - Cidade de Espanha.
- 7 - Pátria de Abraão. Antiga moeda brasileira de prata.
- 8 - Creer.
- 9 - O mesmo que uma (ant. e pop.). Fizeras antes de rodar.
- 10 - Movedições. Antiga capital da Birmânia.
- 11 - Pessoa agigantada. Curso de água natural e abundante.



PROBLEMA N.º 16741

HORIZONTAIS:

- 1 - Cidade de Inglaterra. Aquil.
- 2 - Pronome pessoal. Bradaram.
- 3 - Nome de flores. Gavinha.
- 4 - Fúcula de mandioca usualmente preparada em forma granulada, muito alimentícia.
- 5 - Exclusivo. Vila e concelho do distrito de Viseu.
- 6 - Dádiva. Em a. Em mais alto grau.
- 7 - Nome de mulher. Tempo do verbo dizer.
- 8 - Pronome reflexo. Isto é.
- 9 - Nome de letra.
- 10 - Torturar.
- 11 - Prevenis.
- 12 - Recusa.
- 13 - Ingua dos Moabit.

VERTICAIS:

- 1 - Ilhas do oceano Atlântico a N. E. das Antilhas, pertencente à Inglaterra. Prefixo de privação.
- 2 - Clavícula. Elegia.
- 3 - Conjunção. Imita do pai.
- 4 - Designação genérica das plantas herbáceas. Ninhos.
- 5 - Retorquiram.
- 6 - Antes de Cristo. Autores. Voz do gato.
- 7 - Juramentos. Pondera.
- 8 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Cidade dos Estados Unidos.
- 9 - Continuai.
- 10 - Cidade de Espanha.
- 11 - Óxido de cálcio. Oásis.
- 12 - Carinhosa. Artéria.

SOLUÇÃO

DO PROBLEMA N.º 17 930

HORIZONTAIS: 1 - Or. ANTES. Me. 2 - Secal. Geral. 3 - Nu. Aqui. 4 - Ma. Aluata. 5 - Olmo. Arca. 6 - Arm. Usais. 7 - Toso. Ma. Boa. 8 - Ois. Cante. 9 - Ramal. To. 10 - Comem. Coro. 11 - Selaras. Mu.

VERTICAIS: 1 - Os. MORTO. 2 - Renal. Oiros. 3 - Cu. Mas-same. 4 - Aa. Aoro. Mel. 5 - Nial. Cama. 6 - QUE. MAL. 7 - Égua. Nau. Ca. 8 - Seitas. Tios. 9 - Árabe. 10 - Mas. Cio. Tom. 11 - El. CASADO.

SOLUÇÃO

DO PROBLEMA N.º 16 740

HORIZONTAIS: 1 - Jackson. Par. 2 - Ámio. Uivos. 3 - Bom. Crás. Sa. 4 - Eros. El. Tui. 5 - Sa. Ion. Coma. 6 - Samatra. 7 - Lusa. Bara. 8 - Amali. Canal. 9 - Pigas. Alisa. 10 - Ar. AL. 11 - Assassinar.

VERTICAIS: 1 - Jabés. Jafna. 2 - Amoras. Mi. 3 - Cimo. Alaga. 4 - Ko. Simulara. 5 - Oásis. 6 - Oureta. As. 7 - Nial. Cali. 8 - VB. Cabal. 9 - Pó. To. Anima. 10 - Assumiras. 11 - Aia. Alaga.

PROVÉRBO:
ANTES MORTO
QUE MAL
CASADO

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.

EFEMÉRIDES

1890

- O escritor português Camilo Castelo Branco suicida-se na sua casa de São Miguel de Seide.

1942

- Morre, em Lisboa, o pianista e compositor português José Viana da Mota.

1967

- É editado o disco «Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band», dos Beatles, considerado o melhor álbum de sempre da música popular anglo-saxónica.

1983

- Uma equipa médica do Hospital de S. José, em Lisboa, leva a cabo, com sucesso, a reimplantação completa de uma mão, operação que demorou cerca de 12 horas e que foi a primeira do género efectuada nos Hospitais Cívicos de Lisboa.

1985

- Morre o actor inglês Richard Greene, famoso no desempenho de «Robin Hood», uma série de televisão com 143 episódios.

1987

- Realiza-se, pela primeira vez em Portugal, no Instituto de Oncologia, um transplante terapêutico da medula.

1988

- O dirigente soviético Mikhail Gorbachev e o Presidente dos EUA, Ronald Reagan, trocam, no Kremlin, os instrumentos de ratificação do Tratado INF para eliminação dos mísseis de alcance intermédio.

1989

- A Assembleia da República aprova, por maioria qualificada, o decreto que vai alterar, pela segunda vez, a Constituição da República Portuguesa.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
STAR TREK V: A ÚLTIMA FRONTEIRA
 Filme de William Shatner
 M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

UM ROSTO SEM PASSADO
 Filme de Walter Hill
 M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

TELHADOS DE NOVA YORK
 Filme de Robert Wise
 M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
 Filme de Kenneth Branagh
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

O MEU TIO SOLTEIRO
 Filme de John Hughes
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
PARA IRIS COM AMOR
 Filme de Martin Ritt
 M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
STAR TREK V: A ÚLTIMA FRONTEIRA
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

PARA IRIS COM AMOR
 M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
 M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

O MEU TIO SOLTEIRO
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

TELHADOS DE NOVA YORK
 M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
 17.45, 19.45 e 21.30

AMOREIRAS 7

CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
 Filme de Clint Eastwood
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

LIGAÇÕES SUJAS
 Filme de Mike Figgis
 M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

UM AMOR INEVITÁVEL
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 10

UM ROSTO SEM PASSADO
 Filme de Walter Hill
 M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
 Filme de Akira Kurosawa
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
E TUDO O VENTO LEVOU
 Filme de Victor Fleming
 M/12 anos - Às 15.00, e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
BONECAS SEXUAIS
 Hard-core - 1.º escalão (porno)
 M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194



O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
 Brevemente, estreia em Lisboa

O SUPER POLÍCIA
 Filme de Sergio Corbucci
 M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUASE UMA FAMÍLIA
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00 e 21.30
BATMAN
 M/12 anos - Às 24.00

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
BLAZE - AMOR PROIBIDO
 M/12 anos - Às 16.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

NASCIDO A 4 DE JULHO
 M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407

FÉRIAS ESCALDANTES NA GRÉCIA
 Hard-core - 1.º escalão (porno)
 M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
MALVADEZ
 Filme de Luis Alvarães, às 18.30
LES AFFAIRES PUBLIQUES
 Filme de Robert Bresson, às 21.30,
 seguida de **LE TOURNOT**
 De Jean Renoir

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
 M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
 19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
UM ROSTO SEM PASSADO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
 M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
QUASE UMA FAMÍLIA
 M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfca 503 - T. 7145088
UM ROSTO SEM PASSADO
 M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

MISS DAISY
 M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
 M/16 anos - Às 14.45, 16.30,
 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
 Filme de Bruno Nuytten

M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2

TEMPO DOS CIGANOS
 M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.15 e 21.45

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
À BEIRA DA LOUCURA
 Filme de Gerard Kikoine
 M/18 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
 M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

DEZ CONVITES PARA A MORTE
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

QUASE UMA FAMÍLIA
 M/16 anos - Às 14.30, 17.00,
 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
QUASE UMA FAMÍLIA
 M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

UM ROSTO SEM PASSADO
 M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
TELHADOS DE NOVA YORK
 M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

O RAPAZ DA CALABRIA
 Filme de Luigi Comencini

M/6 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

LIGAÇÕES SUJAS
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
PARA ALÉM DO KILIMANJARO
ATRAVÉS DE UM RIO DE SANGUE
 M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
 19.00 e 21.30
GOLPE DO DRAGÃO
 Sábado às 24.00

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
KEISHA - MAIS DOCE QUE MEL
 Filme porno
 M/18 anos
 Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAISO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

UM ROSTO SEM PASSADO
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º António - T. 326305
À BEIRA DA LOUCURA
 M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
 M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
 M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

CRIMES E ESCAPADELAS
 M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
 M/18 anos - Às 14.15, 16.30,
 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
TEMPO DOS CIGANOS
 Filme de Emir Kusturica
 M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

STAR TREK - A ÚLTIMA FRONTEIRA
 M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
 19.15 e 21.15

SÃO JORGE 3

PARA IRIS COM AMOR
 M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
 19.00 e 21.30

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
UM ROSTO SEM PASSADO
 M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
 19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
 M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
 19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
 M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfca, 723-A - T. 706666
CHUVA NEGRA
 M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
UMA CASA ALUCINANTE
 Filme de Stephen Milncc
 M/18 anos - Às 14.15, 16.30,
 19.00 e 21.30

Informação

COMERCIAL

AVISO

LEILÃO

A C. P. informa:

Em 4 de Junho e dias seguintes, às 10 horas, na estação de SETÚBAL, proceder-se-á à venda em hasta pública de remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de todos os volumes abandonados e que não tenham sido reclamados pelos donos, entre os quais:

«Roupas, malas, capacetes, guarda-chuvas, sombrinhas, mochilas, ferragens, varões de ferro e aço, caixas metálicas, ferramentas, peças de auto, carrinho de bebé, atados de ferros de cama, caixas com calçado, atados de colchões, azulejos, atados de tapeçaria, caixas com velas, atados de mantas, bicicletas, brinquedos, confecções, livros, bebidas, etc.» no estado de novo e usado.

À C. P. reserva-se o direito de não aceitar a arrematação se o valor oferecido a não justificar.

Setúbal, 2 de Maio de 1990

Caminhos de Ferro Portugueses

CONFECÇÕES STAHL

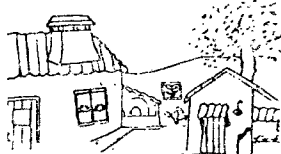
CONFECÇÕES
 EM CABEDAL
 E ANTÍLOPE

CONFECCIONAMOS
 E
 ARRANJAMOS

AV. MARQUÊS DE TOMAR,
 68-1.º ESQ.º
 TELEFONE 77 11 58

Casinha independente
 a 150m da Barragem.
 Todas as actividades
 náuticas

AGRO — TURISMO
 Barragem de Magos
 (60km Lx.)



Reservas: tel. 01-979022
 063-58516

NOVIDADES LEGATTEAUX

CABELEIRAS PARA
 SENHORA E HOMEM

E POSTIÇOS
 EM CABELO E FIBRA



ASSISTÊNCIA TÉCNICA
 Rua Pedro Nunes, 2, r/c — Lisboa 1000
 Telefone 53 92 69

VISITE-NOS

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 17.30 - JUNTOS E AO VIVO
Programa especial dedicado ao «Dia Mundial da Criança».
- 18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19º Episódio
- 19.00 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
125º Episódio
- 21.15 - MILLER & MUELLER
1º Episódio
- 22.15 - O ROSTO DA NOTÍCIA
- 23.20 - CHEFE, MAS POUCO
42º Episódio
- 23.50 - 24 HORAS
- 00.20 - UM DIA
- 00.25 - REMATE
- 00.40 - CARTAS DE HUMOR
- 00.45 - PELA NOITE DENTRO

«Francisca»: baseia-se no livro «Fanny Owen» de Agustina Bessa Luís, por sua vez inspirado numa história verdadeira do século XIX. A acção centra-se na reflexão que as suas duas personagens principais, José Augusto e Camilo Castelo Branco, fazem sobre a vida e as mulheres, o fatalismo e a desgraça. Um filme de Manoel de Oliveira, com Teresa Meneses, Diogo Dória, Mário Barroso, Rui Mendes, Sílvia Rato, Glória de Matos, António Caldeira Pires, Alexandre Brandão de Melo, Lia Gama, Teresa Madruga, Nuno Carinhas, João Guedes, Laura Soveral, Cecília Guimarães, José Manuel Wallenstein, Manuela de Freitas e Adelaide João.
Duração: 166 minutos.

RTP-2

- 16.30 - HERÓIS
5º Episódio
- 16.55 - GENTES DA AMAZÓNIA
Glaciares que provocam avalanches,



No 1º canal às 00.45, «Francisca»

velhas vendendo fetos da sorte e mulheres bolivianas que vendem, livremente, folhas de coca são algumas das cenas presenciadas por um grupo de canoístas que atravessaram os principais cursos de água da América do Sul, vivendo uma grande aventura.

Realização: Goronwyn Price.

- 17.40 - MAGAZINE MUSICAL
- 18.10 - TELEMERCADO
- 18.35 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
117º Episódio
- 19.20 - ESPAÇO INFANTIL
- 19.55 - AS CIDADES E AS TARRAS
- 20.20 - BUCHA E ESTICA
9º Episódio
- 20.40 - VIA RÁPIDA
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - DONA BEIJA

36º Episódio: Josefa vai ao palacete de Beija à procura de Avelino, mas este encontra-se com Augusta e Costa



O 36º episódio de «D. Beija», às 21.30 no 2º canal

Pinto na fonte da Jumenta. Nessa altura, João ameaça Avelino para que deixe Josefa em paz. Para domingo, dia em que António deverá ser morto por Ramos, Beija convida uns amigos para a ceia. Entretanto, Avelino e Josefa combinam que não devem ser vistos juntos, para que João não leve em frente as suas ameaças.

23.05 - ROTAÇÕES

00.10 - HAJA MÚSICA

ALBA

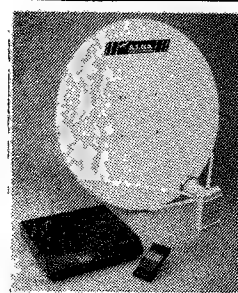
ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA

AUDIMAX

TEL. 410 62 75

ALGÉS



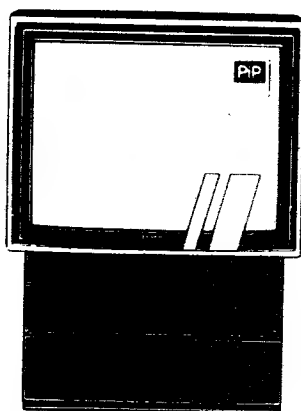
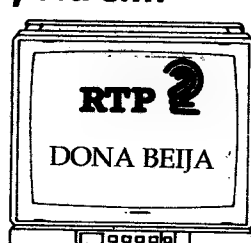
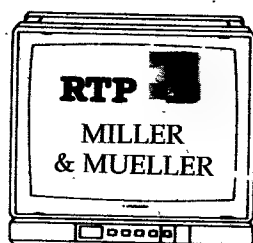
AMANHÃ

RTP-1

- 09.02 - TV RURAL
- 09.25 - MEU QUERIDO SÁBADO
- 12.35 - GRANDES TORMENTOS
- 13.00 - NOTÍCIAS
- 13.10 - SAGA DA CANÇÃO FRANCESA
- 14.00 - PARLAMENTO
- 14.35 - O BARCO DO AMOR
- 15.20 - JOGOS DA ENERGIA
- 16.30 - DESENHOS ANIMADOS
- 16.45 - SESSÃO DA TARDE
«A Carga da Brigada Azul»
- 18.40 - VIAGEM INFINITA
- 19.45 - TOTOLOTO
- 20.00 - JORNAL DE SÁBADO
- 21.15 - O TEMPO
- 21.20 - BOLETIM DAS PESCAS
- 21.25 - POIROT
- 22.25 - MISS UNIVERSO 1990
- 23.30 - CINEMA DA MEIA-NOITE
«Christine, o Carro Assassino»

RTP-2

- 09.02 - UNIVERSIDADE ABERTA
- 10.50 - CAMINHOS
- 11.20 - ZONA JAZZ
- 12.15 - TELEMERCADO
- 12.40 - TAUROMAQUIA
- 13.05 - CINE - SÁBADO
«O Homem que Matou Liberty Valence»
- 15.15 - ESTÁDIO
- 19.00 - PRIMEIRO JORNAL
- 19.10 - ARCA DE NOÉ
- 19.55 - CONTOS POPULARES EUROPEUS
- 21.25 - ESTÁDIO
- 23.40 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...● BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA
(Casa Fundada em 1945)

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — somniers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

Entregas em qualquer ponto do país.

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200² exposição)

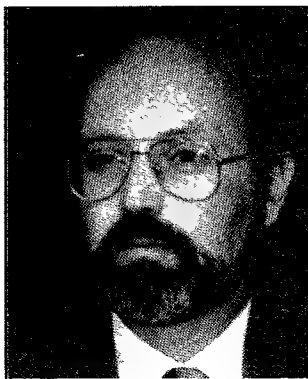


SEXTA-FEIRA, 1 JUNHO 1990

«Não é sério falar de congelamento de vencimentos dos políticos (...) mantendo intocáveis os aumentos já verificados»

Jorge Lamos, «Tempo», 31.05.90

A PERGUNTA DO DIA



Orlando de Almeida
presidente da Câmara
da Amadora

Qual poderá ser o papel dos municípios na definição de uma política de defesa nacional?

«O problema da defesa nacional diz respeito a todos os cidadãos e, se assim é, os municípios, como representantes das populações, têm que ter uma opinião. Trata-se de um conceito muito abrangente, que inclui aspectos tão diversos como o ambiente ou a protecção civil. Ora, nós enfrentamos diariamente esses problemas e, com a ajuda de alguns especialistas, esperamos chegar a conclusões importantes para podermos participar de forma globalizante na vida do nosso País. Os municípios presentes hoje na Covilhã, neste encontro nacional, têm ainda uma coisa em comum que é a sua declaração de princípio contra as armas nucleares e o seu empenhamento a paz.»

Segunda-feira no

Diário de Lisboa

O Tejo:
que margens
para Lisboa,
Oeiras
e Almada?

Tienanmen
foi há um ano

Festa da Taça
voltou ao Jamar

Alfredo
Margarido
escreve
no Forum

O DL SUGERE

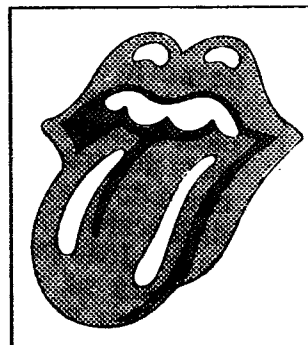
a António Costa

Vá ao PEDRO V BAR, o mais novo bar-restaurant do Bairro Alto. Uma vez que é apresentado como o grande favorito para a corrida à direcção da FAUL, talvez não seja má ideia começar a frequentar a zona. Além de estabelecer um contacto mais próximo com os seus futuros vizinhos - já que o bar está situado bem perto da sede da federação socialista de Lisboa - poderá ainda usufruir do tratamento «5 estrelas» que o famoso Juvenal concede sempre aos seus clientes.



a Pedro Pinto

Não perca o concerto dos ROLLING STONES, no estádio de Alvalade. A sua inesperada derrota nas eleições para a Distrital de Lisboa do PSD deixou-o, com certeza, um pouco abalado. Para se animar, nada melhor do que assistir à actuação dos velhos reis do rock'n roll, aguardada com tanta expectativa pelo público português há mais de 20 anos e que constitui, certamente, uma oportunidade única. Verá que se diverte!



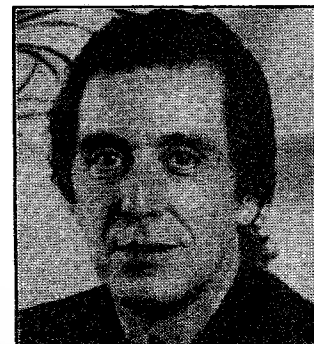
a José Eduardo Moniz

Desloque-se até ao Porto para assistir ao 16º ANIVERSÁRIO DO PSD. Diz o adágio popular que «não há bem que sempre dure...». Ora, o povo não se costuma enganar, parece que a sua cotação junto dos social-democratas não anda lá muito alta. Há até quem diga que estão a pensar substituí-lo na Direcção de Informação da RTP. Vá à festa de anos e leve um bom presente. Pode ser que o provérbio acabe por se revelar inadequado...



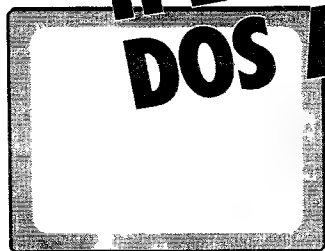
a Mário Raposo

Veja o filme E JUSTIÇA PARA TODOS, protagonizado por Al Pacino. A RTP vai exibi-lo na tarde da próxima terça-feira, dia em que vai tomar posse do cargo de Provedor da Justiça. Trata-se da história de um advogado e de um preso, inocente, que acaba por ser levado ao suicídio pelas injustiças do sistema de justiça americano. Um caso que lhe poderá dar que pensar...



Grande sondagem DL/Euroteste

HERÓIS DOS ANOS 90



Os desportistas batem recordes de popularidade e os políticos cedem lugar às vedetas da televisão

Diário de Lisboa

DE 4 A 12 DE JUNHO



Calças da sociedade civil

Os alfaiates portugueses declararam guerra aos blue-jeans, e o facto é compreensível. Ninguém encomenda essas calças que já foram objecto de teses universitárias anglo-saxónicas e de um volume histórico-sociológico, ao alfaiate. A sociedade civil portuguesa acompanha essa tendência: despe os jeans, veste-se cada vez «melhor» e os nós de gravata avolumam-se.

Ora, descobri que não há apenas um movimento de regresso conservador em matéria vestimentar, mas uma outra sociedade civil cultiva um regresso progressivo. Li numa reportagem de um jornal checo que o Presidente Havel, que viaja agora mais pela sua terra do que pela terra dos outros, visitou, entre outras instituições na região oriental da Eslováquia, algo inquieta, uma fábrica agora especializada em jeans e similares. Ele próprio, envergando essa vestimenta civil que durante o regime anterior tinha um significado preciso, deu parabéns por essa transformação da produção e, textualmente, «às muito bonitas raparigas», trabalhadoras, «que vestem os homens do futuro, da sociedade civil».

Em que ficamos? O que se pode entender pela expressão «sociedade civil»? «Na língua só existem diferenças», dizia Saussure, pai da linguística. Diferenças na língua, nos termos, em relação ao referente, no próprio referente: até as calças têm um tecido historicamente diferente.

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO

48 470

70 000 CONTOS

2.º PRÉMIO

11 433

12 000 CONTOS

3.º PRÉMIO

36 635

3 000 CONTOS

Sorte Grande

e terceiro prémio

Vendidos hoje

aos BALCÕES da

CASA DA SORTE

LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO



Lotaria dos Lusíadas

137 000 Contos

por 13 000\$00

CASA VIOLA — A sorte que «Toca»

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL

Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
1 DE JUNHO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

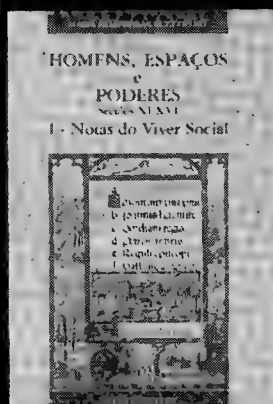
A MOSCA



OS BENEFÍCIOS DO TABACO



As épocas medievais continuam a apaixonar-nos. Desta vez e neste 1.º de 2 volumes, Maria Helena da Cruz Coelho percorre o centro e norte do país: Coimbra, Seia, Nóbrega, Guimarães, Caminha; para nos contar o trabalho das mulheres, a comida e a bebida, as revoltas, os combates à pobreza, os testamentos, as acções régias.



edição
LIVROS HORIZONTE
distribuição
DIGLIVRO/MOVLIVRO

A HERESIA POLÍTICA DE ESPINOSA



A filosofia de Espinosa não foi elaborada na solidão do filosofar metafísico, como algumas interpretações defendem.

O "Filósofo maldito" viveu envolvido na intervenção política, apostado no combate ao regime feudal.

Mas, ao mesmo tempo, a sua filosofia não vestia a burguesia ascendente.

F. Cabral Pinto
conta-nos
"A Heresia
Política
de Espinosa"

edição
LIVROS HORIZONTE
distribuição
DIGLIVRO/MOVLIVRO

Texto de
João Isidro

A SOLUÇÃO FINAL DO PROBLEMA DOS FUMADORES

Com os comunistas na mó de baixo, os cristãos-novos indistinguíveis no panorama social e os terroristas passados de moda, o inimigo interno do Portugal eterno será, como ainda há duas décadas se dizia, a subversão comandada do estrangeiro?

Parece que agora também não. Ele está cá, convive connosco, se calhar até mora lá em casa. É o fumador.

Pertence a uma internacional sinistra que tende a poluir todo o Planeta, apesar de condenada pelos esforços de um Mac Gyver dotado de carne e osso, ainda que mais fraquinho no conteúdo da caixa craneana. É um cavaleiro português como já não era visto desde o Magriço. Chama-se Macário. Costuma ser visto para os lados de Vila Velha de Ródão, de Cacia ou do Barreiro, inalando ar puro a plenos pulmões, antes de entrar numa liça grande como o País.

Isolá-los em primeiro lugar

A solução final do problema dos fumadores passa, em primeiro lugar, por isolar os ditos.

Quanto a recintos desportivos fechados, mesmo que forrados a amianto tão bom para os pulmões, os fumadores aceitaram bem a exclusão.

Já no que diz respeito a restaurantes e átrios de hotel, este País ainda não entrou entrou na cruzada, como por exemplo sucedeu nos Estados Unidos, talvez devido ao lugar que o prazer ocupa nas mentes de um povo que deixou de iluminar as noites com as fogueiras de uns autos de fé para, mediocrementemente, só dar lume a folhas secas de tabaco.

Apenas nos aviões se conseguiu a realização pronta de um ghetto eficaz: os fumadores vão para os lugares onde o café chega frio e a cerveja tépida. Bem feito!

Avé Macário!

Ao mesmo tempo, levantam voo as taxas sobre cigarros, charutos, tabaco de cachimbo, rapé e até folhas de mascar (está tudo nas leis de Macário...).

Dado que é o próprio Macário que repete que o fim da vida aguarda quem fuma, os fumadores bem podem dizer-lhe, à maneira dos gladiadores que, no Circo Máximo, gritavam ao César atento na tribuna: «Avé Macário! Os que vão morrer é que te pagam!»

A coisa está bem vista, porque a solução final produz rendimentos que dão para tudo, até para andar por aí a espalhar, com justificado regozijo do Cartel de Medellin, que o tabaco

é uma droga que equivale aos estupefacientes. Existem neste ponto as dúvidas dos que juram a pés juntos nunca saberem que um carente de cigarros, com ou sem filtro, se tornou «ipso facto» assaltante de bombas de gasolina, velhinhas ou caixas das almas, e muito menos virtualmente homicida. Detalhes.

A dupla esperteza

Antes de poder acabar com o tabaco em Portugal, em coisa de uma geração, o nosso Macário quer dar lições ao Mundo e provar que a solução final do problema dos fumadores não dispensa algumas ironias de passagem.

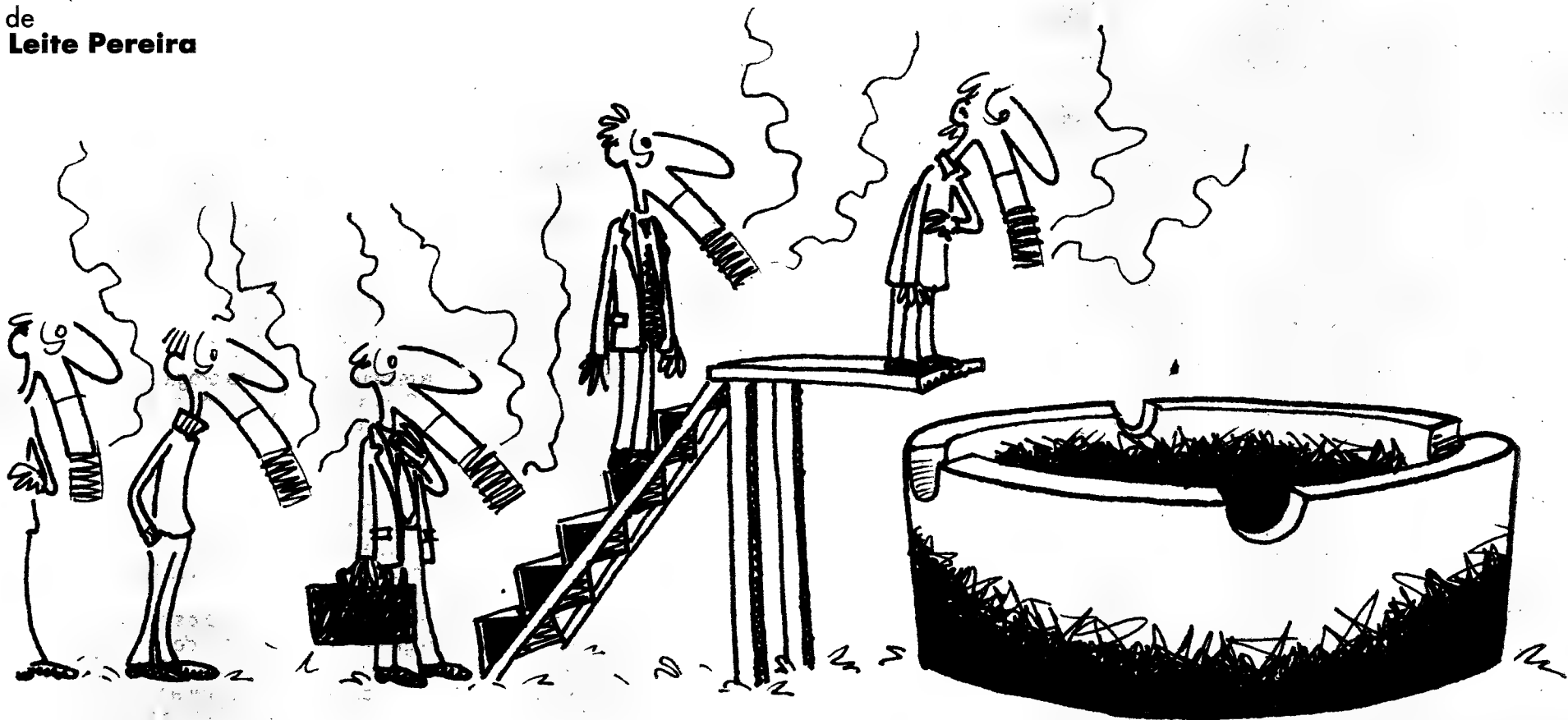
Começando pelas lições, dirige-se à Comissão da CEE e pede um rol de proibições que deixam a Lei de Moisés a perder de vista.

Ao mesmo tempo, olha de esguelha para os financiamentos que o Mercado Comum concedeu para apoiar o plantio do tabaco nas regiões do interior onde se alarga de dia para dia a mancha do eucaliptal.

Os fundos da CEE e as taxas sobre o tabaco vão, com os lucros da empresa pública que domina o nosso mercado, parar aos cofres geridos por ideólogos e simpatizantes da solução final do problema dos fumadores. ♦



Texto de
José Leite Pereira



No reino da fantasia **OS CHICLETES DE CACÁRIO MORREIA**

Há quinze minutos que ia no banco traseiro do automóvel e ainda não descobrira o que é que estava mal. De seguro, Cacário Morreia sabia apenas que alguma coisa estava diferente. O motorista não era: o contorno da cabeça era o mesmo. Engraçado, agora reparava que de tanto viajar no banco traseiro (o único em que tinha espaço para a opulenta barriga) do seu motorista só conhecia a nuca. Reconhecê-la-ia em qualquer circunstância. Também não era o cheiro a gasóleo. Já se habituara a ele. Primeiro pensara que era o velho Mercedes que deitava cheiro mas, quando foi obrigado a ceder o carro ao recém-nomeado ministro, verificou que o novo (por sinal, velho) automóvel também tinha esse problema. «É das ruas, das camionetas, está impregnado», dissera, sabedor, o motorista, sempre atento ao trânsito. E agora que recordava tão sábio parecer atingia sábia conclusão: a culpa de não conhecer a cara do motorista não era sua; ele é que nunca se virava para trás. Com o cheiro dos escapes já se habituara a viver. Decidira, por minutos, proibir a circulação das camionetas, mas desiludiu-se quando pensou no colorido e no movimento que a cidade perderia se fosse regulamentado o sistema de cargas e descargas, ou se impusessem níveis aceitáveis para os decibéis atingidos pelos escapes.

Seria pó acumulado nos estofos? É possível. Dera boleia ao ministro dos Estrangeiros e ele não parara de fumar. Por respeito à hierarquia nada pôde fazer. Três cigarros de S. Bento às Necessidades... e sem problemas de trânsito, que os batedores iam na frente.

Ficara cheio: o homem não parara de falar e de dar sonoras gargalhadas espalhando cinza por todo o lado. Admirara-se até como o chefe da diplomacia não se importava de aparecer em público com as bandas do casaco cinzentas de tanta cinza. Mas não era disso. Agora se lembrava que o motorista, por iniciativa própria, levaria o carro à lavagem. Seria dos produtos de limpeza? Detestava o cheiro dos perfumes e conhecia-os todos. Ainda há dias, em Cacia, ou teria sido em Benavente?, tivera que puxar de um vaporizador para suportar o cheiro exterior e o perfume (do vaporizador, claro) não lhe saíra das narinas durante dias. Um horror. Mas da limpeza não era também.

Esqueceu. Pegou nuns papéis com memorandos para uma reunião com moradores da zona do rio Trancão. «Cassete verde» rabiscara como menemónica. Outro dossier: a reunião com um ex-ministro agora patrão de uma grande papelaria. Não, disso não percebia nada, tinha de se aconselhar com o primeiro-ministro. Não se conseguia concentrar. Alguma coisa estava mal, faltava ali qualquer coisa. Voltou a pegar nos papéis e tomou apontamento de coisa essencial que não podia ser esquecida: desse por onde desse tinha de se conseguir um bom armazenamento de palha; com a abertura da época balnear teria de estar preparado para a eventualidade de um qualquer cargueiro ter um acidente e sujar as praias. Já se lembrara até de perguntar se a caruma dos pinheiros ardidos não faria o mesmo efeito. Se fizesse era um grande furo: com os



incêndios à porta a palha já nem seria precisa. «Produzir e poupar...», recordava, sorrindo, enquanto, pela janela, olhava embevecido para o padrão dos Descobrimientos. Que bem ficava o anúncio da Shell ali, de alto a baixo! Aquela história do mecenato cultural foi uma grande invenção da Teresa Pompeia. Ordenou ao motorista que metesse para dentro e parasse junto ao Tejo. Precisava de pensar. Assim se fez. Estacionado o carro entre dois buracos, Cacário saiu e propôs-se pequena caminhada. O carro que o seguisse que mais à frente entraria. «Incrível como o Marçal tomou ali banho. Lá que o homem tem coragem isso tem.» Puxou da caixa de chicletes e andou uns metros, agitando-a junto ao ouvido. Desde miúdo que adorava aquele barulho. Entrou no carro, meteu o último chiclete à boca, amassou a embalagem e... Era isso que faltava. O carro não tinha cinzeiros. Havia um grande buraco no tablier e dois, mais pequenos, nas portas traseiras. Sim senhor, era isso que

faltava. Ordenara, na véspera, ao motorista que retirasse os cinzeiros da viatura. Não que se sentisse tentado a fumar, mas a simples visão do cemitério para beatas enojava-o. Caixa de chicletes na mão, procurou lugar para ela. Realmente não havia. E a própria pastilha, que já não estava doce? Colocá-la-ia no lenço? Impensável mandá-la pela janela. Com todo aquele trânsito ali na 24 de Julho alguém poderia reconhecê-lo. Abriu a pasta e tirou um dossier. Aproximava-se de S. Bento para a reunião com o primeiro-ministro. Tinha dois ou três minutos para decidir se, no decreto contendo mais restrições ao uso do tabaco, constaria, como previra, a retirada de todos os cinzeiros de locais públicos e também dos automóveis. Talvez fosse mais aconselhável manter a decisão, mas ordenar também que em todos os locais públicos e nos automóveis sejam instaladas chicleteiras.



Desentrevista com Inocêncio Baforadas **TABACO BAIXOU O NÍVEL DA URBANIDADE**

«Decididamente, o tabaco baixou o nível da urbanidade», disse o dr. Inocêncio Baforadas, presidente da Sociedade Antitabágica Portuguesa (SAAP), em entrevista à «Mosca». Alertando para os inconvenientes deste «narcotismo contínuo», aquele especialista divulgou as conclusões dos mais recentes estudos sobre a matéria, que admitem concludentemente «que o uso do tabaco tem influência sobre os trabalhos espirituais».

«A Mosca» - Apesar do seu público empenhamento na luta contra o tabagismo, diz-se que continua a fumar às escondidas?

Inocêncio Baforadas - É falso e calunioso. Depois de eu ter fumado, como a maior parte dos estudantes, durante o meu curso médico, renunciei ao hábito de fumar, pelo que me considero actualmente feliz.

Corro, pois, o risco de ser considerado um renegado do tabaco de fumo, e, por conseguinte, as reflexões que ele me inspira serão talvez suspeitas a mais de um fumador.

Contudo, a minha intenção não é a de espezinhar o ídolo que adorei, mas apenas alertar para as consequências nefastas para a saúde do corpo e do espírito por força do uso do tabaco.

«A Mosca» - A primeira vez que se fuma, a sensação é, em regra, extremamente desagradável. O que é que leva então as pessoas a fumar?

I.B. - Fuma-se por imitação. Repare que um fumador parece ter sobre as outras pessoas a superioridade do homem que trabalha sobre o homem ocioso.

Parece que espalha o fumo em volta de si com um sentimento de satisfação. A sua sorte é invejada. Não se está bem ao seu lado. Querem imitá-lo porque julgam que ele experimenta uma felicidade de que estão privados. E imitam-no porque é da natureza do homem imitar o que vê fazer; o mal mais depressa que o bem.

«A Mosca» - Fenómeno idêntico ao

da moda?

I.B. - Precisamente. O poder da moda é tal que todos se lhe submetem, até os mais inteligentes. Chega-se a usar os fatos mais ridículos e incômodos e a aceitar os usos mais absurdos e menos justificados.

O mesmo acontece com o fumar. Numa reunião de homens, o que não fuma confessa, quase com embaraço, que não usa cachimbo, charuto ou cigarro. Parece que nisso há para ele um sinal de inferioridade.

Muitas vezes, alguns deles, para se porem ao par dos mais, acendem um charuto de que tiram algumas baforadas, posto que não experimentam o menor prazer. É certo que não o podem avaliar. Experimentam até certas sensações vertiginosas muito desagradáveis, mas mostram valor, seguem os mais como os carneiros de Panurge.

A MULHER DESPREZADA POR UM POUCO DE FUMO

«A Mosca» - O fumar é apenas um hábito ou mais do que isso?

I.B. - Resulta na satisfação de um hábito que, como todos os hábitos, se torna uma necessidade imperiosa. É principalmente após as refeições que esta necessidade exerce a sua tirania com mais violência.

É a ela que devem o singular espectáculo de todos os fumadores, e por conseguinte todos os homens, até os mais elevados, os quais, quando terminam a refeição, fogem da sociedade feminina para satisfazer, não direi a sua paixão, mas as exigências do seu hábito.

Que pensariam dos nossos costumes os homens da sociedade do século XIX, esses modelos da urbanidade e de civilização? Nunca premusariam que a mulher, a quem renderam verdadeiro culto e que rodearam de tantas e tão delicadas atenções, seria algum dia desprezada por um pouco de fumo.

Outros tempos, outros costumes, bem sei. Mas sobre este ponto de vista pode dizer-se que o nosso século é de progresso? Não me parece.

«A Mosca» - Mas estará essa descortesia assim tão generalizada?

I.B. - Houve uma época, que não vai longe, em que o homem bem educado não fumava onde estivesse uma senhora. Hoje, se há alguns que conservam essas sãs tradições de cortesia, há muitos que a omitem.

É facto que perguntam, antes de acenderem o charuto, se o fumo incomoda, e que obtêm permissão à custa quase sempre de timidez, que os amaldiçoa interiormente.

Mas sejamos justos, os fumadores ignoram quanto é desagradável a qualquer, que não fuma, colocado num espaço muito limitado onde se fume. Mas como impera o hábito, é necessário que lhe obedeçam.

Decididamente, o tabaco baixou o nível da urbanidade.

SE O DOENTE FUMA ESTÁ EM CONVALESCENÇA

«A Mosca» - Considera difícil deixar de fumar?

I.B. - Sim porque o fumador não possui um equilíbrio muito harmonioso em todas as suas funções para lutar, com vantagem, contra a influência do tabaco e saborear o seu acre aroma.

Nas doenças, enquanto o chá e o café continuam a ser agradáveis ao homem, o tabaco é-lhe antipático, o cheiro desagradável. Mas quando tem saúde retoma o seu querido hábito. É mesmo para o médico um sinal infalível; se encontra o doente fumando e fumando com prazer, à parte qualquer sintoma, pode ficar certo que ele está em plena convalescença.

«A Mosca» - O prazer de fumar é simples ou complexo?

I.B. - Diria que excessivamente complexo. Por exemplo, o prazer dos olhos

está para muitos em fumar. Repare num fumador todo entregue aos gozos que lhe proporciona o charuto.

Ao mesmo tempo que entregou o espírito a uma espécie de distração, segue atentamente com a vista as formas mais ou menos caprichosas, mas sempre diferentes, do fumo que expelle dos lábios, e de um modo que denota, à primeira vista, uma disposição cómoda.

Pergunte-se a esse homem que prazer experimenta não olhando para o fumo que desaparece na atmosfera. As mais das vezes não saberá responder e, todavia, se tenta fumar com os olhos fechados, não tarda a renúncia. Se teima, continua fumando o cachimbo ou o charuto apagado.

PARA UTILIZAR AS MÃOS E TIRAR O RETRATO

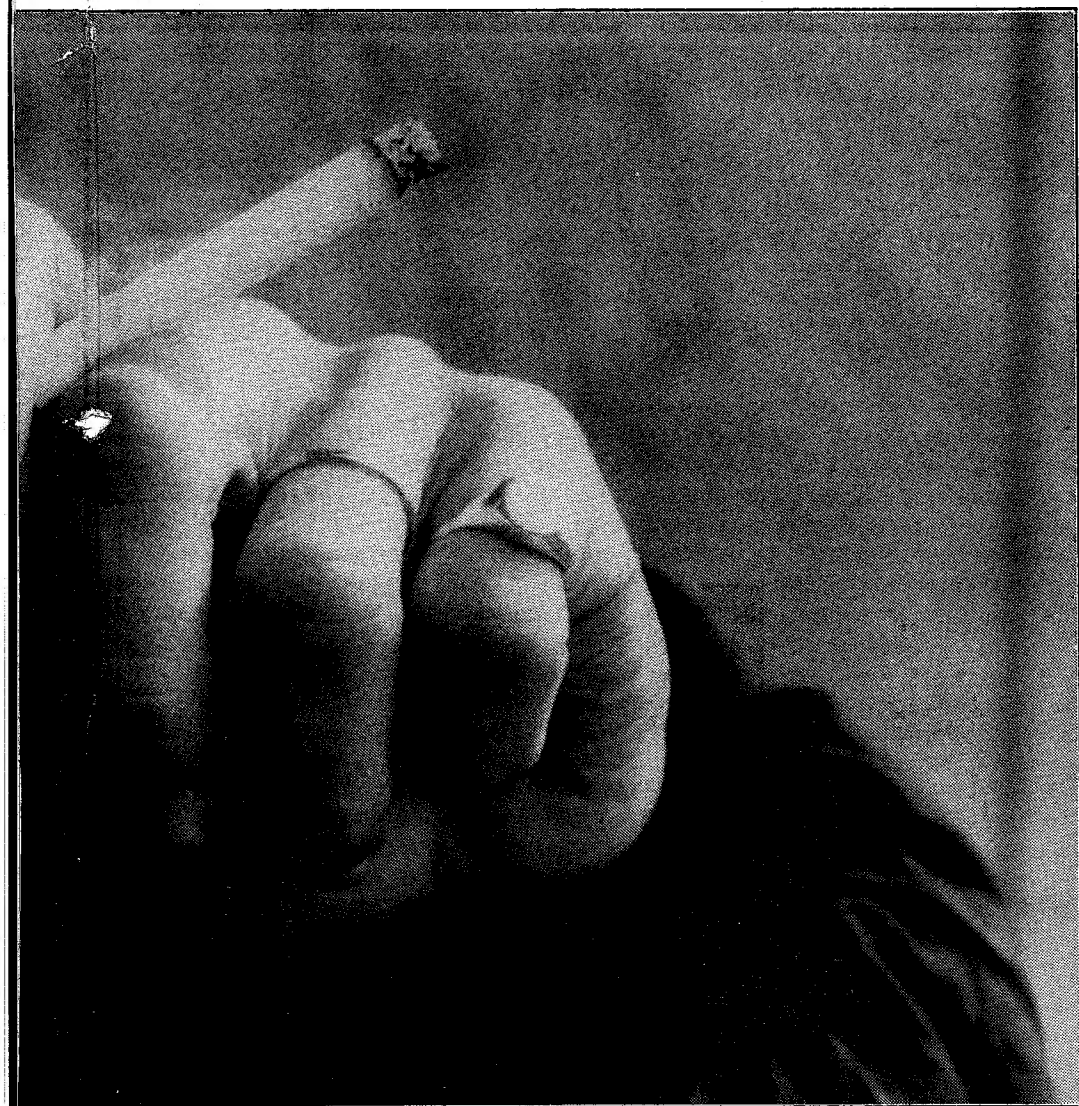
«A Mosca» - Essa visualização do fumo é assim tão importante?

I.B. - De facto, não há fumadores cegos. A renovação do fogo no charuto ou no cigarro, a maior ou menor regularidade com que se opera a combustão do tabaco, a maneira como a cinza se mantém, são assuntos de uma solicitude particular da parte do fumador, e, se está só, estas circunstâncias são para ele uma ocupação, uma verdadeira companhia.

Mas tudo isso faz parte do prazer dos olhos. À parte deste prazer, encontra-se no tabaco, ou antes na acção de fumar, alguma coisa muito saloia e que falta a muita gente: o porte.

Quando se fuma, as mãos estão ocupadas quer enrolando o cigarro, quer tendo entre os dedos o charuto ou o cachimbo. Em geral, muita gente não sabe o que fazer às mãos e, o que digo é tão verdade, há indivíduos que tiram o retrato com o charuto na mão.

Não creio que imaginem que estas insígnias os salvem do esquecimento como poderia fazer o pincel de um pintor. Não. Sustentam entre os dedos um charuto



narcotismo contínuo da inteligência nas pessoas que fumam muito, esta luta incessante do espírito não enfraquece naturalmente o desenvolvimento das faculdades intelectuais? Não sabemos responder.

Que termos de comparação se hão-de tomar num fumador? Podem apreciar o grau de inteligência, podemos perguntar a nós mesmos se se seria mais inteligente não fumando. Mas é claro que a resposta a esta última pergunta falta sempre.

O dr. Betllon, fazendo a estatística dos fumadores de um curso da Escola Politécnica, obteve para as três classificações do ano este resultado: entre os alunos que alcançaram os vinte primeiros lugares havia oito fumadores, entre os que obtiveram lugares entre o 2.º e o 4.º havia nove a 12 fumadores, e assim sucessivamente, isto é, mostrando que o número de fumadores cresce progressivamente à medida que a classificação é mais desfavorável.

Este resultado leva-nos, infelizmente, a uma série de números muito restritos para que se possa tirar uma conclusão. No entanto, outros estudos com o mesmo fim vieram confirmar que o uso do tabaco tem influência sobre os trabalhos espirituais. Por exemplo, Fousagriaes provou que em certos indivíduos o tabaco tem influência depressiva sobre a memória.

«A Mosca» - Não lhe parece prematuro tirar essa conclusão?

I.B. - Seja como for, e admitindo que, em geral, o tabaco não tem outra acção sobre a inteligência senão o estado de torpor de que falámos, é evidente que, repetindo-se com frequência, diminui cada vez mais a duração da actividade intelectual.

narcotismo afecta as faculdades intellectuais?

I.B. - É difícil responder. Será que este

ou um cigarro, por ser um meio de utilizar as mãos, que não sabem como as hão-de pôr.

Não descreverei a expressão da fisionomia do fumador. Todos a conhecem; Manet pintou-os com a sua horrenda realidade.

«A Mosca» - É verdade que o tabaco actua como estupefaciente?

I.B. - Sem dúvida. Os seus vapores narcóticos dão ao espírito grande sossego e particular tranquilidade.

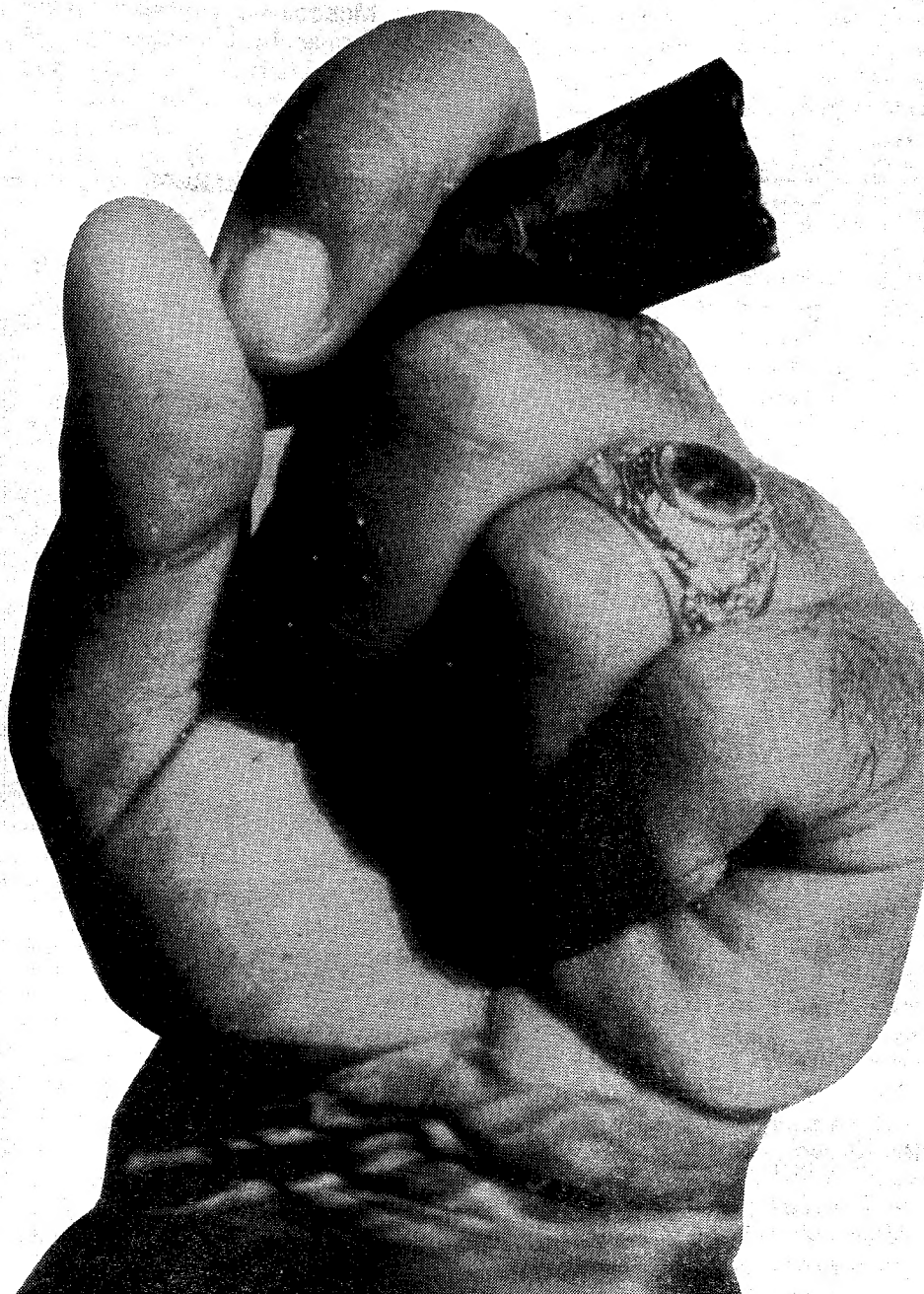
O fumador entrega-se a uma agradável distracção que não é bem a perda do fio das ideias ou da inteligência, mas as concepções são menos persistentes e menos perigosas.

E, coisa notável, se o fumador não quer deixar-se levar por esta influência - ou porque forma uma ideia dominante ou porque se entrega a um trabalho sério que lhe absorve toda a força viva do espírito - pode resistir à influência narcótica e reprimi-la.

Há homens muito inteligentes, sábios mesmo, que fumam trabalhando. Mas então há luta entre a inteligência e o narcótico, luta em que a primeira fica superior.

Efectivamente, no momento em que o espírito está mais preocupado, acende-se o charuto que logo se apaga. Noutras circunstâncias, se o esforço intelectual é menor, este pode andar a par do narcotismo. Assim, vêem-se muitos indivíduos a fumar, lendo romances, jornais, etc., numa palavra, obras que reclamam fraquíssima tensão de espírito e muitas vezes mesmo, quando o interesse do livro não é grande, o leitor redobra os cuidados e a atenção para o charuto, o qual termina por prendê-lo de todo. O seu olhar vagueia maquinalmente sobre a página. Já não lê, cai na distracção de que há pouco falei.

O TABACO FAZ DIMINUIR A ACTIVIDADE INTELECTUAL
«A Mosca» - Mas até que ponto esse



tual.

Supondo dois indivíduos iguais, sob o ponto de vista das faculdades espirituais, dos quais um fuma frequentemente e o outro abstém-se de todo, é evidente que num mesmo espaço de tempo a inteligência do último terminará a sua tarefa mais tarde e mais regularmente que a do fumador, que oito a dez vezes por dia é obrigado a sofrer a acção narcótica do tabaco.

Note que entre os homens mais notáveis pela massa de conhecimentos e trabalhos intelectuais não se vêem grandes fumadores.

ATRAVÉS DO TABACO CHEGA-SE AO ALCOOLISMO

«A Mosca» - Penso que este seu alerta é apenas dirigido aos grandes fumadores?

I.B. - Claro. Se houvesse sempre a prudência de fumar dois ou três charutos dia a dia não me ocuparia do uso do tabaco. Nesta dose, uma vez adquirido o hábito, o tabaco não pode ter perigo. Mas são poucos os fumadores que se limitam a tão pequena porção de tabaco. Grande número chega a doses consideráveis, fumam de manhã e até à noite, ou até mesmo quando se deitam.

Ora quando este hábito toma tais proporções o perigo surge. Aparecem dispneias teimosas e perturbações nervosas mais ou menos graves. Citam-se paralisias, palpitações, anginas de peito, etc. M. Sichel observou amouroses atribuídas ao abuso do tabaco.

«A Mosca» - Mas para lá desses inconvenientes, gostaria de lhe perguntar, por último, o que é que o fumador deve temer do tabaco?

I.B. - Para além desse narcotismo contínuo, que limita muito o trabalho espiritual, os fumadores devem recear muito da apetência para as bebidas fermentadas, a qual, avivada constantemente pela secura que o fumo de tabaco desperta na boca, torna-se uma necessidade não menos imperiosa que a primeira.

Eis um perigo ainda maior que o do próprio tabaco, porque se chega fatalmente ao alcoolismo.

Tal degradação é péssima e não tem desculpa.

Há profissões nas quais compreendo o uso e até o abuso do tabaco. O marinheiro encontra nele o meio de enganar os aborrecimentos de uma longa viagem. Ajuda os soldados a suportar o ar dos campos e talvez, mais de uma vez, tenha atenuado a ideia muito viva da Pátria ausente.

Mas que o homem inteligente, cuja vida é sempre ocupada em trabalhos de espírito, se entregue com excesso ao uso do tabaco, isso já não aceito.

Não posso deixar de citar, para terminar, as seguintes palavras de Dupytren, referidas por um seu discípulo: «Não compreendo (dizia o ilustre cirurgião) o progresso deste nocivo hábito entre as classes ilustradas. Não se acredita que um homem de educação consinta, de propósito, em abaixar o nível da inteligência; que um homem, que tem o orgulho da educação literária ou científica, prefira, como sublime gozo do espírito, o ignóbil prazer de se envenenar e de envenenar os outros.»

Nota - Esta desentrevista resulta da adaptação livre de um texto anónimo publicado na revista «O Occidente», no ano de 1898.

Texto de
Roby Amorim

AS MÚLTIPLAS CONTRADIÇÕES DO TABACO

Numa altura em que Gorbachev e Bush estão, com alguma intranquilidade, a fumar mais uma das suas intermináveis cachimbadas de paz, desfeiteando as cândidas iniciativas e fazendo desvanecer as terríveis ameaças anti-tabagísticas do eng. Macário Correia, o tabaco salta para a ordem do dia, como, um tanto inesperadamente, surgiu em Lisboa, ao que se diz, há precisamente 401 anos.

E surgiu para criar sucessivas contradições, que ainda não dão mostras de quererem encerrar o seu curso. A começar pela designação, que ninguém é capaz de informar com exactidão de onde provinha. O mais provável é que se trate de um termo antilhano (parece ter sido descoberto na ilha de Tobago durante a segunda viagem de Cristóvão Colombo às Américas), mas o douto Corominas faz uma proposta diferente. Ao que afirma, tabaco e atabaca, palavras de origem comprovadamente árabe, já se empregavam na Ibéria e na Itália muito antes da descoberta das Américas e serviam para

designar certas plantas e ervas medicinais, algumas das quais mareavam ou adormeciam.

Depois, as vantagens e as desvantagens. Damião de Gois a tal ponto acredita nas vantagens do tabaco que lhe chama «herva milagrosa» e, na maioria dos casos -- imagine-se -- em relação ao cancro. Vê-se o que escreve na «Crónica de D. Manuel», ao referir as novas plantas descobertas no outro lado do Atlântico: «e há a que chamamos do fumo, e eu chamaria erva santa, a que dizem que eles chamam *betum*, de cuja virtude poderia aqui pôr coisas milagrosas, de que eu vi a experiência, principalmente em casos desesperados de apóstemas viceradas, fistolas, caranaguejas, pólipos, frenesis e outros muitos casos.»

Para continuar, a relevância mundial dada a um espiãozinho de terceira ordem, o sr. Jean Nicot. O homem estava aqui em Lisboa a fingir que trabalhava (e por muito pouco tempo) na embaixada francesa, mas as suas habilidades eram

os relatórios secretos com que inundava a corte de Versalhes.

Um dia descobriu por aí a planta do tabaco (que para cá tinha sido trazido por um tal Luís de Gois que, enviuvando, ingressou na Companhia de Jesus e foi acabar os seus dias na Índia), ouviu falar das suas qualidades milagrosas e resolveu enviá-la para Catarina de Médicis, que muito aliviada ficou dos seus múltiplos achaques.

Catarina não fumava: aspirava rapé. Fumar, e, neste caso, cachimbo era para os homens duros. Sir Walter Raleigh fumava um cachimbo que lhe fora ofere-

cido, em 1586, por outro famoso aventureiro (use-se o eufemismo) dos mares, Francis Drake.

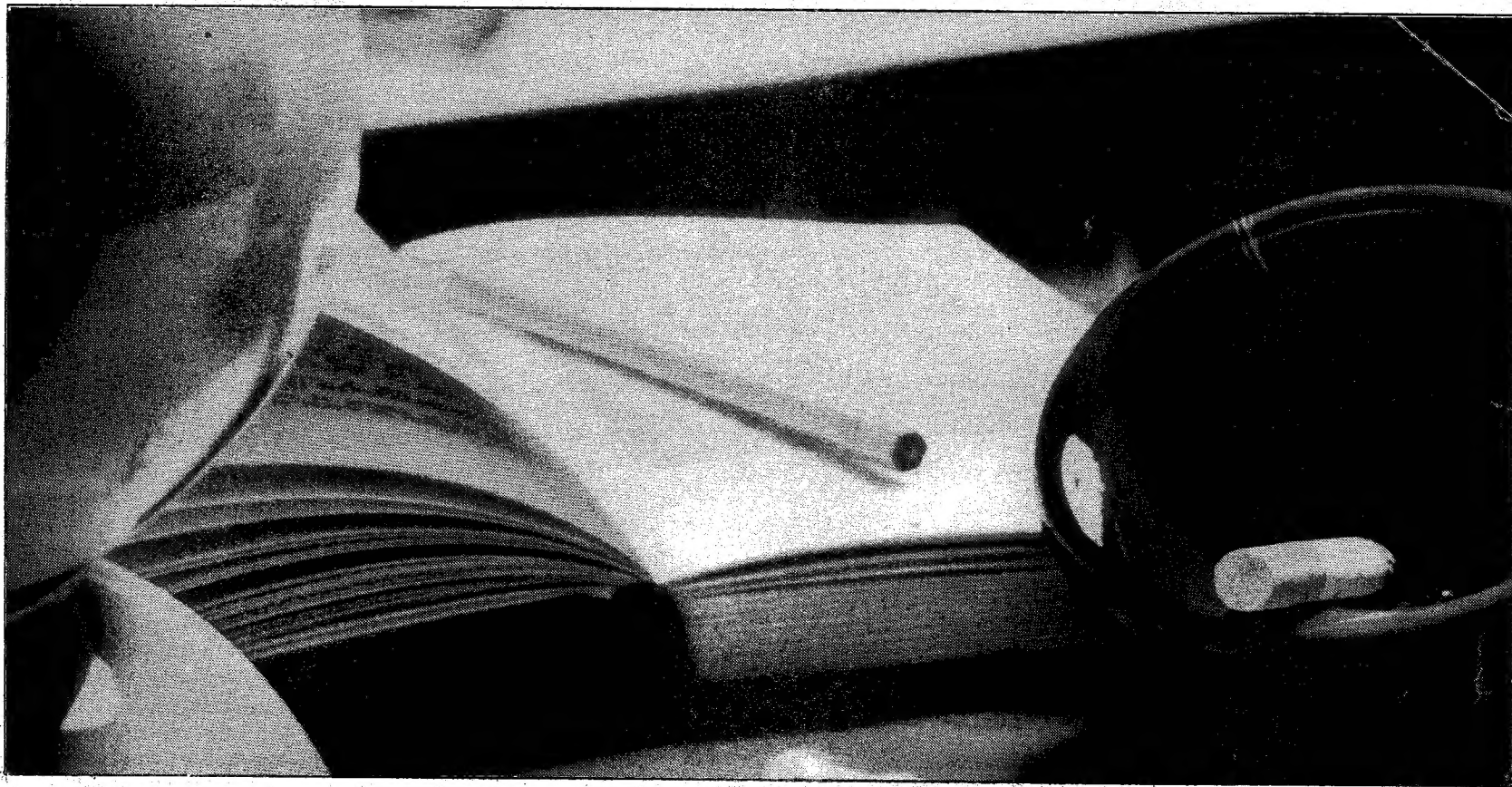
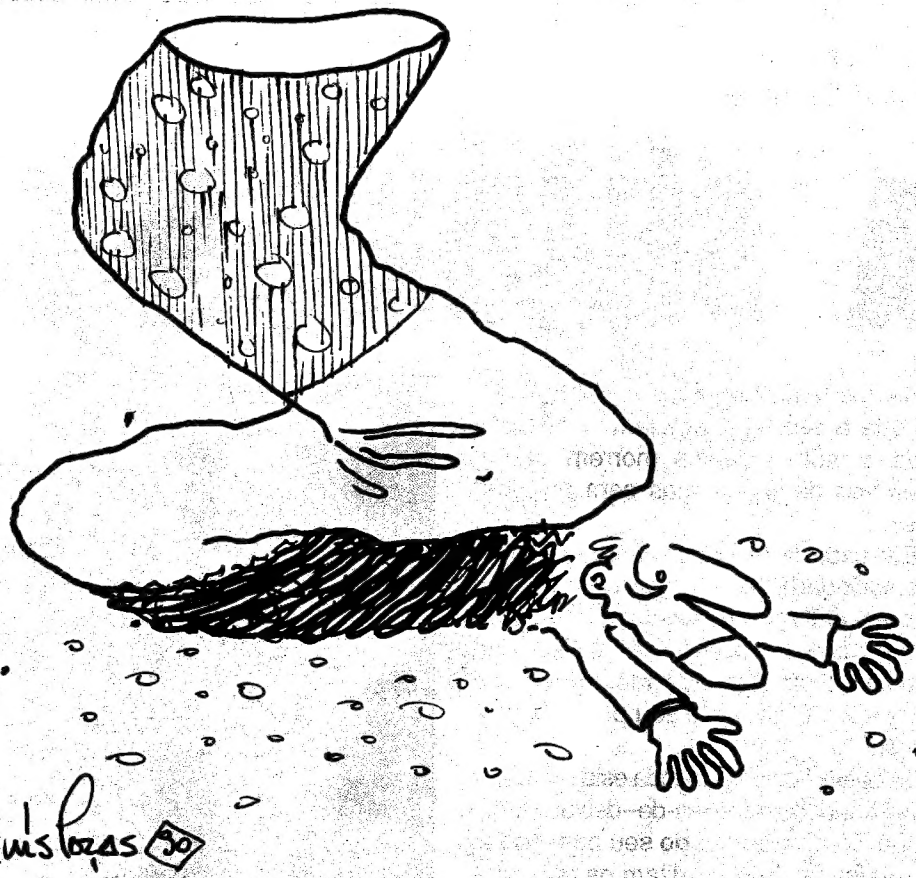
Até quase ao final do século passado, os portugueses seguiam o exemplo de Catarina de Médicis e alguém a fumar cachimbo nas ruas de Lisboa era, certamente, um estrangeiro, sempre olhado com um certo espanto. As classes mais pobres já há muito tinham adoptado o cigarro, picando o tabaco e enrolando-o num pouco de papel, que sempre era a forma mais barata de matar o vício. Os pescadores da ilha de S. Miguel nem precisavam da mortalha: limitavam-se a mascar o tabaco.

E se hoje nos queixamos dos preços astronómicos de uma maço de tabaco, já no século XIX se cantava por Trás-os-Montes, onde, de resto, era produzido, esta quadra: «Quero muito ao meu cigarro, / que me custou meu dinheiro, / quando vou falar às moças / serve-me de alcoviteiro».

Quem não gosta de tabaco é «A Mosca», depois de informada que duas gotas de nicotina pura causam a morte por asfixia ao mais rijo dos homens. E ao constatar que está presente na grande maioria dos insecticidas.

Isto, sem negar que esta breve crónica apenas tenha podido ser levada a cabo com a ajuda de pelo menos uns três cigarros...

Roby Amorim



STAND

PEÇAS ORIGINAIS

OFICINAS

FIAT

Estrada Serra da Mira, Lotes 124 - 126

Telefax 492 13 73

Fórmula 4

Concessionário Fiat

Casal de S. Brás — 2700 AMADORA

Telefs.: 493 27 24 - 492 03 48 - 492 29 49

CREDITO FIAT

Sistema Usado Seguro

FIAT

Texto de
Daniel Oliveira

A SÍNDROME DE MACÁRIO

Há quem não tenha para guardar mais do que a saúde. Acumulam-na durante toda a vida e depois morrem assim, cheinhos de saúde mas sem recordações.

É a moda deste fim século: ser saudável. Na sociedade do futuro a doença será crime punido por lei. No que diz respeito ao tabaco a situação é já preocupante. Os ataques aos fumadores são diários e o Estado é o seu principal promotor.

De quem é a culpa de toda esta situação? Dos fumadores-em-vias-de-deixarem-de-o-ser. Têm vergonha do seu passado e, ao terem-na, desacreditam os que convictamente continuam a fumar.

Quem é que não tem um amigo ou um familiar que deixou de fumar e se tornou em Macário? E isto não só por se transformarem nos mais primários anti-tabagistas mas também porque, como toda a gente sabe, deixar de fumar engorda.

Toda a gente sabe mas é um facto que nunca é lembrado nas campanhas contra o tabaco. Quem fica perplexo com o militantismo anti-tabágico do secretário de Estado do Ambiente pode agora começar a entender até que ponto não fumar pode prejudicar a saúde.

Sempre que você, caro fumador, pensar em deixar de fumar, olhe bem para Macário Correia. Não fumar prolonga a vida, o que põe em risco a saúde mental de todos os fumadores, tendo em conta que, por sua vontade, o dito membro do Governo seria secretário de Estado até ao fim dos seus dias.

Ele nasceu para a política, disse ninguém duvida, e nem mesmo se todos os petroleiros do mundo, subsidiados, evidentemente, pelo cartel do tabaco, resolvessem despejar o seu pestilento crude na costa portuguesa, Macário Correia desistia.

A poluição dos rios portugueses, o problema dos resíduos industriais ou a invasão descontrolada do eucalipto são questões secundárias quando comparadas com o drama desses milhões de suicidas que dão pelo nome de fumadores.

A Tabaqueira está no centro de toda esta manobra para destruir o equilíbrio da nossa sociedade. Essa empresa, que dá dezenas de milhões de contos ao Estado, mais não é do que um cancro no seio do mesmo.

Os que querem o fim do guardião dos quase 20 milhões de pulmões portugueses que se desenganam. Ele é um corredor de fundo, resiste a todas as contrariedades, e tem a experiência das grandes provas, que lhe foi dada pela prática do ciclismo.

Os seus inimigos são os seus pacientes e terão de ter paciência. A cruzada só terminará quando tivermos uma geração de não fumadores, todos muito anafadinhos, com olhos azuis, pestanas grandes, caracois pretos e barrigas salientes.

Há ainda a questão dos fumadores

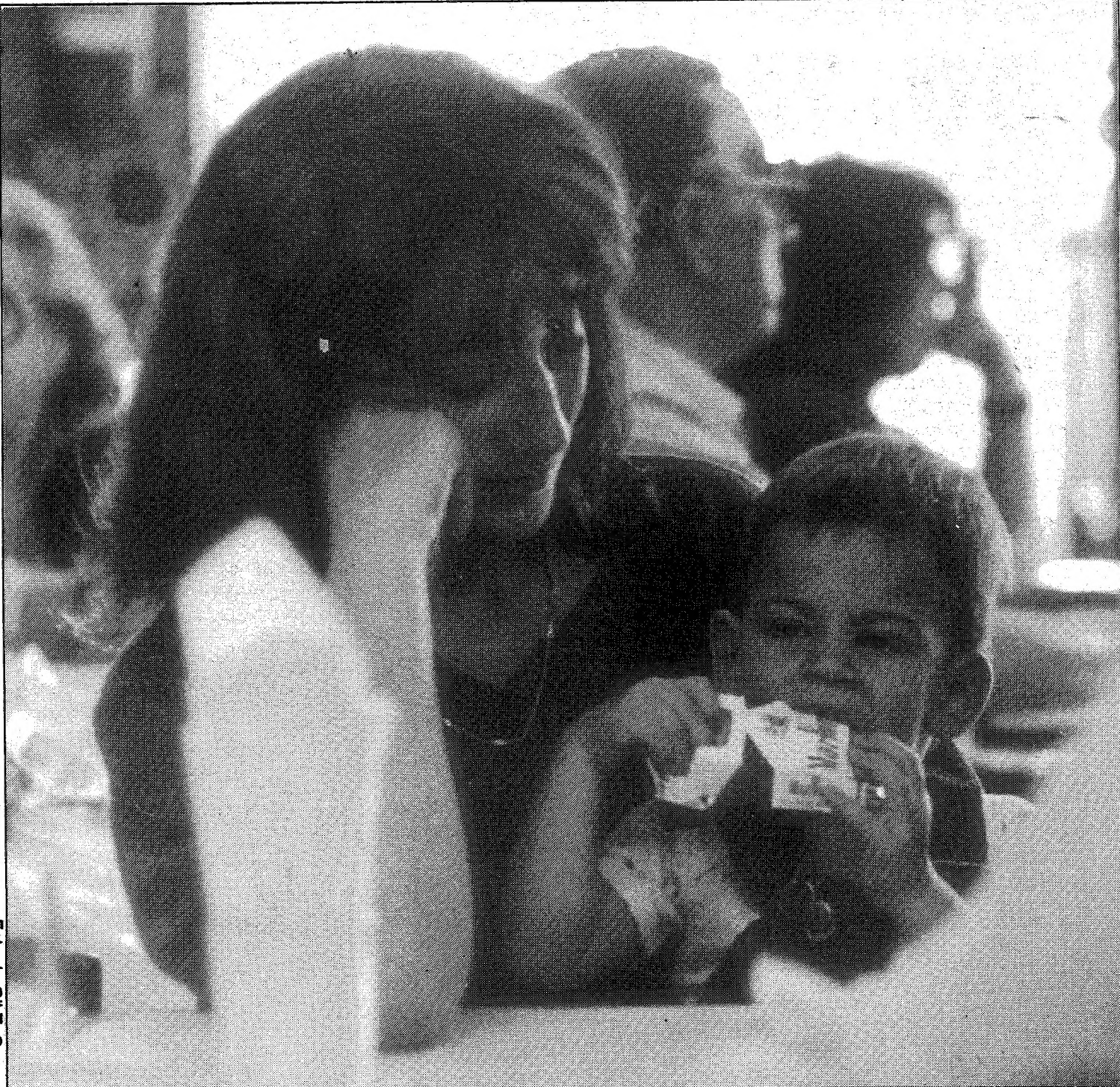


Foto de Gil T. Guerra

passivos. E se você, caro toxicodependente de SG's, julga que alguém está preocupado com o facto dessa gente fumar grande parte dos seus cigarros sem gastar um tostão, mais uma vez está equivocado.

É que apesar dos tais passivos consumirem em enormes quantidades o tabaco que você compra, não gostam de o fazer. Ingratos, dirá você. Pois é mas eles são a maioria e isto da democracia tem destas coisas.

Macário está preocupado com a sua saúde, talvez como forma de gratidão para consigo, que cada vez que compra um maço do vil veneno lhe está a dar uns trocos para ele fazer mais campanhas contra si.

Mas a preocupação do secretário de Estado do Ambiente dirige-se sobretudo aos pulmões dos passivos açambarcadores. É batota, acha você, e com razão. Se querem campanhas para eles, então que as paguem. Podiam aumentar o peso fiscal sobre as pastilhas elásticas para as subsidiar, porque como toda a gente sabe só eles consomem este abominável produto.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de ☐ 1 ANO — 18 000\$00
☐ 6 MESES — 9 000\$00
☐ 3 MESES — 4 500\$00
☐ 1 MÊS — 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00. • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

A MOSCA

